



**DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E
MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO
LINHA DE PESQUISA (03)**

**CULTURA E CONHECIMENTO: TRANSVERSALIDADE,
INTERSECCIONALIDADE E (IN)FORMAÇÃO**

MARIEL EVA CISNEROS

**ABRINDO A PORTEIRA:
Agrupamentos rurais, construções interdisciplinares, estéticas
contemporâneas em Uruguai**

Salvador - BA

2017

MARIEL EVA CISNEROS

**ABRINDO A PORTEIRA:
Agrupamentos rurais, construções interdisciplinares, estéticas
contemporâneas em Uruguai**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Difusão do Conhecimento.

Orientador:

Prof. Dr. Eduardo D. De Oliveira

Co – Orientador:

Prof. Dr. Fernando Miranda Somma

Salvador - BA

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Mariel Cisneros López

ABRINDO A PORTEIRA: Agrupamentos rurais, construções interdisciplinares e estéticas contemporâneas em Uruguai/ Mariel Eva Cisneros L. - Salvador, BA: [sn] 131 páginas, 2017

Orientador: Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira.

Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2017.

1. Transformações culturais; 2. Estética da contemporaneidade; 3. Educação Rural; 4. Criatividade; 5. Difusão do Conhecimento. I. Oliveira Eduardo de II. Universidade Federal da Bahia, Programa DMMDC, Faculdade de Educação. III Título: ABRINDO A PORTEIRA: Agrupamentos rurais, construções interdisciplinares e estéticas contemporâneas em Uruguai/ Mariel Eva Cisneros L. - Salvador, BA: [sn] 133 páginas, 2017

PÁGINA DE APROVAÇÃO



ATA DE DEFESA DE TESE DA DOUTORANDA **MARIEL EVA CISNEROS** NO DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Ao Vigésimo quinto dia do mês de outubro de dois mil e dezessete, às 09:00h, reuniu-se na FAGED, Auditório I, a Comissão Examinadora composta pelos professores doutores: Eduardo Oliveira (Orientador), Dante Augusto Galeffi, Maria Inês Corrêa Marques, Suely Aldir Messeder, Cristiane Santos Souza e Fernando Miranda, para julgar o trabalho intitulado **“ABRINDO A PORTEIRA: TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS, ESTÉTICAS CONTEMPORÂNEAS E CONSTRUÇÕES INTERDISCIPLINARES”**, de autoria de **Mariel Eva Cisneros**. Após a arguição e discussão, a Banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando à conclusão que este foi APROVADO. Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Examinadora encerrou a reunião da qual eu lavrei a presente ATA, que após lida e achada conforme, vai assinada pelos presentes e encerrada por mim, Eduardo Oliveira.

Salvador, 25 de outubro de 2017.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Oliveira (Orientador)..... *Eduardo Oliveira*
Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi..... *Dante Augusto Galeffi*
Profa. Dra. Maria Inês Corrêa Marques..... *Maria Inês Corrêa Marques*
Profa. Dra. Suely Aldir Messeder..... *Suely Aldir Messeder*
Profa. Dra. Cristiane Santos Souza..... *Cristiane Santos Souza*
Prof. Dr. Fernando Miranda..... *Fernando Miranda*

Confere com o Original

Em, 26 / 10 / 2017

Mariel Eva Cisneros

SIRPE nº 2156924

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui um enorme abraço grato pelos caminantes que me acompanharam nesta longa estrada de 1460 dias que nos levou a estudar este doutorado. Para aqueles que me abraçaram, me apoiaram, me ajudaram, repreenderam-me, corrigiram-me, amaram-me e me fizeram aprender e desenvolver a multi-intertransdisciplinaridade.

Também para aqueles que beberam, comeram, sorriram e choraram comigo ... foi com todos vocês que consegui abrir esta Porteira

Mariel da Bahia¹

¹Apelido que me colocaram ao entrar no Doutorado em 2013

MARIEL Eva Cisneros L. Título: ABRINDO A PORTEIRA: Agrupamentos rurais, construções interdisciplinares, estéticas contemporâneas em Uruguai. 133 f. 2017. Defesa de tese de Doutorado, Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. DMMDC – FACED – Universidade Federal da Bahia.

RESUMO

Esta pesquisa abriu uma porteira para entrar no mundo rural e investigar os acontecimentos sociais que ocorrem nas festas ligadas à Escola Rural do Ensino Fundamental no Uruguai. As relações, conexões e redes criadas a partir desses eventos foram discutidas com o objetivo de apreender o sentido dos intercâmbios, das configurações sociais e da estética de algumas comunidades nessa região. Usando a metáfora de 'intercâmbios entre contextos', o trabalho constrói pontes entre arte e Antropologia, tentando dar um valor heurístico às competências interdisciplinares da pesquisa. As escolas rurais agrupadas configuram uma célula básica de organização educacional que se chama *Agrupamento Escolar*, nesses quadros contemporâneos complexos as comunidades criam conhecimento e o espalham nos seus encontros festivos. O trabalho ligou o conceito de mudança/transformação cultural ao agir criativo e foi definido como fio condutor da análise dos assuntos abordados. O referencial teórico metodológico experimentado no DMMDC, enriquecido com as discussões e contribuições da Línea de Pesquisa 03, foram transversalizados até conseguir uma abordagem multirreferencial. Os entrecruzamentos dos métodos da Antropologia e da Arte favoreceram a observação dos eventos festivos das comunidades do meio rural onde acontecem as festas com tradições de campo. As ferramentas técnicas do método etnográfico que foram utilizadas na observação e participação das festas e nas entrevistas, se aproveitaram integralmente num diálogo intersubjetivo com os povoadores dessas áreas do campo uruguaio. A tarefa final deste trabalho foi aproximar e discutir a abordagem colaborativa, dialógica e participativa entre a academia (a pesquisadora) e o conhecimento da comunidade rural.

Palavras-chave: 1. Transformações culturais; 2. Estética da contemporaneidade; 3. Educação Rural; 4. Criatividade; 5. Difusão do Conhecimento.

MARIEL Eva Cisneros Título: ABRIENDO LA PORTERA: Transformaciones culturales, estéticas contemporáneas y construcciones interdisciplinarias. 133 f. 2017. Defensa de tesis de Doctorado, Programa de Doctorado Multo-institucional y Multidisciplinar en Difusión de Conocimiento. DMMDC - FACED – Universidad Federal de Bahía.

RESUMEN

Esta investigación abrió una portera para entrar en el mundo rural e investigar los acontecimientos sociales que ocurren en las fiestas vinculadas a la Escuela Rural de Enseñanza Primaria en Uruguay. Las relaciones, conexiones y redes creadas a partir de estos eventos fueron discutidas con el objetivo de aprehender el sentido de los intercambios, las configuraciones sociales y la estética de algunas comunidades en esa región. Usando la metáfora de 'intercambios entre contextos', el trabajo construye puentes entre arte y antropología, intentando dar un valor heurístico a las competencias interdisciplinarias de la investigación. Las escuelas rurales agrupadas configuran una célula básica de organización educativa que se llama Agrupamiento Escolar; en estos cuadros contemporáneos complejos las comunidades crean conocimiento que luego se divulga en sus encuentros festivos. El trabajo vinculó el concepto de cambio / transformación cultural al de acto creativo y fue definido como hilo conductor del análisis de los asuntos abordados. El referencial teórico metodológico experimentado en el DMMDC, enriquecido con las discusiones y contribuciones de la Línea de Investigación 03, fueron transversalizados hasta lograr un enfoque multirreferencial. Los entrecruzamientos de los métodos de la Antropología y del Arte favorecieron la observación de los eventos festivos de las comunidades del medio rural donde ocurren las fiestas con tradiciones de campo. Las herramientas técnicas del método etnográfico que fueron utilizadas en la observación, participación de las fiestas y en las entrevistas, se aprovecharon íntegramente en un diálogo intersubjetivo con los pobladores de esas áreas del campo uruguayo. La tarea final de este trabajo fue la de aproximar y discutir el enfoque colaborativo, dialógico y participativo entre la academia (la investigadora) y el conocimiento de la comunidad rural.

Palabras-clave: 1. Transformaciones culturales; 2. Estéticas contemporáneas; 3. Educación Rural; 4. Creatividad; 5. Difusión de Conocimiento.

MARIEL Eva Cisneros L. Title: OPENING THE GATE: Cultural transformations, contemporary aesthetics and interdisciplinary constructions. 133 f. 2017. Defense of Ph.D thesis, Multi-institutional and Multidisciplinary Doctoral Program in Knowledge Diffusion. DMMDC – FACED – Federal University of Bahia.

ABSTRACT

This research opened a gate to enter into the rural world and investigate the social events that occur in the celebrations of the Rural Primary School in Uruguay. The relationships, connections and networks created from these events were discussed with the aim of finding the meaning of the exchanges, the social configurations and the aesthetic of some communities in that region. Using the metaphor of 'exchanges between contexts', the work builds bridges between art and anthropology, trying to give a heuristic value to the interdisciplinary competences of research. The rural schools grouped constitute a basic cell of educational organization that is called '*Agrupamiento Escolar*'; in these complex contemporary frames communities created knowledge and spread it in the meetings. The work linked the concept of cultural change together the creative act and was defined as the guiding thread of the analysis of the subjects studied. The theoretical methodological framework experienced in the DMMDC, improved with the discussions and contributions of by the Research Group number Three of the program 'Culture and Knowledge: Transversality, Intersectionality and (in)Formation', were traversed until a multi referential approach was reached. The intersections of the methods of Anthropology and Art favored the observation of the festivals of the communities at the rural environment. The technical tools of the ethnographic method that were used in the observation, participation of the parties and in the interviews were used in an inter-subjective dialogue with the inhabitants of these areas of the Uruguayan countryside. The final task of this work was to approach and discuss the collaborative, dialogical and participate approach between the academy (the researcher) and the knowledge of the rural community.

Key words: 1. Cultural transformations; 2. Contemporary aesthetics; 3. Rural Education; 4. Creativity; 5. Knowledge Diffusion

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEP: Administração Nacional de Educação Pública

CAPDER: Coordenador de Apoio Pedagógico e Didático da Educação Rural

CCTE: Centro Ceibal de Tecnologia Educativa

CEIBAL: Conectividade Educativa de Informática Básica para Aprendizagem em Linha

CEIP: Conselho de Educação Inicial e Primária

CODICEN: Conselho Diretivo Central do Ensino

CRIE: Centro Rural de Inovação Educacional

DER: Departamento para Educação Rural

DMMDC: Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão de Conhecimento

FACED: Faculdade de Educação

IENBA: Instituto Escola Nacional de Belas Artes

IICA: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura

INIA: Instituto Nacional de Investigação Agropecuária

MGAP: Ministério de Pecuária, Agricultura e Pesca

OEI: Organização dos Estados Ibero-americanos

UDELAR: Universidade da República

UFBA: Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Pág. 1
Prefácio-----	11
1- Estruturas-----	12
2- Percursos–Caminhos-----	13
3- A lógica dos encontros -----	17
4- Localização temporal e espacial -----	21
5- Perfis -----	25
PRESSUPOSTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS	29
1- Definições -----	29
2- Quando eu era o outro -----	34
3- Abrir a Porteira -----	39
4- No campo -----	41
CAPÍTULO 1- EDUCAÇÃO RURAL	47
1.1 Antecedentes das transformações -----	47
1.2 Educação rural: movimento social que gera transformações-39	
1.3 A Escola rural um Centro Cultural -----	54
CAPÍTULO 2 – O AGRUPAMENTO ESCOLAR	58
2.1 O Modelo -----	58
2.2 Os primeiros Agrupamentos -----	63
2.3 Os Bons Vizinhos -----	65
CAPÍTULO 3 – ENCONTROS FESTIVOS	79
3.1 A festa como espaço de fundamentação empírica -----	79
3.2 Festa e Escola num mesmo ritual performático -----	82
3.2.1 Festa da Integração -----	84
3.2.2 Festival Cultural do final dos cursos -----	86
3.2.3 Festa de Benefício -----	88
3.3 Notas etnográficas do diário de campo -----	93
3.4 Fim da Festa -----	96
CAPÍTULO 4 – EFICACIA do REGISTRO VISUAL e SONORO	98
4.1 Contribuições do uso de imagens e sons -----	98
4.2 Arte e Cultura Visual na multirreferencialidade -----	102
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FECHAR	105
Arte e Antropologia em trânsito interdisciplinar -----	105
REFERÊNCIAS -----	111
APÊNDICE -----	116
ANEXOS -----	117

Sou biólogo, e viajo muito pela savana de meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, eu sou analfabeto.

Mia Couto (Buenos Aires, 2016)

INTRODUÇÃO:

Prefácio

O presente texto trata sobre o trabalho realizado durante quatro anos no Programa de Doutorado Multi - institucional e Multidisciplinar em Divulgação do Conhecimento (DMMDC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). As contribuições aqui apresentadas se referem a novas experiências no campo da Análise Cognitiva (AnCo), ligadas ao enfoque multireferencial e à teoria Polilógica que esse Programa propõe. Realizar o trabalho sob essa perspectiva significou articular os conhecimentos de uma série de disciplinas, de modo que o trabalho apresentará pluralidade e heterogeneidade nos conceitos teóricos desenvolvidos.

Baseada nesses princípios, a proposta epistemológica desta tese exhibe uma dimensão interpretativa que define um ponto comum entre hermenêutica e fenomenologia (GHASARIAN, 2008), onde o olhar científico interdisciplinar concebe a arquitetura conceitual do trabalho.

O encontro das disciplinas Arte e Antropologia² atravessadas em todas as suas dimensões e associadas através da AnCo e define os resultados deste trabalho, multireferencial, polilógico e multidimensional. Essa fusão foi decisiva no momento de criar as categorias que desenvolvi durante a minha formação neste doutorado. Nesta circunstância tive a oportunidade de aprender e refletir mais especificamente sobre as minhas experiências antropológicas conectadas com a formação artística. Consegui revalorizar a importância, a riqueza e o esforço do trabalho de campo; intuir e compartilhar as aprendizagens multi - interdisciplinares do DMMDC e conectar a sensibilidade, a racionalidade e os processos criativos de transformação e adaptação de algumas comunidades rurais do Uruguai contemporâneo. As teorias atuais sobre as novas ruralidades permitem a revisão de um conceito que me interessa desenvolver neste trabalho:

²- Entendendo Arte e Ciência em sentido amplo.

El dinamismo en el que se encuentran los espacios rurales en la actualidad rompe con la imagen tradicional del medio haciendo que, según el grado en que se incorporan los cambios, la realidad sea muy desigual. El espacio pasa a ser valorado como multifuncional y se da lugar a diferentes ruralidades que incorporan en mayor o menor medida algún condicionante económico, social y/o cultural de los comentados. Debido a que no se trata de un nuevo escenario uniforme no es correcto hablar de la nueva ruralidad como único contexto. (MARTÍNEZ e outro, 2011 p. 7)³

1-Estruturas

Sob o ponto de vista da estrutura, o texto propõe uma primeira secção metodológica e epistemológica onde se estabelecem os detalhes sobre o trabalho de campo e a construção do objeto de estudo com uma abordagem etnográfica e uma primeira visão estética do assunto.

Nessa secção se define também a proposta epistemológica que contém os conceitos teóricos que sustentam o caminho percorrido neste trabalho. *Abrir a porteira* é o conceito central que propõe o desenvolvimento das categorias do fenômeno abordado. A teoria Polilógica e multireferencial combinará os processos científicos de unidade entre as disciplinas que sustém essa tarefa.

Os capítulos seguintes deparam a etnografia propriamente dita que projeta esta tese, este espaço de fundamentação empírica evidenciou o local que ocupam hoje os fatos observados. A escola rural associada ao desenvolvimento local é descrita a continuação como parte de um movimento sociopolítico educacional que dá sentido às transformações das ruralidades contemporâneas no Uruguai.

O *Agrupamento*⁴ Escolar, que começou se chamando *Bons Vizinhos* e trocou

³-O dinamismo dos espaços rurais atuais rompe com a imagem tradicional desse meio, tornando a realidade muito desigual dependendo do grau e intensidade das mudanças. O espaço passa a ser valorizado como multifuncional e dá origem a diferentes ruralidades que incorporam, em maior ou menor grau, algum condicionamento econômico, social e / ou cultural. Como não é um novo cenário uniforme, não é correto falar da nova ruralidade como o único contexto. (Tradução nossa)

⁴--Neste texto, a palavra *Agrupamento(s)* que em português significa: ato de agrupar (dicionário Aurélio on line) respeitando as expressões locais de uso será redigida em itálico de acordo com as

sua denominação no transcurso da pesquisa, será tratada no próximo segmento como núcleo grupal social que define as interações e os acordos ali realizados. Constitui-se como uma organização específica que socializa, une e gera transformações. Um **Agrupamento Escolar** é um modelo de organização institucional da Educação Rural criado para promover o desenvolvimento de projetos e atividades conjuntas entre várias escolas no Uruguai. Na Espanha o modelo recebe o nome de CRIE (Centro Rural de Inovação Educacional); no Paraguai, é conhecido como Áreas Educacionais (SANTOS, 2010).

Para concluir os aspectos etnográficos, serão apresentados os encontros festivos, reuniões, festas, homenagens ou celebrações que aconteceram durante esses quatro anos de trabalho. No último capítulo tenho que refletir sobre o uso de imagens e a lógica usá-las. São anexados os detalhes do arquivo de som e suas qualidades, bem como uma discussão sobre a cultura visual e os conceitos que acompanharam a Análise Cognitiva desse processo

Na seção das considerações finais faço um resumo sobre as contribuições para o Programa e sobre o significado de misturar Arte e Antropologia no transcurso da construção interdisciplinar.

2-Percursos/Caminhos

Entre as atividades desenvolvidas na busca de outras contribuições e de outros olhares para interpretar linguagens, estruturas e processos sociais, percorri alguns países da América Latina apresentando *papers*, artigos, *performances*, amostras e conferências em diferentes foros internacionais.

Compartilhei diferentes dimensões da criatividade, com a intenção de testar e discutir os achados e os avanços que estava construindo ao mesmo tempo em que participava ativamente no trabalho de campo no território rural uruguaio; tudo isso

aconteceu durante os 1460 dias em que se estenderam os cursos no DMMDC. Nesse universo percorrido e cheio de saberes me senti (como Mía Couto, epígrafe) absolutamente analfabeta e foi esse mesmo estado de analfabetismo o que me permitiu abrir o meu coração à subjetividade dessas pessoas e aprender na intimidade de seus lares sobre suas expectativas, desejos, ilusões e projetos de vida. A partir desse lugar tive acesso ao material visual e sonoro dos locais onde estive que organizei num arquivo e será apresentado no apêndice.

Segundo o estado da arte resultado da pesquisa até o ano de 2016, o assunto definido para este trabalho não tinha sido analisado considerando a pesquisa interdisciplinar. Devido a essa peculiaridade, após tomar a decisão de realizar uma tese apoiada nas propostas multirreferenciais do Programa DMMDC, incluí teorias e métodos de Antropologia associados aos métodos de sensibilização, experimentação e exploração da arte para dar coerência à ideia que estava propondo. Criando, disseminando o conhecimento em uma articulação polilógica foi a estratégia que usei ao aplicar minha própria estética nos processos de investigação da tese.

Inspirada em teorias da arte contemporânea e em outras fontes artísticas observei linguagens, práticas cotidianas, universos discursivos e paisagens rurais procurando acessar uma praxe sócio estética (MOYA, 2008) específica que ocorre nos locais escolhidos para desenvolver a pesquisa. Nesta tese se entende o conceito estética (escrita e colorida dessa forma) como aquele sentimento ou fato que dá sentido e resulta da sensibilidade das pessoas, associado ao compromisso e aos valores sociais que rodeiam suas ações e decisões em frente ao resto da comunidade.

Ao integrar-me às atividades da vida comunitária foi uma concessão importante que me foi dada e nesse lugar me apropriei desses saberes criados a partir de sua sensibilidade estética -aesthesis- no sentido mais antigo do termo.

La palabra *aesthesis*, se origina en el griego antiguo, es aceptada sin modificaciones en las lenguas modernas europeas. Los significados de la palabra giran en torno a vocablos como sensación, proceso de percepción, sensación visual, sensación gustativa, o sensación auditiva. A partir del siglo XVII el concepto *aesthesis* se restringe [no se acepta esta restricción en este caso] y de ahí en adelante el concepto pasará a significar *sensación de lo bello*. Nace así la estética como teoría, y el concepto de arte como práctica [...] Esta operación cognitiva constituyó, nada más y nada menos, la colonización de la *aesthesis* por la estética; puesto que, si *aesthesis* es un fenómeno común a todos los organismos vivos con sistema nervioso, la estética es una versión o teoría particular de tales sensaciones relacionadas con la belleza. Es decir, no hay ninguna ley universal que haga necesaria la relación entre *aesthesis* y belleza. (MIGNOLO, 2014, p. 32)⁵

Neste caminho almejo reconstruir e descrever as transformações e adaptações culturais que ali acontecem e as maneiras que esse grupo de pessoas tem de se relacionar socialmente. E eu vou acompanhando a proposta de Dante Galeffi (2017) quando ele diz:

Ouso pensar todo o conhecimento como uma fenomenologia Polilógica, que não se limita ao horizonte determinado pela filosofia e cultura do Ocidente, e que procura pensar a condição humana em sua marcha múltipla e diversa, mantendo uma relação com a inteligência criadora para além dos limites da racionalidade técnica dominante e usurpadora dos outros tantos horizontes possíveis de poder - ser humano. (GALEFFI, 2017, p. 12)

Vou escrever neste documento uma relação dos eventos organizados por escolas rurais que acompanhei desde o ano 2009 até o momento em que escrevo estas páginas. Tentarei fazer uma descrição etnográfica do que aconteceu por onde caminhei compartilhando a rotina com os vizinhos das localidades de Paso del

⁵ - A palavra *aesthesis* se origina no grego antigo, é aceita sem modificações nas línguas modernas europeias. Os significados da palavra giram em torno a vocábulos como *sensação*, *processo de percepção*, *sensação visual*, *sensação gustativa*, ou *sensação auditiva*. A partir do século XVII o conceito *aesthesis* se restringe, [não se aceita esta restrição neste caso] e daí em diante o conceito passará a significar *sensação do belo*. Nasce assim a estética como teoria, e o conceito da arte como prática [...] essa operação cognitiva constituiu, nada mais e nada menos, que a colonização da *aesthesis* pela estética; pois se *aesthesis* é um fenômeno comum a todos os organismos vivos com sistema nervoso, a estética é uma versão ou teoria particular de tais sensações relacionadas com a beleza. Isto é, não há nenhuma lei universal que torne necessária a relação entre *aesthesis* e beleza. (tradução nossa)

Gordo, La Alegría, Cerro Juan Jorge, Paso Ramírez, Las Palmas, Paso de los Francos, Paso de Castro, Chacras de Sarandí del Yí, Capilla de Farruco, La Paloma, Blanquillo, Aguas Buenas, San Jorge, Feliciano e outros povoados e vilarejos, no departamento de Durazno, Uruguai; para depois ajeitar esse conhecimento em seus diferentes suportes, construções conceituais e argumentos específicos sob a perspectiva multireferencial. Vou incluir -da forma mais fiel que me seja possível- os fatos acontecidos, vou seguir os resumos do meu Diário de Campo, vou revisar os diálogos das entrevistas realizadas e vou citar os autores que me apoiaram com suas teorias para compreender os fenômenos evidenciados. Vou lembrar mais uma vez as paisagens percorridas através das fotografias tomadas; vou procurar em todos os cantos da minha memória os achados de cada um dos encontros e das percepções daquelas horas na solidão do trabalho de campo com minhas dúvidas e certezas.

En la medida en que las narraciones son representaciones que no hablan por sí mismas, la interpretación es inevitable. Si bien no inventa los hechos como un escritor, el antropólogo no puede pretender, no obstante, develar la esencia de la cultura. A lo sumo, puede presentar verdades incompletas -y parciales- sobre esta. (GHASARIAN, 2008, p. 18)⁶

Este não será um texto que informe somente sobre as práticas sociais da ruralidade, vou problematizar o que aprendi em referência às condições locais de produção criativa e como isso se manifesta nos encontros dos *Agrupamentos Escolares*. Também vou discutir sobre os recursos a experiência estética e os conhecimentos criados e divulgados nesses eventos. Tenho o propósito de compartilhar as reflexões pessoais e coletivas, a experiência científica e os processos fundantes de uma criação Polilógica, que tive a oportunidade de acompanhar junto a algumas mulheres, crianças, jovens e homens em um canto distante de toda urbanidade em terras uruguaias.

⁶ - A medida em que as narrações são representações que não falam por si mesmas, a interpretação é inevitável. Embora não invente os fatos como um escritor, o antropólogo não pode pretender, no entanto, desvendar a essência da cultura. Como muito, pode apresentar verdades incompletas -ou parciais- sobre essa. (tradução nossa)

3-A lógica dos encontros

Histórias, mitos, magia, transformações culturais, valores, identidade(s) e remanescentes de ancestralidade são algumas questões que me tocaram de perto. Essas foram de interesse profissional durante um longo tempo, até chegar ao ponto de encontrar a AnCo (no DMMDC), que colaborou na definição do perfil deste trabalho como Analista Cognitiva. A integração de saberes, práticas, percepções, funções e experiências dos sujeitos em interatividade (CASNATI, 2015) deu sentido à participação e convivência nesses lares rurais; essa observação ressignificou a etnografia no momento de me enfrentar a diferentes referências no encontro com os outros. É por isso que os conhecimentos próprios e apropriados serão expostos aqui partindo desse lugar de reflexão.

Devo dizer -com muita alegria- que nesta mediação cognitiva todos os que participamos dessas experiências nos transformamos estabelecendo novos diálogos e propostas de adaptação aos acontecimentos que surgiam.

Cada uno hace campo por sus propias razones y cada uno tiene su propia manera de responder a las necesidades que se desprenden de estas razones. El observador no puede ser disociado de lo observado: no observa sino los comportamientos que puede observar y no relata sino lo que entrevistó en campo. Además, su presencia puede molestar, perturbar una situación dada e incluso crear una situación nueva, que puede favorecer en conocimiento de los fenómenos sociales. Observador y observado están comprometidos en procesos dialógicos y se afectan mutuamente. (DANIELS, 1983, apud GHASARIAN, 2008, p. 22)⁷

Perceber os processos de socialização das pessoas com as que trabalhei -e o meu próprio- enquanto superamos as dificuldades que nos impunha a organização

⁷- Cada um faz trabalho de campo por suas próprias razões e cada um tem sua própria maneira de responder às necessidades que se desprendem dessas razões. O observador não pode ser dissociado do observado: não observa senão os comportamentos que pode observar e não relata senão o que entrevistou em campo. Além disso, sua presença pode incomodar, perturbar uma situação dada e inclusive criar uma situação nova, que pode favorecer em conhecimento dos fenômenos sociais. Observador e observado estão comprometidos em processos dialógicos e se afetam mutuamente. (tradução nossa)

dos eventos escolares resultou um exercício frutífero. Esse momento intangível me revelou histórias individuais que compõem processos sociais coletivos e valores éticos que se reelaboram em contato com os desafios grupais cotidianos. Em companhia dessas pessoas explorei as relações, redes, conexões e padrões envolvidos na *transformação cultural* entendida como *processo criativo* do *ethos* dessa ruralidade contemporânea que define um estilo peculiar de resolver os assuntos propostos nas relações cotidianas. Sendo o *ethos* considerado como o estudo da atividade ou conduta humana em relação com os valores. Em antropologia o *ethos* refere ao modo de comportamento ou traços da conduta humana que formam sua personalidade e seu caráter, nessa perspectiva antropológica se baseiam estas reflexões.

Nesta viagem artística e etnográfica fiz uma travessia tão subjetiva quanto objetiva de cada momento que me tocou compartilhar questionando o saber que eu representava, traduzindo e desconstruindo os fatos que vivia e observava. Minha presença nesse território participando de vários projetos trouxe algumas modificações nas comunidades. Isso me colocou na obrigação de observar com mais detalhes o processo criativo de apropriação e criação de conhecimento dos vizinhos do lugar, considerando o compromisso que significava estar naquele lugar envolvida na comunidade e influenciar através dos intercâmbios de conhecimento.

Abrir a porteira desse mundo significou me conectar com lógicas e cosmovisões diferentes das minhas, criando o *rapport*⁸ necessário até ampliar a visão fenomenológica do problema que me interessava definir. Essa atividade intelectual e cognitiva me deixou uma profunda conexão / *deep connection* (VARELA e outros, 2001) com o *self* dessa cultura rural contemporânea. Foi nesses encontros que se examinaram os conceitos sobre transformação cultural considerando a

⁸ - Rapport em Antropologia é uma palavra que define as relações entre duas pessoas interagindo numa pesquisa (investigador/a e investigada/o). A primeira entrevista é determinante para o desenvolvimento de uma boa relação. O rapport ocorre quando existe uma sincronização entre duas ou mais pessoas, porque elas se relacionam de forma agradável. Em nível teórico, inclui três componentes comportamentais: atenção mútua, positividade mútua e coordenação.

construção de conhecimento como processo dialógico e polilógico. (GALEFFI, 2014)

Um detalhe a destacar sobre os procedimentos científicos da análise que usei no transcurso desse projeto de tese, reside nas técnicas de abordagem e nos objetivos propostos. A partir da compreensão fenomenológica da transformação cultural concebi a ideia de que Ela opera como ato criativo. Pensando em percorrer um caminho ligado aos processos criativos preciso advertir ao começo dessa viagem a ideia de que a criatividade é um conceito complexo de natureza multidimensional e de difícil definição.

Por essa razão é que esta tese reconhece como antecedentes outras pesquisas e trabalhos realizados como Professora pesquisadora na Universidade da República de Montevideu, onde a criatividade desempenhou o papel principal e definiu alguns resultados. Tem-se especulado sobre a criatividade afirmando que isso ocorre solitariamente, de maneira individual; mas posso dizer que na prática, nesses casos concretos, ações criativas foram implementadas sistematicamente em equipes. Cientistas tem produzido métodos e modelos para gerar criatividade coletivamente, uma condição fundamental para o sucesso, é que os membros do grupo se conhecem muito bem e isso acontece nos *Agrupamentos* de escolas rurais.

Os avanços realizados durante a tese de egresso da Faculdade de Belas Artes, Udelar, 2011 e a especialização do Mestrado em Educação Artística, OEI - CAEU, 2012, foram básicos para concluir esta tese. No primeiro caso trabalhei sobre assuntos associados às mudanças culturais que ocorreram no século vinte em áreas rurais com famílias e crianças que assistiam às escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio; no segundo pesquisei sobre os vínculos entre Arte e Antropologia na produção do cinema antropológico do século vinte. Durante esses anos e nesse conjunto de tarefas aplicadas, se ampliaram as possibilidades de intervenção coordenando projetos que reconheço antecipadamente como um ato criativo coletivo. Esses momentos prévios abriram a possibilidade de aprofundar a pesquisa e a interpretação do fenômeno do processo criativo observado no meio rural

contemporâneo.

Nessas pesquisas multidisciplinares os projetos progrediram nas práticas de planificação interdisciplinar ao abordar o trabalho de campo. Pesquisamos sobre as adaptações educacionais em escolas rurais ocorridas a partir do ingresso da tecnologia nas aulas do Ensino Fundamental com o Programa Ceibal e nos aproximamos a conhecer as estratégias da produção de saberes e divulgação cultural que ocorriam na ruralidade. O Programa Ceibal é um projeto sócio educacional executado no Uruguai, para todos os centros de educação pública do Ensino Fundamental por meio de um decreto presidencial em abril de 2007. O desenvolvimento desse projeto permitiu que todos os alunos e os professores recebam um computador portátil (hardware) com conexão WIFI com a finalidade de promover a justiça social, o acesso à informação, diminuir a brecha digital e melhorar a apropriação tecnológica das ferramentas de comunicação de todos os cidadãos do país.

Esse recurso criativo de construção de uma cartografia da condição humana circundante com os auspícios de diversos enfoques ideológicos (GALEFFI, 2014), gerou uma nova atividade exploratória nesse território. A procura por figuras locais, a escuta das histórias contadas pelas próprias crianças e suas famílias foram momentos deliciosos, produtivos e altamente satisfatórios dessa pesquisa. Acordamos -entre os participantes- que os resultados desse ato criativo fossem concebidos como parte do patrimônio cultural intangível das comunidades, decisão coletiva que definiu alguns outros conceitos que integram esta tese

4-Localização temporal e espacial

Em minha condição de artista visual e antropóloga, aproveitando as ferramentas metodológicas e conceituais das áreas disciplinares em que fui formada; patrocinada por uma multiplicidade de discursos acadêmicos aprendidos; respaldada pelo conteúdo das entrevistas e das conversações produzidas durante o meu tempo de convivência nas comunidades, apresento as formas de organização desse mundo rural, cuidando extremamente não cair em epigonismos (como já foi mencionado no texto de qualificação).

Examinando conceitos e definições sobre as características que incluem o mundo rural consegui contextualizar o território que inclui a sétima seção judiciária do departamento de Durazno no Uruguai, visibilizando essa construção social que define a identidade cultural de seus povoadores. Ao especificar as peculiaridades dessa jurisdição, junto a suas funções econômicas associadas às diferenças do mundo urbano, compreendi algumas variáveis de adaptação ao local dos moradores do Nordeste deste país.

Segundo Capel (2016), os indivíduos que resultaram ser meus companheiros e interlocutores neste caminho, com suas estruturas sociais, de relacionamento, de poder, colaboraram com estas definições. Inclusive me revelaram seus códigos de solidariedade adaptados ao isolamento e à solidão dessas localidades.

El territorio es un concepto disciplinario o interdisciplinario que permite el estudio de las nuevas realidades del mundo social en el contexto actual de la globalización y que logra imprimir una relevancia central a la dimensión espacial de los procesos sociales que estudia. (CAPEL, 2016, p. 15)⁹

Localizada neste espaço geográfico, uma vez que fui aceita pelos integrantes dessas comunidades para participar de suas atividades festivas, analisei as condições estruturais da vida nesse lugar, a diversificação da produção agro gadeira e a transformação de alguns significados na apropriação de outros

⁹ - O território é um conceito disciplinar ou interdisciplinar que permite o estudo das novas realidades do mundo social no contexto atual da globalização e que consegue imprimir uma relevância central à dimensão espacial dos processos sociais que estuda. (tradução nossa)

valores culturais do mundo rural, junto com eles. Em um período de aproximadamente sessenta anos houve transformações que os povoadores das áreas rurais assumiram e representaram em diferentes formas de criar e divulgar seus conhecimentos.

Essas variações e adaptações sociais foram promovidas por um movimento que surgiu dentre os representantes do magistério nacional “a favor de uma nova escola rural” no ano de 1949. Na década dos anos quarenta e cinquenta do século passado no Uruguai surgiu um movimento intelectual, em resposta a múltiplas situações de desigualdade que afetavam à Educação Rural e às populações campesinas. A intenção manifesta de seus criadores e seguidores foi a de melhorar a situação da Educação Rural e por extensão a qualidade de vida dos habitantes dessas comunidades. O nome do movimento remete a uma expressão que denota o firme propósito de realizar uma verdadeira transformação cultural. A chegada do Programa Ceibal em el 2007, foi outro marco miliário que favoreceu a apropriação das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) nas salas de aulas e trouxe outras transformações. Penso que ao difundir essas experiências poderia colaborar para desconstruir o mito da cultura das comunidades isoladas, em palavras de Silvia Rivera Cusicanqui (2015, p.15) “sumidas na pobreza e enclaustradas em um passado de imobilidade de pobreza e penumbra cognitiva”; para contribuir com outro olhar mais inclusivo, horizontal próprio e apropriado das condições de vida dos povoadores rurais atuais.

Compreender os detalhes de organização e funcionamento dos *Agrupamentos* das escolas que reúne às comunidades rurais onde este trabalho foi desenvolvido apresentou vários desafios. Precisei aprender a respeito das peculiaridades sobre a criação, desenvolvimento, conflitos, acordos, combinações e mudanças que aconteceram dentro das comunidades e isso foi importante para observar as transformações que desejava definir na tese. Conheci a multiplicidade de componentes que outorgam forma à estética peculiar das festas organizadas pelas

famílias que habitam essa área e compreendi a dimensão emocional e intelectual que surge exclusivamente nesse *Agrupamento* Escolar.

Sendo participante e integrante da Linha Três de pesquisas do DMMDC: 'Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (in)Formação', aproveitei os conhecimentos compartilhados nesse grupo para estudar as trocas, enlaces, informações e costumes remanentes das etnias indígenas, o gaúcho, os afrodescendentes e os imigrantes europeus que povoaram estas terras durante mais de três séculos e configuraram a nação e as identidades da Banda Oriental, hoje o Uruguai. A partir desta prospecção eu fiz leituras em documentos privados, que me explicaram o patrimônio multicultural herdado dos antepassados dessas comunidades e seus valores sociais. Os vizinhos, as professoras e seus familiares, além das crianças alunos das escolas, compartilharam comigo referências que permitiram me compreender os fatos acontecidos muitos anos atrás e participar dos encontros festivos organizados pelas escolas com outra perspectiva. As redes de solidariedade, que funcionaram permanentemente entre os vizinhos, tornaram-se evidentes nessas práticas, facilitando o acesso a documentos, informações de lares e locais onde houve eventos festivos e reuniões de vizinhos.

Uma das fontes que examinei na pesquisa foi o Livro Diário Escolar; cada escola possui um deles e é um documento oficial onde professoras/es relatam os fatos cotidianos acontecidos no centro escolar. O trabalho de relatar os acontecimentos do dia a dia é controlado e avaliado pelas autoridades departamentais da Educação em suas visitas anuais. Esse registro detalhado da cotidianidade é muito semelhante ao realizado no Diário de Campo de um/a antropólogo/a; então eu me senti muito confortável trabalhando nisso.

A leitura desses anais históricos confirmou os nomes das famílias e dos indivíduos criadores da iniciativa organizacional das festas e sua passagem pela escola e foi um descobrimento fundamental para fazer a arqueologia dos assuntos de interesse neste caso.

Intentamos construir y/o facilitar otros canales de diálogo, abrir más debates, activar la crítica social y aprender a ser permeables a las necesidades, expectativas, derechos y saberes de las otras personas a través de la profunda vivencia estética [...] al permitirnos ingresar e incluirnos en la riqueza del universo del otro. (MOYA, 2008, p 62, 63)¹⁰

Entre as páginas desses livros se encontraram as seguintes anotações referida as festas escolares:

Domingo 31 de julio de 1953: En el día de la fecha se realizaron en el campo del Presidente de la Comisión Fomento de esta Escuela las pencas¹¹ programadas por la Comisión Fomento a total beneficio del Comedor Escolar. Debido a las grandes lluvias sufridas estos días, la reunión no fue, como se esperaba, numerosa; pero asisten casi todas las personas de la zona y varios de Cuchilla Ramírez y del pueblo 'La Paloma'. Visitó la escuela el Sub Comisario Seccional Sr Carmelo Nuñez Seijo. (sic)¹²

A análise dos conteúdos nesses livros significou um importante avanço na compreensão dos sistemas de valores do *ethos* local e da linguagem referida à vida cotidiana nessas escolas. Também foram estudados registros de áudio, vídeo e fotografias tomadas durante o trabalho de campo. Todos esses arquivos devem ser considerados como parte da cultura visual e sonora dessas comunidades e não simplesmente como resultado da pesquisa de campo de uma pesquisadora. Eles pertencem a esta tese como um objeto de arte de conteúdo científico. Sobre esta questão Mirzoeff diz: 'E minha esperança é que o campo dos estudos visuais e da arte possam começar a atravessar essas discussões (DUSSEL, 2009, p.72); eu estou propondo essa premissa nesta criação de conhecimento.

¹⁰ - Tentamos construir e/ou facilitar outros canais de diálogo, abrir mais debates, ativar a crítica social e aprender a ser permeáveis às necessidades, expectativas, direitos e saberes das outras pessoas através da profunda vivência estética [...] por nos permitir ingressar e nos incluir na riqueza do universo do outro. (tradução nossa)

¹¹ - No sul do Brasil e no Uruguai uma penca é uma competição de carreira de cavalos em linha reta. Nas festas escolares uruguaias essa atividade esportiva se torna um jogo de apostas, onde o dinheiro arrecadado passa a ser administrado pela *Comissão Fomento* da escola que organiza o evento.

¹² - Domingo, 31 de julho de 1953: Neste dia foram feitas no campo do Presidente da *Comissão Fomento* desta Escola as pencas planejadas por essa comissão para benefício do refeitório. Devido às fortes chuvas nos dias passados, a reunião não foi numerosa como esperado; mas chegaram vizinhos e pessoas da área e vários de Ramírez e do povoado 'La Paloma'. Visitou a escola o Subcomissário Sr. Carmelo Nuñez Seijo "(sic). (tradução nossa)

5-Perfis

Nesse cenário apreendi sobre os valores sociais coletivos de comunidades rurais agrupadas. Desse lugar conheci como se transmite os valores sociais do centro educacional e se potenciam em contato com novas informações e com as experiências privadas de cada indivíduo. Após isso, em conexão com o sistema familiar os valores estéticos se combinam e manifestam em constante produção cognitiva ao interior de cada lar. Nesse ambiente a Escola divulga, transforma, adapta e modifica o sistema social de convivência usando os encontros e as reuniões do *Agrupamento* como canal de orientação e avaliação dessas mudanças.

A interação, a convivência e a participação coletiva surge como estratégia transformadora que compreende a redistribuição do poder social nesse meio (CARRO e outro, 2012). O papel da Escola Pública, como centro do poder estatal e instituição integradora, está instalado no Uruguai há aproximadamente dois séculos. Historicamente, ela tem a responsabilidade institucional de guiar e ‘melhorar’ as condições de vida dos habitantes do meio rural. A partir dali se fomentam atividades culturais e sociais, além de cumprir com a formação educacional, não somente das crianças, mas também de suas famílias.

Durante el siglo XIX, se establecieron las raíces de la educación pública uruguaya, en consonancia con el crecimiento y desarrollo de la sociedad y la economía nacional. En el siglo XX, se desarrollaron sus instituciones fundacionales y se generaron nuevas. Ese proceso no se dio sin debates, conflictos, investigación y desarrollos teóricos y conceptuales, muchas veces en relación con movimientos latinoamericanos o mundiales. (SOLER, 2009, p. 9)¹³

No Uruguai há atualmente 1.090 escolas rurais que recebem em suas aulas 17.561 alunos, e 170 *Agrupamentos Escolares* em todo o país¹⁴. A elas assistem os

¹³-Durante o século XIX, se estabeleceram as raízes da educação pública uruguiaia, em consonância com o crescimento e desenvolvimento da sociedade e da economia nacional. No século XX, se desenvolveram suas instituições fundacionais e se geraram novas. Esse processo não ocorreu sem debates, conflitos, pesquisas e desenvolvimentos teóricos e conceituais, muitas vezes em relação a movimentos latino-americanos ou mundiais. (tradução nossa)

¹⁴- Dados obtidos na página oficial do Departamento de Educação Rural ANEP – CEIP <http://www.ceip.edu.uy/centros-edu-rural>

filhos de assalariados rurais, pequenos, médios e grandes produtores. Nesse universo rural, a Educação Formal do Ensino Fundamental significa -na maioria dos casos- a única oportunidade de aprendizagem para crianças e jovens que moram em locais isolados do país. Nesse meio o professor ou professora é um elemento determinante que combina confiança, prestígio e reconhecimento da comunidade circundante: sem sua colaboração, qualquer ação que se projete não tem os mesmos resultados. O educador no meio rural é -na prática- a única pessoa capaz de entender a demanda dos problemas que apresentam as comunidades rurais, principalmente se mora no mesmo meio no qual trabalha. (CISNEROS, 2011) Evidências obtidas em pesquisas anteriores desenvolvidas na Educação Rural confirmam a importância do papel docente como agente de desenvolvimento local nas comunidades rurais.

A importância desta entidade a nível nacional (por extensão para o professor) tem sido fundamental, 'o país baseia sua história e economia na ruralidade e por um longo tempo [...] a grande maioria das escolas estavam em áreas rurais' (NEIRA, 2012). Foi durante a segunda metade do século XIX, que uma reforma educacional baseada em três princípios básicos foi criada por decreto e tornou a escola *laica, gratuita e obrigatória* em todo o país, foi conhecida como Lei de Educação Comum. Esse projeto educacional foi desenhado por José Pedro Varela, intelectual e político uruguaio, durante o governo ditatorial do General Lorenzo Latorre. A educação pública até a primeira metade desse século era administrada pela Igreja Católica e estava destinada aos filhos das famílias ricas e poderosas. A partir desse ano -por decreto presidencial- passou a ser um direito e uma obrigação para todos os cidadãos da república. Essa reforma foi promovida entre os anos 1876 e 1879 com a intenção de consolidar a modernização e pacificação do país.

Cento e vinte e oito anos depois, em 2007, outro decreto presidencial -essa vez assinado por um presidente de esquerda escolhido democraticamente- propôs outra reforma na educação com a intenção de impulsionar a inclusão social e a melhora

da qualidade de vida dos habitantes do país, por meio da tecnologia em todas as escolas públicas do país. Esse decreto, considerado por intelectuais e políticos contemporâneos como uma mudança cultural, entrou em vigência no universo rural com a mesma intensidade que as políticas integras implementadas pelos governos nos séculos anteriores.

Entre esses dois períodos reformistas, na primeira metade do século vinte, surgiu um movimento em prol da nova escola rural promovido pelos próprios integrantes da educação no Ensino Fundamental. Esse antecedente confirma o papel da escola como promotora de valores que representam o novo estado nacional na modernidade.

Los antecedentes conceptuales de ‘La enseñanza primaria en el medio rural’ aparecen en las actas del Primer Congreso Nacional de Maestros, desarrollado del 12 al 19 de febrero de 1933... Esta reacción ubica a la escuela rural en el lugar que le corresponde como institución educativa, en tanto no puede actuar en solitario para incidir en la modificación de situaciones estructurales tan complejas como la migración del campo a la ciudad, apelando al carácter económico – político – social y no sólo pedagógico de la escuela rural y sus problemáticas. (SANTOS, 2010, pp. 12 y 13)¹⁵

A convicção de que “*a escola por si só NÃO pode*” acompanhará toda a construção pedagógica e social das décadas seguintes (SANTOS, 2010). Esse contexto define a esse centro educacional como um espaço inspirador e transformador no mundo rural.

Depois de minha participação nos encontros dos *Agrupamentos Escolares* consegui confirmar e descrever as formas em que a escola impulsiona, promove e modifica atividades variadas nesse universo social. É nessa tensão de intercâmbio

¹⁵ - Os antecedentes conceituais de ‘O Ensino Fundamental no meio rural’ aparecem nas atas do Primeiro Congresso Nacional de Professores, realizado entre 12 e 19 de fevereiro de 1933... Essa reação posiciona à escola rural no lugar que lhe corresponde como instituição educacional, sendo que não pode agir em solitário para incidir na modificação de situações estruturais tão complexas como a migração do campo à cidade, apelando ao caráter econômico – político – social e não somente pedagógico da escola rural e suas problemáticas. (tradução nossa)

nos eventos coletivos que o conhecimento é produzido, depois é aplicado na prática diária dos vizinhos e suas famílias.

Interdisciplinarity is not the promise of ultimate unity, but for innovation and surprise by way of recombining of different parts of knowledge, no matter which.

Peter Weingart (2015, p.135)

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1-Definições

Nesta secção se expõe a proposta epistemológica que representa esta tese; aqui são propostos os conceitos teóricos que funcionam de sustento para o percurso realizado durante esses anos de trabalho. O princípio que acompanha esta tarefa é a problematização da *teoria da cultura* com uma visão interdisciplinar, acompanhando a proposta do Programa DMMDC.

Esse exercício interdisciplinar apresenta algumas características que devem ser argumentadas. Por exemplo, trata-se de um trabalho individual onde a Interdisciplina é exercida a partir da experiência cognitiva de um só sujeito, ou seja, a responsável desse texto que tem competência em duas áreas do conhecimento. As habilidades adquiridas na formação de base e apropriadas em Antropologia, Arte e no campo da AnCo são as que me habilitaram como justifica Sutz (2015, p. 11) “para apreender melhor a complexa e inerente multiplicidade de fatores causais, trajetórias possíveis, interesses em jogo e consequências prováveis de fenômenos e problemas determinantes da sociedade atual”.

Nesse sentido, ao conectar as áreas disciplinares da Arte e da Antropologia, este texto argumenta sobre o *ato criativo* promovido pelas manifestações estéticas dos povoadores que vivem em comunidades rurais isoladas geograficamente e longe dos centros urbanos. Definindo o **ato criativo** como a dimensão emocional, subjetiva e afetiva que colabora na resolução de problemas; e ele oferece a oportunidade para fazer mudanças ou transformações nas atividades da vida cotidiana das pessoas ao descobrir outras formas de pensar, fazer e sentir. (GIGLIO e outros, 2009)

O processo criativo é complexo e quase sempre se torna uma aventura onde as incertezas ocupam a centralidade da ação. É uma jornada de tensão permanente no meio de hesitações onde somos forçados a escolher e processar conceitos e

valores que aparecem em diferentes momentos da vida. (CISNEROS, 2017) Esse processo faz parte das transformações que acontecem a partir dos encontros organizados pelas escolas agrupadas. Essas mudanças se vivem, se legitimam e se interpretam seguindo os critérios e as experiências individuais e coletivas dos vizinhos dessas comunidades. Após isso, são reproduzidas considerando os sistemas de crenças e valores locais e tudo é filtrado pelas vivências específicas da vida particular de cada um deles.

Tendo em consideração os múltiplos conceitos e discussões sobre a mudança e as transformações culturais. Dentre essas teorias da cultura, preciso dizer que Steward (1954) foi para mim um clássico que abriu meus caminhos as reflexões multirreferenciais e polilógicas. Depois dele, o percurso feito até chegar aos autores contemporâneos que definem estes conceitos, sem perigo de entrar em discussões anacrônicas nem de visos dicotômicos de abordagem, me coloco como Analista Cognitiva, procurando encontrar singularidades nas considerações coletivas dos autores lidos.

Entende-se, portanto, que para abordar a produção de conhecimento sob a perspectiva interdisciplinar se atravessaram múltiplas dimensões, que incluem reflexões coletivas de intercâmbio e de fertilização cruzada (SUTZ, 2015). Esta mesma pesquisadora sugere que a Interdisciplina supõe uma atividade de coprodução de conhecimento e -acrescento a isso devido à experiência adquirida no transcurso da formação doutoral- de sentido e interpretação fenomenológica de linguagens não somente interdisciplinares, mas também das expressões culturais do saber comunitário.

Continuando com o tecido criado para a tese, pensando a “Interdisciplina desde o Sul” (SUTZ, 2015, p.) e articulando as áreas da Arte e da Ciência se propõe que o *ato criativo* (como conceito da Arte) age no âmbito da *transformação cultural* (como conceito das Ciências Humanas - Antropologia) e isso significa expor um problema teórico de índole interdisciplinar, e com isso se preparar para dialogar incluindo várias perspectivas disciplinares. Não se trata de mostrar ou demonstrar algo acabado, perfeito, mas sim de abrir um espaço de discussão teórica que sintonize

Arte e Ciência em um encontro estético; uma proposta -quase filosófica- com a intenção de provocar (e de criar) definições multirreferenciais e polilógicas.

Para dar sustento a este trabalho aplico a teoria Polilógica e procedo a combinar processos científicos de corte qualitativo correspondente às disciplinas que sustentam esta pesquisa, atravessando a Arte e a Ciência em um assunto de índole social. A multirreferencialidade contribui com a (re)significação dos valores estéticos de um grupo de indivíduos que vivem nesse meio, e dessa forma tentar (re)construir um campo de conhecimento (AnCo) que segundo Teresinha Frôes Burnham é:

Um campo teórico – epistemológico - metodológico que estuda o conhecimento a partir dos seus processos de construção, tra(ns)dução e difusão, visando o entendimento de linguagens, estruturas e processos específicos de diferentes sistemas de produção, com o objetivo de tornar essas especificidades em bases para a construção de lastros de compreensão inter/transdisciplinar e multirreferencial, com o compromisso da produção e socialização de conhecimentos numa perspectiva aberta ao diálogo e interação entre essas diferentes disciplinas / ciências de modo a tornar conhecimento privado de comunidades em conhecimento público. (FRÔES BURNHAM, 2012, p.65, 66)

Nesse campo, que fala Frôes, estudei os processos de construção da solidariedade, da experiência estética, dos arranjos e combinações entre os sujeitos das comunidades rurais. Depois veio a compreensão das sequências na difusão desses conhecimentos, conhecendo as linguagens e estruturas de comunicação que essas pessoas reproduzem.

Segundo a professora Frôes, a prática de Análise Cognitiva torna essas especificidades em bases para a construção de lastros de compreensão inter/transdisciplinar e multirreferencial; isso mesmo acontece nesta tese que inclui conteúdo comprometido com a produção e socialização dos conhecimentos. Segundo Momburú e outros (2015) para realizar uma prática interdisciplinar abordando um problema complexo, precisa-se fazer uso de diferentes olhares técnicos e lógicos. Essa prática aplicada para pesquisar, conhecer e socializar o conhecimento me facilitou o cruzamento das fronteiras das áreas nas que fui formada. Transitei essa experiência pelos corredores interdisciplinares ajustando as diferenças nos usos de terminologias e somando os diferentes supostos teóricos e

epistemológicos, aplicando-os de forma prática. Pratiquei esse exercício cognitivo que apliquei dentro e fora da academia, atravessei os saberes de um lado para outro em um jogo de intercâmbios e aprendizados.

As saídas 'ao campo' foram vitais para combinar a argumentação interdisciplinar em um local com um problema específico, e isso resultou para mim uma atividade original. De fato, esse trabalho acompanha o posicionamento de P. Weingart (2015, p. 140) que me respalda dizendo: "o discurso sobre interdisciplinaridade é um discurso sobre a inovação na produção de conhecimento". Assim foi que abri a porteira para um encontro interdisciplinar comigo mesma, com ferramentas próprias e apropriadas; o que significou admitir que em minha mente e em meu corpo correm (juntos) aprendizagens e a experiência do conhecimento disciplinar do universo artístico e o antropológico; além de sangue latino-americana e europeia (como anunciei no texto de qualificação apresentado em 25 de maio de 2016, perante este tribunal).

Defender esta criação acadêmica mestiça é também uma forma de honrar à minha família de 'mestiços trovadores, migrantes e camponeses do Rio da Prata' (texto da qualificação página 21). Para sustentar essa afirmação procuro apoio nas interpretações de Laplantine e Nouss (2007) que me acompanham nessa dimensão dizendo:

[...] a mestiçagem parece mais elíptica do que enfática, mais enigmática do que transparente. Inventam-se em um jogo de deslizamentos, de dobras, redobras e metáforas que requer uma aproximação mais lateral do que frontal. A mestiçagem destaca a índole involuntária, inesperada, dos encontros e sua existência e permanência são realmente problemáticas. Portanto, se existir uma epistemologia mestiça, não pode ser mais do que uma epistemologia da desapropriação, um modo de conhecimento que abandone o pensamento exclusivamente classificatório, em especial a lógica que atribui e distribui os gêneros, pondo cada um e cada coisa em seu lugar (LAPLANTINE e outro, 2007, p.5).

Na busca dos processos de transformação cultural, concebidos como fase criativa do universo rural contemporâneo, fui obrigada a realizar uma arqueologia dos eventos organizados por escolas rurais em seu formato de *Agrupamento*

Escolar e ali observei os efeitos que produzem esses encontros nessas pequenas sociedades.

Ao inaugurar essas propostas, *abrir a porteira* se reconhece como um conceito central e através dessa ideia se instrumenta um estudo sincrônico dos fenômenos culturais encarnados em um território, uma região e uma paisagem. Ao *abrir a porteira* sistematizei as variações culturais dessas comunidades; essas transformações, nos fatos revistem uma importância limitada para o resto do mundo, mas resultam fundamentais para resolver preocupações e problemas específicos dessas pessoas. O coletivo dispõe de práticas comunitárias durante todo o ano escolar nos encontros do *Agrupamento* e ali mesmo ocorrem modificações que são aceitas praticamente pela maioria dos integrantes das famílias das crianças e dos vizinhos que assistem a essas escolas agrupadas.

Para pesquisar as estratégias de criação de conhecimento dessas comunidades rurais agrupadas, recorri a trabalhos de vários autores contemporâneos latino-americanos para ter uma guia na compreensão e apropriação dos processos que ocorrem nesses eventos. Limber Santos oficiou como tradutor nesses momentos, e essa tradução facilitou o ingresso ao campo e à compreensão do objeto de estudo definindo os assuntos relacionados com as políticas educacionais e os formatos escolares:

En el caso específico de la escuela rural, la gestión Institucional de los Agrupamientos Escolares ha permitido hasta cierto punto, romper con los territorios particulares de cada escuela, creando espacios comunes donde es posible el intercambio, los recursos compartidos, los itinerarios interinstitucionales y las acciones de cooperación educativa. (SANTOS 2010, p. 18)¹⁶

Divulgar as características do pensamento local e elaborar análises das circunstâncias históricas que definem alguns aspectos da identidade dessa região latino-americana, faz parte do processo de divulgação e intercâmbio de conhecimentos que promete o Programa DMMDC e esta tese acompanha.

¹⁶ - No caso específico da escola rural, a gestão Institucional dos *Agrupamentos* Escolares permitiu até certo ponto, romper com os territórios particulares de cada escola, criando espaços comuns onde é possível o intercâmbio, os recursos compartilhados, os roteiros interinstitucionais e as ações de cooperação educacional. (tradução nossa)

Embora o trabalho não foque particularmente nos processos diacrônicos de criação dos encontros do *Agrupamento* do país, procederemos a visibilizar as atividades -na atualidade- de um pequeno grupo humano que segundo o historiador Oscar Padrón Favre: “tanto contribuyeron y todavía contribuyen generando riqueza cultural y tan poco recibieron a cambio, desde siempre”. (informação verbal)¹⁷

Esta tese atravessou uma encruzilhada, no que diz respeito à inclusão de conceitos sobre a estética contemporânea, que está em processo de transformação. A experiência da fragmentação do mundo nos obriga a pensar numa dinâmica na qual o conceito não pode continuar a ser recriado simplesmente em assuntos particulares. Uma nova estética filosófica, com uma explicação profunda dos fatores que compõem essa dimensão, mas não da posição positivista do conhecimento como uma descrição do que é, mas da dimensão antropológica. Assim, a nova estética deve assumir-se como uma hipótese metodológica do caráter antropológico da dimensão estética, isto significa considerar os processos estéticos e criativos como fenômenos culturais

Para este trabalho, o ato criativo -a festa e todas as suas ações e implicações - são evidenciadas no contributo para uma transformação cultural que aparece desde a perspectiva antropológica e mostra uma deriva basicamente evolutiva, não abrupta, mas de longa duração.

2-Quando eu era o Outro

No caminho percorrido aprendi sobre uma cultura específica localizada em um lugar, um tempo e uma sociedade determinada e esse aprendizado significou trabalhar sobre a singularidade de uma cultura particular vinculada à Educação Rural e expressada em seu formato educacional de *Agrupamento* Escolar. Graças à inclusão da metodologia etnográfica, associada à técnica de observação participante foi possível traduzir e divulgar as maneiras em que essas comunidades se manifestam.

As circunstâncias refletidas nos momentos de diversão, descanso, trabalho, as

¹⁷-Tanto contribuíram e ainda contribuem gerando riqueza cultural e tão pouco receberam em troca, desde sempre. Entrevista pessoal feita em agosto de 2017 (tradução nossa)

formas de cozinhar e comer e as crenças me mostraram os valores socialmente compartilhados. Os modos de tratamento entre os integrantes das famílias; entre grupos de idade e faixa -dentro da comunidade- constituem a substância mesma da cultura e dão sentido às ações individuais e coletivas dessas comunidades agrupadas. Bourdieu (1980) propõe que essas ações definem coletivamente as experiências históricas ancestrais baseadas na memória se constroem coletivamente e expressam os *habitus* locais

A noção de *habitus* abrange a de *ethos* ... o *habitus* como a palavra diz, é aquilo que foi adquirido, mas também foi encarnado de modo durável no corpo sob a forma de disposições permanentes. O *habitus* é algo poderosamente gerador; um produto de condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva deles, mas submetendo-a a uma transformação, é uma espécie de máquina transformadora que faz com que “reproduzamos” as condições sociais de nossa própria produção (BOURDIEU, 1980, p. 133).

Considerar a mudança cultural como ato criativo do desenvolvimento social e humano me permitiu consolidar o espaço interdisciplinar entre Arte e Ciência e realizar um inventário de situações específicas que vinculam essas duas áreas. Foi a propósito do conhecer pessoalmente ao Professor Dr. Silvio Sánchez Gamboa, no VIII SEMPE em 2013 na UNEB, suas propostas foram inspiradoras para meu trabalho no campo depois de conhecer sua obra e discuti-las no ambiente do DMMDC.

Problematizar sobre as transformações culturais observando o que acontecia nessas jornadas do *Agrupamento* Escolar colaborou na definição de alguns conceitos operativos, com a finalidade de avançar na análise destes sistemas socioculturais contemporâneos. Após os primeiros encontros com as comunidades, decidi que esse espaço social seria o local para abordar os diferentes problemas com foco antropológico. Isso significou delimitar o meu campo de estudo e demarcar a forma particular de relações sociais nesse local. Portanto, o formato escolar de organização conhecido como *Agrupamento* Escolar rural é o campo de estudo flexível que abrange esta tese.

Uma vez definido os aspectos formais para desenvolver a pesquisa; foram observados os fatos atuais compartilhados com a comunidade, e também fatos

passados que envolvem noções, aspectos normativos formais e práticas que definem as situações contemporâneas que interessa discutir. Feito afirma que:

Para o/a antropólogo/a, o campo de uma pesquisa é seu referente empírico, o mundo natural e social que deseja conhecer, onde se desenvolvem os grupos humanos que o constroem [...] uma conjugação entre um âmbito físico, atores e atividades. (FEITO, 2005, p. 16)

Nesse sentido, os encontros do *Agrupamento* Escolar definem o espaço ritual onde se observam os processos de transformações culturais associadas ao ato criativo. Nesse modelo são aceites, segundo Feito (2005), os critérios de delimitação do campo de estudo e seus atributos flexíveis. Enquanto o objeto de estudo foi construído motivado por uma realidade que não sempre se manifestou claramente perante meus olhos como pesquisadora. A partir da criação teórica que surgiu dos questionamentos realizados no campo de estudo, foi definido que as transformações sociais geradas nos encontros da Agrupação Bons Vizinhos seriam o objeto passível de ser observado para o desenvolvimento do trabalho de tese.

O conceito de transformação cultural aqui discutido, associado a alguns aspectos do desenvolvimento global da cultura, inclui as transformações observadas como resultados de novas adaptações produzidas por mudanças na tecnologia, nas relações produtivas e nas expressões estéticas das comunidades observadas. Julian H. Steward (1955) foi um dos primeiros antropólogos em associar o conceito de 'mudança cultural' a outras noções interdisciplinares, propondo ao mesmo tempo que as mudanças ou transformações devem ser revisadas continuamente, discutindo e aprofundando sobre os processos fundamentais do desenvolvimento cultural como um sistema de múltiplas e complexas dimensões. Nesse caso as convicções de Steward promoviam o conceito e o método da Ecologia Cultural:

[...] para entender os objetivos dos estudos ecológicos e com o risco de tornar mais confuso um termo obscuro, tenta-se desenvolver o conceito de ecologia em relação aos seres humanos, como um instrumento heurístico para entender o efeito do ambiente sobre a cultura. Para diferenciar esse propósito e seu método daqueles associados à ecologia biológica, humana e social, emprega-se o

conceito de *ecologia cultural*. Devido a que a ecologia cultural não foi amplamente compreendida, será necessário começar mostrando como isso difere de outros conceitos de ecologia, e após demonstrar como este complementar o enfoque histórico usual em antropologia para determinar aqueles processos criativos envolvidos na adaptação da cultura a seu meio ambiente. (STEWART, 1955, p. 1)

Goldam, destaca que “a proposta de Stewart desfez a rigidez do esquema evolutivo unilinear pela condicionante adaptativa e abriu espaço para se pensar em formas diferenciadas de evolução”. (GOLDAM, 2011, p.76) Partindo dessa e de outras concepções sobre as variações culturais, foram traçadas linhas que unem alguns conceitos da teoria da cultura com dimensões de estéticas contemporâneas para pesquisar a inerente complexidade das transformações culturais de maneira inter-transdisciplinar. O valor destas observações tem a ver com o empréstimo de conceitos e métodos de outras disciplinas e sua aplicação para a compreensão do problema; tendo em consideração que sendo uma abordagem da cultura precisamos da fertilização interdisciplinar sem esquecer os conceitos e métodos antropológicos básicos. (STEWART: 2014, p. 67)

Eu faço como propõe Mirzoeff “lo que estoy haciendo es crear [...] un conjunto de herramientas críticas y también estoy monitoreando el uso de esas herramientas” (DUSSEL, 2009, p.78), com a intenção de exercitar as práticas artísticas misturadas com as científicas para aplicar em próximas pesquisas.

Continuando no domínio da Antropologia e em outro momento do século XX, outros três autores marcaram com suas obras o desenvolvimento da Antropologia contemporânea em relação à teoria da cultura, eles são: Roy Wagner, Clifford Geertz e Marshal Shalins. Inspirada nessa encruzilhada e atendendo a esses autores germinou o plano de trabalho interdisciplinar dessa pesquisa e avancei nos processos de integração de um novo esquema de interação inter-transdisciplinar. No entanto, Goldam (2011) nos previne dizendo:

A “mensagem” de Geertz e Shalins parece tão adaptada ao momento em que foram escritos que é difícil concebê-los em outro contexto qualquer. Afinal, nos dois casos se tratava, em breves palavras, de salvar o culturalismo daquilo que sempre foi o que poderíamos chamar seu melhor inimigo, a saber, o reducionismo naturalista. O livro de Wagner segue um caminho bem diferente, seja em relação ao interpretativismo geertziano, seja em face do culturalismo

estruturalizado de Sahlins. Em termos mais precisos, pode bem ser que a interpretação seja um modo universal de lidar com o mundo e com a sociedade, mas o problema é que essa generalidade não nos diz nada sobre seu funcionamento em situações concretas e específicas. (GOLDAM, 2011, p. 196)

Foi após a leitura do trabalho de Roy Wagner (2010) que criei coragem para desenroscar o fio que costura e une essa interação disciplinar, laçando assuntos da arte e compatibilizando-os com os de interesse antropológico. Foi esse autor quem disse que o trabalho de campo seria uma atividade construtiva e criativa, e de fato esses conceitos estão muito próximos da arte. Para confirmar esse posicionamento invoco mais uma vez a Wagner (2010, p. 75) que propõe: “a particularidade da Antropologia é que a criatividade do antropólogo depende de outra (e de outrem)”. Nesse ponto toca um assunto fundamental (para mim) já que reconhece que a criatividade é uma condição da prática antropológica e esse mesmo processo pode se integrar às lógicas de interpretação dos processos de transformação cultural.

Em outro momento criativo da tese aceitei e segui os princípios da descrição densa de Geertz (1973), isso me permitiu descrever os eventos e as modificações estruturais do *habitus* local. Isso foi possível por ter realizado trabalho de campo em sociedades rurais entre o ano de 2008 e até a atualidade, em 2017, aplicando técnicas etnográficas e permanecendo vários meses de convivência nos territórios. Essas atividades foram somadas a experiências anteriores realizadas desde o ano de 1990 até o ano 2000 com famílias de camponeses imigrantes chegados ao Uruguai que ocuparam terras estatais e fundaram colônias de produtores rurais organizadas em formato de cooperativas de produção.

Este trabalho pretende trazer subsídios para a compreensão das múltiplas relações e combinações apresentadas nos encontros de Agrupações rurais atuais, pois como indicam J. B. Martínez Rodríguez e outro:

Las coincidencias en torno a la construcción y revisión del concepto de nuevas ruralidades [ruralidades actuales o contemporáneas] son cada vez más numerosas. El mundo rural se ha convertido en una amalgama social, económica y cultural en donde conviven hogares dedicados a la agricultura a tiempo completo (cada vez menos) con otros a tiempo parcial, con neo rurales residenciales y con rurales no agrícolas. Toda esta mezcla ofrece un panorama económico complejo y una no menos interesante mixtura social. Nuevos y viejos

3-Abrir a Porteira

Desde que conheci os encontros festivos das escolas rurais me esforcei por reconstruir as transformações culturais que criam as comunidades rurais agrupadas; as observações e definições trabalhadas na tese estão baseadas nos valores e na estética do grupo. O que Rivera Cusicanqui (2015) entende por arte de fazer arte, como uma prática teórica, estética e ética, com a finalidade de superar as fronteiras entre a criação artística e a reflexão conceitual. O que significa unir teoria e práxis para dar lugar a um novo fato cultural.

Nesse diálogo multirreferencial aparece o conceito que deu forma aos desenhos, rascunhos, cores, texturas e ferramentas -próprias e apropriadas- que justificam e produzem o trabalho na pesquisa. *Abrir a porteira* é a ideia que acompanha todo o texto e foi suporte do trabalho de campo em interação com os conceitos da arte em avaliação permanente da dimensão interdisciplinar.

A partir da apresentação do projeto de tese (no ano de 2012) ao solicitar o ingresso ao DMMDC, usei a metáfora de *abrir a porteira/tranqueira*, para definir o ingresso ao universo rural. A porteira passou a significar conceitualmente a entrada a um espaço inexplorado para esses fins e abri-la, tinha o objetivo de inaugurar novas experiências acadêmicas e pesquisar o que ali ocorria. Conhecê-la (a ela mesma) acarretou realizar um estudo prévio para entender os variados usos e significados.

No campo apresenta diferentes formas e materiais, serve de separador e delimita um território específico junto com as cercas de arame. Divide a propriedade particular da pública; diferencia o lugar onde moram as pessoas e define o espaço onde os animais se situam para depois serem alimentados, cuidados e para o seu descanso evitando sua dispersão ou perda.

O uso específico outorgado nesta pesquisa, define a porteira separando superfícies abstratas, criadas especificamente para este momento acadêmico. Essas superfícies, esses lugares aos que acesso através da porteira são os momentos em que os valores culturais se questionam e as comunidades os modificam em sua constante interação. Esses valores possuem uma textura que os torna singulares nesse momento e lugar. Somente quando consegui entrar

efetivamente através da porteira, compreendi o significado das categorias práticas que as comunidades lhe atribuíam às transformações de seus hábitos, deixando de lado as questões puramente utilitárias e passando a fazer parte do acervo cultural transmitido no contato pessoal dos eventos escolares, de boca a ouvido.

Abrir a porteira -para mim- significou entrar em um espaço rural, me adaptar, conhecer e interpretar as linguagens e expressões locais para observar depois os intercâmbios, mecanismos e significados dos valores da comunidade nesse contexto sociocultural. Ao *abrir a porteira* e ingressar a esse lugar, no esforço por entender os variados tipos de ruralidades que se me apresentaram, pude dimensionar e ressignificar o trabalho de/no campo, como antropóloga.

Este universo construído sobre uma realidade física rural, disposto para ser fotografado, observado e escutado me obrigou -literalmente- a definir a ética do meu próprio trabalho e por extensão a compreender um pouco mais da ética associada à estética dos grupos humanos que me receberam depois que *abri a porteira* e ingressei aos encontros escolares do *Agrupamento*.

Apesar de ter trabalhado durante vários anos em projetos relacionados à Educação Rural, de ter escrito muitos textos sobre o impacto das tecnologias no meio rural, ao começar esta tese me encontrava fora desse universo, com a porteira fechada, reinventando o novo espaço que aparecia perante mim. Ao *abrir a porteira* e participar ativamente nos desafios de integrar esse mundo quase desconhecido, o horizonte da tese se ampliou e suas derivações conceituais e metodológicas, estéticas, epistemológicas, ontológicas e ecológicas (GALEFFI; 2017) se redefiniram uma vez que experimentei algumas 'aventuras'¹⁸ da vida rural nos encontros do *Agrupamento* com a ajuda do coletivo local.

O conceito da porteira aberta e o ato de abri-la foi se ajeitando lentamente ao intercambiar experiências com colegas, professores, alunos dos estágios como professores e outros companheiros dentro e fora da Faculdade de Educação nos anos que cursei o Programa DMMDC. Organizei fenomenologicamente a noção de *abrir a porteira* considerando-a uma ação que me permitia acessar um tipo de conhecimento, apelando ao saber experimental, visualizando o lugar que ocupa a

¹⁸Aventuras no sentido do sucesso e não de sonhos ou passatempos

porteira no espaço rural, consciente de que esse era o momento de dar uma intencionalidade ao objeto que estava conhecendo.

Eduardo de Oliveira (2016) colaborou nessa construção reforçando a ideia de criar conhecimentos a partir dessa singularidade e em termos filosóficos me inspirou ao dizer:

[...] não quero ser comentador, quero ser autor, não quero ser papagaio, quero falar de meu jeito, com meu sotaque, de minha cultura, como meus pais. Preciso pensar desde meu lugar, de meu território de minha imanência, não falo do lugar do universal, falo do lugar do singular [...] (OLIVEIRA, 2016)

4-No campo

Uma breve descrição do processo de criação do *Agrupamento* nos situa em abril de 2011, quando estimuladas pela participação no Projeto Ver para Aprender (VPA) da Fundação E.ducate 19, coordenado pela responsável desta tese, as Diretoras de algumas escolas formaram um *Agrupamento* à qual deram o nome de '*Bons Vizinhos*'. O trabalho de (no)campo -para a pesquisa desta tese- começou no ano de 2013, com um grupo de centros escolares integrado pelas Escolas número 66 (Cerro Juan Jorge); 79 (Paso del Gordo); 64 (La Alegría); 27 (Las Palmas); 19 (Rosendo Buchelli); 17 (Paso de Castro) e 29 (Paso de los Francos) localizadas na quarta, sexta, sétima e nona seções judiciais do departamento de Durazno no Uruguai.

Para finais de 2014, Susana Rodríguez, a Diretora de Las Palmas (N° 27) se aposentou e a escola se retirou do *Agrupamento*. As escolas Rosendo Buchelli (N° 19) e Paso de Castro (N° 17) mudaram de Diretora e deixaram de trabalhar nos formatos em que vinham trabalhando usualmente. Na educação pública uruguaia, docentes têm muita mobilidade em seus empregos. A menos que tenham efetividade na função, cada ano, devem fazer concurso para manter o lugar na escola onde realizam suas atividades de ensino. A partir desse momento, continuamos somente com as escolas de Paso del Gordo, La Alegría e Cerro Juan Jorge. Foi na metade de

¹⁹<http://www.educate.uy/>

2015 quando se integrou ao *Agrupamento* a escola N°57 de Cuchilla Ramírez e sua comunidade escolar, familiar e de vizinhos. Nesse ano foram gerados alguns conflitos que derivaram em modificações na Estrutura do grupo, o que mudou uma vez mais sua integração e denominação, passando de se chamar '*Bons Vizinhos*' a '*Escolas em Agrupamento*'. (ver detalhes dessa transformação no Cap.2)

Entre os anos 2014 e 2016, minha convivência nas escolas propiciou outras reuniões ao interior das comunidades, participando em festas em casa de famílias vizinhas das escolas e sendo protagonista da vida cotidiana das professoras que me receberam em seus lares me incluindo como parte de família e da comunidade social à que elas pertencem. A opção metodológica escolhida -sem duvidar- foi a de observação participante, com a finalidade de favorecer a construção do trabalho e ampliar o registro das atividades incluindo o suporte sonoro e visual. Todos os integrantes do *Agrupamento* compartilharam os conteúdos dos registros que recolhi em cada um dos encontros. E as palavras de agradecimento estiveram sempre na boca deles

Muchas gracias. No me había escuchado. Gracias, gracias!
Espero te vaya muy bien defendiendo tu tesis. Abrazos.
(informação verbal)²⁰

Algumas vezes se realizaram atividades extraordinárias, jantares, almoços ou rodadas de *mate* de camaradagem para falar das questões que apareciam nas imagens; outras pessoas simplesmente enviavam suas respostas pelo e-mail ou whatsapp. As rodadas de *mate* ou *cimarrão* são encontros onde essa infusão é consumida, se fazem ao interior dos lares e as pessoas de fora que são convidadas consideram-se parte dessa família em sinal de aceitação e confiança, tudo ajeitado para assistir os vídeos, as fotos e ouvir o áudio que tinha sido recolhido por mim e por outros integrantes da comunidade.

O trabalho do antropólogo comporta um quê de aventura: uma aventura possível porque apoiada na confiança e na generosidade das pessoas com as quais trabalhamos, resultantes dos contatos

²⁰ - Resposta da Professora Carla enviada pelo whatsapp depois de ouvir o áudio de seu discurso feito no festival cultural do final dos cursos em 2016.

prolongados e provas concretas de solidariedade. Entre pesquisador e o grupo pesquisado se estabelece uma comunicação que é também humanamente significativa, sendo esta significação não algo adicional, facultativo ou ainda moralizante, mas parte integrante do trabalho antropológico e garantia de correção metodológica. (GODOI, 1999, p. 37).

Eu fiz com as famílias foto / entrevistas coletivas e nesse exercício colaborativo eles não somente se reconheciam nas fotografias, também verificavam lugares e status das pessoas que observaram. Muitas vezes faziam comentários sobre as vantagens e as dificuldades da vida no campo; até falaram das transformações e as os fatos que provocaram essas decisões.

A permanência mais ou menos prolongada nas atividades do *Agrupamento* e a convivência nos lares das professoras permitiu o intercâmbio de saberes entre eles e eu. Conheci suas músicas, suas formas de vestir, as tarefas do campo, o cuidado dos animais, os entretenimentos, os jogos de azar, o gosto pelos passeios e a organização econômica não somente dos lares, mas também da escola como instituição estatal. À medida que passaram os anos acompanhando aquelas atividades, somaram-se amizades, confiança e familiaridade entre as pessoas que fui conhecendo. Ouvi argumentos sobre o que significa a dor, o medo, a morte, a alegria, a decepção, o agradecimento, a resignação, o ódio e os desejos que empurram a essas pessoas. Compartilharam comigo todas as formas de se organizar e de reforçar os laços de solidariedade que se fomentam nessa rede complexa que é o *Agrupamento*.

O primeiro ano de trabalho no campo foi complicado, durante esse período assisti com grande esforço às formas particulares de comunicação das pessoas com as que interagia. A linguagem verbal propriamente dita do meio rural -a qual eu era alheia por ser nascida e criada na cidade- apresentou muitas dificuldades para sua compreensão. Também devi interpretar outras formas de comunicação que praticam os vizinhos entre si, gestos, formas de cumprimentar, sinais, etc.

As formas que adquirem as redes de solidariedade, o compromisso, a hospitalidade e outros valores passavam tão rápido na minha frente, que me gerou desconcerto e incomodidade durante os primeiros meses no campo. Empolgada pelas palavras de um professor com quem trabalhamos em vários projetos na

Educação Rural, aproveitei a publicação de seu último livro para aprender sobre ‘A relação Escola, Família e Comunidade no meio rural’, ali encontrei muitas ferramentas para entender algo a mais sobre a idiossincrasia dos moradores do meio rural.

Aprender a manejar los códigos y las costumbres de cada una de las comunidades rurales es básico para un buen relacionamiento. Si bien hay características generales, ninguna comunidad es igual a otra. Un fuerte vínculo con las familias y las comunidades es decisivo para la gestión satisfactoria en las escuelas rurales. (CARRO e outro, 2012, pp. 49)²¹

Enquanto trabalhei nessas ruralidades, participei de vários processos que me permitiram compreender os procedimentos que determinam as transformações manifestas em atos criativos coletivos. Nessas situações, as reuniões de *Comissão Fomento*²² são momentos significativos; os representantes da Comissão discutem as estratégias possíveis para facilitar e resolver as dificuldades que aparecem ao planejar a logística dos encontros festivos de cada escola ou do próprio *Agrupamento* Escolar. Em um duro exercício de intercâmbios e ensaios probabilísticos derivados de aprendizados individuais e coletivos, escolhe-se uma pessoa como referente de cada atividade, quem conta com a confiança do resto do grupo para resolver segundo os acordos e padrões estabelecidos em consenso. As transformações se concretam gradualmente ano a ano, uma vez avaliados os resultados dos encontros, não sempre com a aquiescência de todos os participantes. O uso e o costume reiterados no coletivo do *Agrupamento* e também nos lares vão consolidando as novas formas de agir nas comunidades. A *Comissão Fomento* é um órgão de controle das atividades organizadas na escola e é ordenado de acordo com um regimento nacional que determina seus poderes para todas as escolas rurais ou urbanas. Segundo o Conselho de Ensino Fundamental o regimento²³

²¹ - Aprender a lidar com os códigos e os costumes de cada uma das comunidades rurais é básico para um bom relacionamento. Embora haja características gerais, nenhuma comunidade é igual à outra. Um forte vínculo com as famílias e as comunidades é decisivo para a gestão satisfatória nas escolas rurais. (tradução nossa)

²²- Neste texto, a Comissão de Promoção escolar será escrita em português: *Comissão Fomento* e redigida em itálico de acordo com as diretrizes do manual de estilo acadêmico edição revisada e expandida (ver referências), respeitando as expressões locais de uso.

²³ - http://www.ceip.edu.uy/documentos/2014/normativa/fomentolibroscaja/Reglamento_Com_Fom.pdf

dispõe:

Artículo 1º De acuerdo a lo dispuesto en el artículo 5 de la Ley N° 8012 de 28 de octubre de 1926, toda Escuela Pública tendrá una Comisión de Fomento, cuya elección, organización, funcionamiento y facultades se regirán por las disposiciones que a continuación se establecen.²⁴ (CEIP, 2004)

Participei de alguma dessas reuniões e observei que todas as atividades são organizadas em função do sucesso ou do fracasso que tenha havido no último encontro realizado pelo *Agrupamento* Escolar. Na intimidade do lar, as professoras e suas famílias comentavam comigo os detalhes das decisões tomadas, indagando sobre outros caminhos possíveis para resolver o assunto. Isso definiu muito cedo a condição de 'amiga' que me foi designada, o que melhorou o rapport no transcurso da pesquisa.

Depois de organizar e escrever as ideias que foram surgindo, no tempo da convivência nas comunidades e as aulas em Salvador, vou apresentar o tecido etnográfico nos capítulos que seguem a continuação.

²⁴Artigo 1.- De acordo com o disposto no artigo 5 da Lei nº 8012, de 28 de outubro de 1926, todas as Escolas Públicas terão uma Comissão de Desenvolvimento, cuja eleição, organização, operação e poderes serão regidos pelas disposições que abaixo são definidas. (tradução nossa)

Para que un niño ponga en ejercitación plena su pensamiento, es condición esencial el colocarlo en situaciones de vencer una dificultad que tenga alguna novedad para él.

Agustín Ferreiro (2010, p. 49)

Capítulo 1 – EDUCAÇÃO RURAL

1.1-Antecedentes das transformações

A escola rural associada ao desenvolvimento local faz parte de um movimento sociopolítico educacional que deu sentido às transformações nas ruralidades contemporâneas uruguaias estudadas.

No Uruguai -antiga Banda Oriental ou Província Oriental- a primeira atividade produtiva foi claramente rural. A introdução precoce no século XVII de gado nesses territórios foi feita por conta de Hernandarias. Hernando Arias de Saavedra, nascido em Assunção, Paraguai, primeiro governador crioulo dessa cidade, é conhecido como um dos responsáveis pela entrada de gado e cavalos no território espanhol da Banda Oriental, localizados a leste do rio Uruguai. Também estiveram envolvidos em estas atividades os jesuítas responsáveis pelas missões localizadas nos territórios da atual Argentina (do lado oeste do rio Uruguai) e no sul do Brasil.

A vida rural pré-capitalista no século XVIII foi organizada com base nas relações entre os povos originários, o gaúcho, os africanos (a maioria deles fugidos do Brasil), as famílias que moravam nos povoados de algumas casas agrupadas no interior e os fazendeiros. Todos eles estiveram mediados pela presença do gado; que pastando quase selvagem configurou a economia baseada na pecuária. Esse tipo de atividade precisava apenas de um pequeno número de trabalhadores. No Sul perto de Montevideú, cidade que foi fundada entre 1723 e 1730, nas pequenas aldeias que foram crescendo ao redor da capital funcionavam as charqueadas, onde o gado para consumo era abatido e os subprodutos (couro, gordura e charque) eram preparados para a venda no exterior do território colonial. A terra era cultivada apenas para as necessidades das famílias (frutas, legumes, milho) nos campos da capital e em alguma aldeia no interior.

O século XIX chegou com mudanças estruturais para os cidadãos da Banda Oriental.

Os campos foram cercados, perderam o aspecto original que havia sido preservado até aquele momento, algumas plantações apareceram, começou a floresta, e dificultou a passagem desses espaços em qualquer direção [...]. (PI HUGARTE, 1993)

Foi na segunda metade desse mesmo século que esse universo rural começou a ter maiores diferenças com o mundo urbano. As cidades foram favorecidas com alguns avanços; a estrutura econômica foi modificada com o investimento estrangeiro, as melhoras na ferrovia, o abastecimento de água potável na cidade de Montevideu, a apropriação de alguns avanços tecnológicos como iluminação a gás das ruas na cidade e o telégrafo acompanharam a chegada dos imigrantes europeus e seus costumes.

O surgimento da indústria e a incorporação do país ao sistema monetário mundial (ERREA e outro, 2013) aproximaram-no da modernidade. Montevideu concentrou o poder político e os moradores do meio rural não tiveram acesso aos avanços que aconteciam nos centros urbanos. Nesse interior despovoado, a elite rural de fazendeiros capitalistas afirmou sua liderança política e econômica e consolidou o modo de produção baseado na economia agrícola em favor de seus interesses e com suas próprias regras. Oscar Padrón Favre, argumenta que, embora escandalize o conceito, não éramos um país-nação, nada mais fomos uma cidade-estado (Montevideu) com o nome do Uruguai. Isso continua acontecendo na atualidade, a capital administra o território considerando o meio rural simplesmente como um imenso espaço econômico para a produção de bens. (entrevista feita em agosto 2017)

As reformas de José Batlle y Ordóñez, presidente constitucional em dois períodos, 1903-1907 e 1911-1915, deram uma nova perspectiva para o desenvolvimento agrícola, procurando a solução de vários problemas que afetaram as pessoas que moravam no campo. Por conta do latifúndio, o país tinha deficiências decorrentes da escassa diversificação no trabalho, na produção marcaram-se desigualdades na distribuição de renda e o despovoamento rural foi crescendo. A proposta de José (Pepe) Batlle era mudar o modelo produtivo e a estrutura da propriedade da terra. Subdividir a terra, promover o estabelecimento de

pequenos e médios agricultores e combinar a agricultura mais intensiva (ERREA e outro, 2013).

Alguns anos depois com a secularização do Estado, o forte governo centralizado acabou com o poder dos coronéis, suas lideranças rurais e abriu uma nova perspectiva de convivência mais pacífica entre os cidadãos do campo e das cidades dando origem a novas formas sociais, culturais e econômicas, com o consequente aumento da demografia.

A estética da modernidade começou a ser estabelecida em um país que até então não tinha educação formal nas áreas rurais.

1.2 – Educação rural: movimento social que gera transformações

A influência da estética modernista que a ideologia oficial impusera às relações entre os indivíduos (HARVEY, 2012) nos primeiros anos de desenvolvimento do nosso país, é reconhecida para a construção de um novo conceito de escola pública rural. O Estado determinou -cedo- que a Escola Rural deveria constituir um espaço integral de formação para a educação dos cidadãos, com a intenção de promover transformações estruturais no meio rural.

Esse período começou durante o tempo da revolução da independência, no século XIX. Em 1815, aparece a primeira referência historicamente reconhecida de uma escola rural, a Escola da Pátria fundada por José G. Artigas. Preocupado com a educação de seu povo, o líder da revolução independentista estabeleceu em Hervidero (sede na Vila da Purificação), a primeira escola que, por sua localização, é considerada rural. Desta forma, o caráter estético e político que queria ser aplicado à educação do povo foi definido prematuramente.

En el Gobierno Patrio de José G. Artigas se plantearon y defendieron otros intereses. La educación comenzaba a definir su carácter ético y político cuando Artigas expresaba su preocupación por “mejorar la situación moral e intelectual de sus paisanos” y así “consolidar el ideal revolucionario desde la escuela”. En 1815, en la situación precaria del campamento de Purificación fundó la Escuela de la Patria y en Montevideo una Escuela de Primeras Letras. La intencionalidad de estas acciones sintetiza aspectos centrales del Ideario Artiguista uniendo la Escuela de la Patria y la Escuela de las

Primeras Letras con la Educación Cívica y el fortalecimiento de la identidad nacional. (VARELA, et al., 2007, p. 1)²⁵

Em 1855, no período da administração do presidente Venancio Flores, realizou-se uma investigação para conhecer o estado das escolas rurais. O Relatório Palomeque, elaborado pessoalmente por José Gabriel Palomeque, Secretário do Instituto de Instrução Pública (o primeiro órgão institucional responsável pela organização e administração da Educação Pública, criado em 1848) visitou o país inspecionando o estado da educação no Ensino Fundamental. Ele visitou as Escolas Públicas dos departamentos do interior do país e forneceu dados sobre educação na época.

O funcionário encontrou o território desabitado e com pouca instrução. O resultado do relatório foi:

[...] en los 11 departamentos visitados, con una población de 129.000 personas, funcionaban unas 30 escuelas, con 899 alumnos (542 varones y 357 niñas). Agrega que [...] la educación en los departamentos del interior es fiada a hombres que ignoran sus obligaciones, que se guían sólo por mera rutina. (NEIRA, 2012, p. 21)²⁶

O Uruguai independente reconheceu a liberdade como um princípio essencial na vida e concebeu a educação secular como apoio na produção e definição de valores sociais, políticos e culturais (VARELA e outros, 2007), baseado na conceição dos fundamentos estéticos do novo paradigma no final do século. Essa ideia do Estado atribuindo uma função transformadora à escola rural e, por extensão, aos profissionais do ensino, prolongou-se até o presente momento e faz parte do *ethos* do magistério nacional. No caso do *Agrupamento* Escolar do Nordeste de Durazno,

²⁵- No governo patriótico de José G. Artigas outros interesses foram levantados e defendidos. A educação começou a definir seu caráter ético e político quando Artigas expressou sua preocupação em “melhorar a situação moral e intelectual de seus compatriotas” e assim “consolidar o ideal revolucionário da escola”. Em 1815, na situação precária do campo de Purificação fundou a Escola de Pátria e em Montevideú uma Escola de Primeiras Letras. A intencionalidade dessas ações sintetiza aspectos centrais da Ideia Artiguista que une a Escola da Pátria e a Escola das Primeiras Letras com Educação Cívica e o fortalecimento da identidade nacional. (tradução nossa)

²⁶- Nos 11 departamentos visitados, com uma população de 129 mil pessoas, cerca de 30 escolas operavam, com 899 alunos (542 meninos e 357 meninas). Ele acrescenta que [...] a educação nos departamentos do interior está comprometida com homens que ignoram suas obrigações, que são guiados apenas por mera rotina. (tradução nossa)

as professoras que o criaram têm esse valor em suas formas de agir, pensar e transferir esse conhecimento em suas comunidades

Naquele século, representantes da Igreja, do exército, da oligarquia terratenente e alguns políticos, consideravam que a Escola deveria ser uma instituição administrada exclusivamente pelo Estado. O projeto destinava-se a organizar a população com o objetivo de alcançar o progresso do país; pretendiam “iluminar as mentes para combater a ignorância, superar os problemas sociais, evitando o que ameaçava a democracia”. (VARELA e outros, 2007, p.3)

Neste contexto e apoiada pelo pensamento filosófico e político de José P. Varela, surgiu a reforma educacional, foi a primeira proposta de organização da educação com caráter nacional; com planos para educação pré-escolar e ensino superior no projeto. (VARELA e outros, 2007)

[...] el pensamiento vareliano integró dos grandes corrientes educacionales del siglo XIX: la de la educación popular y la de la educación científica [...] en lo filosófico, no se trató más del espiritualismo metafísico de la conciencia romántica, sino del evolucionismo agnóstico de la conciencia positivista, que marcó una nueva etapa en la historia de la enseñanza laica. En lo social y político no se trató ya del mero igualitarismo y democratismo en que se había fundado el ideal de la enseñanza obligatoria y gratuita, sino del criterio realista, antropologista y sociologista, la nueva pedagogía encaró el viejo principio de la educación del pueblo. (ARDAO, 1968; apud VARELA e outros, 2007, p. 5)²⁷

O pensamento dominante do momento reforçou a ideia de que a educação universal implicava a organização de um sistema educacional favorável ao pensamento moderno. A escola tornou-se um lugar para gerar transformações e ratificar a razão estabelecida como uma forma de controle social, em oposição ao dogmatismo da educação religiosa.

Ao sistematizar o trabalho dos autores que me permitiram organizar esta

²⁷- Duas correntes de educação do século XIX juntaram-se ao pensamento vareliano: o da educação popular e o da educação científica [...] na esfera filosófica, não estava mais preocupado com o espiritualismo metafísico da consciência romântica, mas do evolucionismo agnóstico da consciência positivista, que marcou um novo estágio na história do ensino secular. Em termos sociais e políticos, não era mais o mero igualitarismo e a democracia em que se fundara o ideal da educação obrigatória e gratuita, mas dos critérios realistas, antropológicos e sociológicos a nova pedagogia tratava o antigo princípio de educação do povo. (tradução nossa)

síntese histórica, forcei-me a refletir sobre as ações tomadas pelos governos durante os dois primeiros séculos de criação do Estado Nacional Uruguai em relação à Educação Rural. Desde o início das lutas pela independência neste território, a escola pública rural foi - e continua a ser - um centro operacional de transformações da vida dos indivíduos, das comunidades e dos seus arredores.

Lendo esse plano de fundo; assisti aos discursos oficiais e não oficiais sobre o problema. Revisei e tentei interpretar e discutir com as comunidades docentes dos *Agrupamentos* Escolares para atualizar esses mesmos problemas. Durante esses momentos criativos, ajustei as ideias sobre as singularidades desses processos locais como componentes da estrutura social rural.

Nos últimos sessenta anos de história nacional, houve uma preocupação em consolidar as transformações a favor de uma melhoria da Educação Rural. Isso significava pensar em uma reconfiguração social do território e observar o espaço rural, como se refere Grammont (2004), não apenas como suporte físico das atividades econômicas (gado ou agricultura como era desde a época colonial), mas como um cenário que implica a existência de mudanças no campo, que marcam outra etapa em sua relação com as cidades e a sociedade em geral a nível econômico, social, cultural e político. A evidência que surge é que a sala de aula da escola rural funciona como um laboratório nas comunidades que compõem o *Agrupamento* Escolar. A partir daí, são construídos novos conceitos, em um ato criativo coletivo, que então se difunde para suas reuniões.

Nesta tarefa de construção dos conceitos sobre novas ruralidades, observei com as comunidades as modificações do meio ambiente; percebi as transformações de suas características mais relevantes e as ligações diretas com as pessoas que a habitam. Formas de produção, mudanças na paisagem, o acesso às tecnologias de comunicação, a posse da terra e tarefas rurais mais tecnológicas são marcados por processos de mudança que operam na contemporaneidade.

La expresión nueva ruralidad tiene un significado polisémico que limita su uso conceptual. Su virtud es que implica la existencia de cambios importantes en el campo que parecen marcar una nueva etapa en su relación con la ciudad y la sociedad en general, tanto en

el nivel económico como en el social, cultural y político. Viejos procesos desaparecen o se desgastan (la reforma agraria, la revolución verde, el reparto agrario, el papel de la banca estatal de desarrollo), otros cobran mayor amplitud (la pluri funcionalidad de la economía campesina, la etnicidad, el género, la ecología, la pobreza, el transnacionalismo), otros más aparecen con mucha fuerza [...] la multifuncionalidad del campo, el multiculturalismo nacional, la autonomía de los pueblos indios, los derechos humanos, la descentralización y el fortalecimiento de los municipios, la participación y la democracia. (GRAMMONT, 2004, p. 11)²⁸

A comunidade rural organizada ao redor da Escola pública, segundo este mesmo autor ‘pertence ao conjunto da vida no campo e refere-se à complexidade da organização social e à sua capacidade de mudança’ (GRAMMONT, 2004, p.12). Foi nesse contexto que eu partilhei transformações operando como ato criativo coletivo, baseadas na estética dos moradores do nordeste do departamento de Durazno com influência dos programas estaduais aplicados para favorecer as mudanças na vida rural. Santos (2010) diz que as condições de desigualdade da criança rural e sua família, esquecidas pela política e marginalizadas no desenvolvimento econômico do país, deram origem a uma série de ações da comunidade educacional, que historicamente é reconhecida como o ‘movimento a favor da escola rural’.

Nesse contexto, os membros desta comunidade conceberam um projeto para propor a renovação das estruturas da Educação daquele momento e realizaram um apelo para criar e organizar uma rede de instituições que poderiam trabalhar para promover o desenvolvimento da Escola Rural. “A escola sozinha não pode” segundo profetizou a professora María Espínola-Espínola (sic) (SANTOS, 2010), foi o argumento que gerou as transformações que mobilizaram, na primeira metade do século XX, a realização de mudanças estruturais na pedagogia aplicadas ao meio

• - O termo nova ruralidade tem um significado polissêmico que limita seu uso conceitual. A virtude é que isso implica a existência de mudanças importantes no campo que parecem marcar uma nova etapa em sua relação com a cidade e a sociedade em geral, tanto no nível econômico como no nível social, cultural e político. processos antigos desaparecem ou esgotado (reforma agrária, a revolução verde, o papel dos bancos de desenvolvimento estaduais), outros cobram maior amplitude (a funcionalidade pluri da economia camponesa, etnicidade, gênero, ecologia, pobreza, transnacionalismo), outros aparecem mais fortemente [...] a multifuncionalidade do campo, o multiculturalismo nacional, a autonomia dos povos indígenas, os direitos humanos, a descentralização, o fortalecimento dos municípios e a participação democrática. (Tradução nossa)

rural. Agustín Ferreiro, dirigiu esse movimento educacional nacional, para melhorar a situação dos habitantes rurais, acompanhados pelos professores Julio Castro e Miguel Soler. Julio Castro, professor militante do sindicato nacional de professores; foi sequestrado por membros da ditadura militar e desapareceu até outubro de 2011 quando seu corpo foi encontrado em uma cova clandestina em uma fazenda militar; o professor Miguel Soler Roca (ainda vivo com 95 anos de idade) é uma referência na história do magistério rural uruguaio.

1.3- A escola rural um Centro Cultural

A escola rural do Ensino Fundamental – além de trabalhar como um centro educacional para alfabetização – admite reuniões de vizinhos, produtores agropecuários e assalariados rurais. A maioria desses eventos são um pretexto para que a vizinhança se organize e gerar projetos com objetivos produtivos, sociais ou sindicais. Nessa perspectiva, cada escola se constitui como um Centro Cultural e Social; ali, a comunidade realiza encontros a partir dos quais procura soluções para melhorar sua qualidade de vida em relação a outras questões, além da educação de seus filhos.

La escuela debe intervenir en la vida de la comunidad y debe actuar en ella a puertas abiertas. El mejor local social debe ser el edificio escolar, el mejor consejero el maestro, así como el impulsor de cuanta obra de mejoramiento social se inicie. Para ello es fundamental que el vecino se acostumbre a ver a la escuela como si fuera parte de su propia casa. ²⁹ (SANTOS, 2012, p. 37)

Sandra Carro diz que o desenvolvimento local é um conceito que envolve à Escola Rural, ele da conta de práticas coletivas que levam em consideração a capacidade de associação para melhorar as condições de vida dos habitantes. É, por definição, um sistema complexo, envolvendo produção, integração social, saúde, educação e atores públicos e privados; precisa da sinergia de coletivos e indivíduos para realizar seus objetivos. (CARRO e outro, 2012, p. 51)

Esse desenvolvimento se associa com o conceito de desenvolvimento agropecuário e a escola como instituição estadual intervém nos processos de

²⁹ - A escola deve intervir na vida da comunidade e deve atuar abertamente. O melhor lugar social deve ser o prédio escolar, o melhor conselheiro o professor, bem como o impulsor de todo o trabalho de melhoria social deve começar nesse lugar. Para isso, é essencial que o vizinho se acostume a ver a escola como se fosse parte de sua própria casa. (tradução nossa)

aprendizados e transformações das atividades produtivas. Também participa no tratamento dos problemas ambientais e seu cuidado. As professoras têm a tarefa não só de dar aulas para seus alunos, muitas vezes -até no horário escolar- dão conta dos problemas das comunidades sociais que integram o centro escolar. Nesse ambiente elas são agentes de desenvolvimento que devem promover os valores de uma escola solidária e criar redes para projetos educacionais e sociais. Sem a presença do/a professor/a na escola, um nó essencial desaparece da rede de links que fazem o capital social no meio rural formado por vizinhos e famílias dos alunos que vivem em torno da escola.

A partir da implementação da proposta “a escola sozinha não pode”, foram geradas interações com instituições públicas, organizações sociais e não-governamentais. As redes de solidariedade foram complementadas intersetorialmente trabalhando em projetos concretos para transformar os aspectos negativos do território e suas comunidades. A participação das partes interessadas na solução de problemas que afetam as comunidades foi e continua a ser usada como uma estratégia de transformação. Esta estratégia inclui a ideia de poder, no sentido de aprender a gerir recursos no contexto onde as comunidades têm seus lugares de habitação e trabalho. No entanto, a participação deve ser integral, e ter responsabilidade, comunicação e habilidades de todos os que participam do plano, sem esses componentes, os projetos não sobrevivem no tempo.

Carro e Fernández (2012) propõem que a participação deve ser orientada em três eixos: pertença, pertinência e cooperação. Pertença em função do reconhecimento da comunidade como interlocutor válido para a tarefa atribuída a cada pessoa. Pertinência significa levar em consideração o contexto para ajustar as ações às necessidades e interesses da comunidade. Cooperação no sentido de alcançar uma boa troca de habilidades e responsabilidades dos atores do grupo.

Trabajar desde esta óptica implica considerar las estructuras cognitivas, relacionales y simbólicas de los grupos conformadas por conceptos e ideas, construcciones de sentido, que las personas tienen sobre lo que están experimentando, viviendo, percibiendo. Involucra a los destinatarios, los técnicos, los observadores

institucionales, etc.³⁰ (CARRO e outro, 2012, p. 58)

O *Agrupamento* Escolar é a figura que representa as redes de solidariedade em ação e manifesta-se nas reuniões e festas organizados para fins específicos em que o ato criativo coletivo é posto em prática. Mas o *Agrupamento* Escolar não é o único tipo de associação que organiza a práxis de solidariedade e difunde os conhecimentos deste grupo humano. É preciso esclarecer para aquelas pessoas que leiam este texto que na cultura da ruralidade, seja esta contemporânea, tradicional, nova ou velha, como está qualificada pelos teóricos da sociologia e os economistas que fazem abordagens sobre os processos coletivos rurais, a solidariedade é um bem coletivo que se reproduz entre os vizinhos e se melhora nas atividades coletivas.

³⁰- Trabalhar a partir desta perspectiva envolve considerar as estruturas cognitivas, relacionais e simbólicas dos grupos, constituídas por conceitos e ideias, construções de significado, que as pessoas têm sobre o que estão experimentando, vivendo e percebendo. Envolve aqueles que se beneficiam de projetos, técnicos, observadores institucionais, etc. (tradução nossa)

En soledad nadie se educa, un genio aislado desaparece como tal por falta de diálogo con otro. La socialización, el compartir, el asociarse, la capacidad para vincularse, la solidaridad, son valores que la escuela tiene la oportunidad de enseñar en los encuentros de Agrupamiento.

Alberto (Palillo) Fernández (2012, p. 50)

Capítulo 2 – O AGRUPAMENTO ESCOLAR

2.1- O modelo

Um *Agrupamento* Escolar é um modelo de organização institucional da Educação Rural criado para promover o desenvolvimento de projetos e atividades conjuntas entre várias escolas rurais no Uruguai.

Ele cumpre os objetivos da Lei de Educação Geral 18.437 que propõe o seguinte, em referência ao Ensino Fundamental em seu artigo número 25:

La educación primaria tendrá el propósito de brindar los conocimientos básicos y desarrollar principalmente la comunicación y el razonamiento que permitan la convivencia responsable en la comunidad.³¹ (LEI DE EDUCAÇÃO, 2009, p. 30)

Um *Agrupamento* Escolar pode ser constituído pelo desejo ou necessidade de organizar um projeto conjunto, ou para definir atividades e ações que melhorem a qualidade de vida ou as condições de trabalho dos membros das comunidades (CARRO e outro, 2102)

O *Agrupamento* oferece aos alunos a possibilidade de organizar coletivamente atividades relacionadas ao conhecimento artístico, educação física e entretenimento; e para adultos (in)formação, recreação e outras tarefas dentro e fora da sala de aula. Todas elas são baseadas em um programa didático e pedagógico apoiado pela própria escola. Os tópicos que serão discutidos nessas reuniões serão definidos de acordo com as necessidades das famílias de estudantes e vizinhos; os docentes se coordenam com outros participantes fora da comunidade e organizam a programação de cada reunião.

Os primeiros grupos escolares surgiram como ferramentas estratégicas para abordar problemas específicos da ruralidade, de acordo com Carro e Fernández (2012) também para cumprir com o artigo número 34 da Lei de Educação Geral

³¹-A Educação Fundamental terá como objetivo fornecer o conhecimento básico e, principalmente, desenvolver a comunicação e o raciocínio que permitam uma convivência responsável na comunidade. (tradução nossa)

18.437 sobre educação formal para: 'Garantir, no mínimo, a educação obrigatória das pessoas tendo em conta as especificidades do ambiente em que é desenvolvido'. (CARRO e outro, 2012, p. 44).

O principio de todos os *agrupamentos* é a promoção da participação da comunidade e a formação de comunidades de aprendizagem e redes de solidariedade. Esta figura administrativa é criada a partir de afinidades entre os docentes de forma voluntária (as autoridades da Educação sugerem o modelo, mas sua criação não é um requisito nos Programas Escolares).

A participação das crianças nas reuniões grupais promove a solidariedade infantil, o trabalho em equipe, bem como o desenvolvimento da noção de colaboração. Segundo a Professora Norma:

[...] cada vez que visitamos una escuela o nos visitan a nosotros otras escuelas, los niños aprenden muchas cosas: a compartir con otros compañeritos que no conocen, a comer otras comidas, a jugar otros juegos, y a veces (los más grandes) regresan hasta con expectativas de conseguir pareja en otras comunidades. Es muy importante para socializar, no te olvides que hay niños que nunca van al pueblo, menos a la capital'. (informação verbal)³²

As equipes de Educação e os membros das Instituições que acompanham as escolas rurais em ações relacionadas aos assuntos do meio rural, são fortalecidos em seus projetos quando os aplicam através do *Agrupamento*. Desta forma, eles trabalham com maior número de pessoas e apoiam o trabalho da escola no relacionamento com as famílias das crianças e os vizinhos. Dentre as instituições estatais que participam das reuniões, existem profissionais do Ministério da Pecuária, Agricultura e Pesca (MGAP)³³; membros do Departamento de Desenvolvimento do governo departamental; professores do Instituto Programa Agropecuário³⁴,

³² - Toda vez que visitamos uma escola ou nos visitam pessoas de outras escolas, as crianças aprendem muitas coisas: compartilhar com outros colegas que não conhecem, comer outras refeições, jogar outros jogos, e às vezes (as/os maiores) voltam com vontade de ter uma noiva ou um noivo em outras comunidades. É muito importante socializar, não se esqueça de que há crianças que nunca vão para as cidades e povoados, ainda menos para a capital. (tradução nossa) Entrevista pessoal ANEXO I.

³³ - MGAP <http://www.mgap.gub.uy/>

³⁴ - Institución "Plan Agropecuario" persona jurídica de Derecho Público no estatal. <https://www.planagropecuario.org.uy/web/>

pesquisadores do Instituto de Pesquisa Agrícola (INIA)³⁵ e funcionários do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA)³⁶. O encontro desses atores com as comunidades significa intercâmbio e criação de conhecimento, formação de professores, aplicação de ferramentas metodológicas e técnicas da academia e aprendizagem colaborativa de práticas e explorações realizadas pelos vizinhos em suas próprias terras.

Dando continuidade a essas atividades, os vizinhos criaram grupos e cooperativas de produtores autogestionados que promovem o desenvolvimento local e atendem às necessidades do coletivo. Os primeiros são definidos voluntariamente com pequenos e médios agricultores familiares que contratam os serviços de um técnico que pode ser um agrônomo ou um veterinário para receber conselhos para melhorar a produção local e informações sobre feiras e mercados para vender seus produtos. O grupo encontra-se com alguma frequência de acordo com as demandas e nesse mesmo sentido, Carro e Fernández (2012) consideram o seguinte:

Atendiendo a la dimensión socio-comunitaria es decisivo el aporte que la Escuela Rural, y en este caso los Agrupamientos Escolares, pueden brindar para el *desarrollo local*. Este desarrollo, que se pretende sea sustentable, debe conformar redes de trabajo, lo que implica una articulación con las instituciones estatales, gremiales y agentes que impulsen la ejecución de proyectos, los que demandarán la participación permanente de las comunidades. Estos proyectos deberán ser participativos desde su elaboración, lo que los hace democráticos e integradores, capaces de generar desarrollo económico, social, ambiental y cultural. Se trata, pues, de mejorar las condiciones de vida de las comunidades rurales, promoviendo programas de desarrollo que atiendan la salud, electrificación rural, provisión de agua para el consumo humano y para la producción, y la promoción de la cultura en las comunidades fortaleciendo las identidades de la zona. (CARRO e outro, 2012, p. 46)³⁷

³⁵ - Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria, persona jurídica de derecho público no estatal. <http://www.inia.uy/>

³⁶ - Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura, <http://www.iica.int/es/countries/uruguay>

³⁷ - Tendo em conta a dimensão sócio - comunitária, é crucial a contribuição que a Escola Rural, neste caso, os *Agrupamentos Escolares*, podem providenciar para o desenvolvimento local. Este desenvolvimento, que quer ser sustentável, deve formar redes de trabalho, o que implica uma articulação com instituições estatais, sindicatos e agentes que impulsionam a implementação de projetos, o que exigirá a participação permanente das comunidades. Esses projetos devem ser participativos desde a sua elaboração, e isso mesmo os torna democráticos e integrativos, capazes de gerar desenvolvimento econômico, social, ambiental e cultural. Trata-se, portanto, de

Segundo essas evidências, observamos que o *Agrupamento* é a rede onde a comunidade se expressa e, naturalmente, acompanha os estágios de aprendizagem das crianças que frequentam a escola. Em relação aos adultos, todas as atividades organizadas neste ambiente exigem trabalho participativo, colaborativo e comprometido. As capacitações e as atualizações recebidas incentivam a permanência das famílias no campo, aprendendo a aproveitar os recursos naturais do território. Neste ponto de tensão, o conhecimento dos habitantes do ambiente rural e urbano é articulado através da estética individual e coletiva dos participantes dessas reuniões

Nesta rede, a Escola é concebida como “a casa de todos” e de “portas abertas”, onde o conhecimento formal do docente está associado ao conhecimento da comunidade pelo bem comum. É aqui que o ato criativo coletivo ativa e educa, resolve e transforma aqueles que o praticam. Neste processo, os professores identificam-se como agentes que revigoram e promovem as transformações necessárias. O trabalho de porta aberta significa que a escola deve estar disponível para ajudar na resolução de problemas e o docente deve e pode ampliar sua influência.

[...] (el docente) no debe encajonarse en su aula, por el contrario debe actuar como integrador de todos los actores de la comunidad. Esta acción permite fortalecer los vínculos existentes y asegurarse los aportes necesarios de quienes conocen los parajes de la zona y su problemática. El trabajo conjunto potencia posibilidades de cada uno [...] proyecta el trabajo a espacios antes no pensado, pero deficitarios. Es en esta actitud de trabajo, donde los maestros del agrupamiento pasan de ser simplemente actores sociales, a verdaderos agentes de desarrollo.³⁸ (CARRO e outro, 2012, p. 47)

melhorar as condições de vida das comunidades rurais através da promoção de programas de desenvolvimento que abordem a saúde, a eletrificação rural, a provisão de água para consumo humano e para a produção e a promoção da cultura nas comunidades através do fortalecimento as identidades da área. (tradução nossa)

³⁸- (o docente) não deve ser confinado em sua sala de aula, pelo contrário, deve atuar como integrador de todos os atores da comunidade. Esta ação permite fortalecer os links existentes e garantir as contribuições necessárias para aqueles que conhecem as áreas e seus problemas. Trabalhar juntos melhora as possibilidades de cada um [...] para projetar o trabalho em espaços anteriormente não pensados, mas deficientes. É nesta atitude de trabalho que os docentes do *Agrupamento* passam de ser simplesmente atores sociais, para verdadeiros agentes de desenvolvimento. (tradução nossa)

Promovendo a educação em coletivo -não só para crianças, mas também para adultos- através do trabalho colaborativo, os processos de transformação são realizados com naturalidade e criatividade. O *Agrupamento* fortalece e facilita essas transformações uma vez que a integração, com compromisso é definida.

Uma tarde, enquanto organizávamos uma reunião de grupo, a professora Belen comentava o seguinte:

[...] yo cuando empiezo a organizar los encuentros de Agrupamiento, las fiestas o cualquier otra actividad de la escuela, aprovecho para enseñarle hasta las tablas a las madres... bueno, a todos los que participan. Cuando tenemos que hacer cálculos, por ejemplo, algunos no saben y ni siquiera les interesa leer, escribir, sumar o hacer cuentas. ¡Sino haces así para qué estamos en este lugar entonces!³⁹. (informação verbal)

As modalidades dos grupos são variadas, mas sempre tem uma conotação festiva. Carro e Fernández (2012) enfatizam que:

[...] no sólo ocurre cuando se plantea una jornada con todos los alumnos y sus familias en una escuela [...] Éstos además funcionan cuando los maestros se reúnen fuera del horario escolar o los fines de semana, para planificar sus actividades periódicas. Estas planificaciones que realizan en común, posteriormente, cada docente las contextualiza a la realidad de su escuela, ya que por más cercanía geográfica que exista, ningún centro educativo es igual a otro.⁴⁰ (CARRO e outro, 2012, p 45)

Um encontro é “uma festa”, não importa quantas pessoas sejam convocadas, o significado da reunião é de tal magnitude para as pessoas que vivem no campo, que desde o início da pesquisa ficou claro que: um encontro é uma festa.⁴¹ (informação verbal)

³⁹- Quando eu começo a organizar reuniões de grupo, festas ou qualquer outra atividade da escola, aproveito a oportunidade para ensinar as mães as tabuadas [...] para todos os que participam. Quando temos que fazer cálculos, por exemplo, alguns não sabem e nem querem saber. Não estão interessados em ler, escrever, adicionar ou fazer contas. Mas as professoras temos que fazer, por que estamos neste lugar, então! (tradução nossa) Depoimento pessoal na escola N° 64 La Alegría, setembro 2013).

⁴⁰- O encontro não acontece apenas quando um dia inteiro é gasto com todos os alunos e suas famílias em uma escola [...] isso também funciona quando os professores se encontram fora do horário escolar ou nos finais de semana para planejar suas atividades regulares. Esse planejamento que é realizado em comum, mais tarde, cada professor o contextualiza para a realidade de sua escola. (tradução nossa)

⁴¹-Depoimento da professora Silvana uma tarde de 2014).

2.2 - Os primeiros *Agrupamentos*

No Uruguai, na primeira metade do século XX, em 1954⁴², o primeiro *Agrupamento* escolar foi estabelecido com o objetivo de organizar o trabalho em escolas rurais agrupadas. O Núcleo Experimental La Mina⁴³ (tem esse nome porque está localizado em uma área que tem várias minas) no departamento de Cerro Largo, desenvolveu suas atividades entre 1954 e 1961. Miguel Soler (2009) foi o diretor do *Agrupamento* e informa alguns detalhes desta maneira:

El área de acción del Núcleo, de aproximadamente 250 km², estaba situada al sur del arroyo de La Mina, en la frontera con el Brasil, en el departamento de Cerro Largo. Vivían en ella en 1955, 457 familias con 2536 habitantes. Las zonas de influencia del Núcleo se denominaban Cuchilla de Melo, La Mina, Paso de María Isabel, Paso de Melo, Pueblo Noblía, Puntas de La Mina y San Diego. La más poblada era Pueblo Noblía, con 123 familias, y la de menor población era Paso de Melo con 36 familias. En ese año el 30 % de la población de 15 y más años era analfabeta. El porcentaje más alto de analfabetismo (53 %) se encontraba en Paso de María Isabel, donde nunca había habido escuela [...] Se trataba de una zona agrícola, con predominio de las pequeñas explotaciones familiares, aunque también contaba con establecimientos ganaderos de más de mil hectáreas y con familias que no disponían de tierra alguna.⁴⁴ (SOLER, 2009, p. 112)

A ideia de implementar uma educação abrangente nas comunidades rurais teve relação com a criação de estratégias e projetos para superar os problemas de exclusão e pobreza multidimensional (habitação e serviços, educação e segurança social⁴⁵) dos camponeses. As escolas agrupadas desenvolveram o planejamento

⁴² - Ano do meu nascimento.

⁴³ - http://www.educacionrural.org/?page_id=564

⁴⁴-A área de ação do Núcleo é de aproximadamente 250 km², estava localizada ao sul do arroio La Mina, na fronteira com o Brasil, no departamento de Cerro Largo. Nessa área moraram em 1955: 457 famílias com 2536 habitantes. As áreas de influência do Núcleo foram chamadas Cuchilla de Melo, La Mina, Paso de María Isabel, Paso de Melo, Pueblo Noblía, Puntas de La Mina e São Diego. Pueblo Noblía, era o maior povoado com 123 famílias, e a menor população era Paso de Melo com 36 famílias. Naquele ano, 30% da população com 15 anos ou mais era analfabeta. A maior porcentagem de analfabetismo (53%) foi em Paso de María Isabel, onde nunca houve escola. [...] Era uma área agrícola, com predominância de pequenas fazendas familiares, embora também tivesse fazendas de mil hectares e outras com famílias que não possuíam terra. (tradução nossa)

⁴⁵ - Categorias tomadas segundo as definições do Ministerio de Desenvolvimento Social (MIDES) sobre pobreza, inclusão social e desigualdade em Uruguai na conferência regional sobre desenvolvimento social em América Latina e o Caribe.

educacional do Grupo La Mina em várias dimensões. Em termos econômicos e sociais, a maioria das famílias não possui serviços públicos e os representantes das novas pedagogias do magistério uruguaio ligados à educação rural, participaram desses problemas, incluindo nesses diálogos outras instituições do Estado. Miguel Soler (2009) define a situação da campanha carente do momento:

Las comunicaciones eran en general difíciles. En ninguna de las poblaciones se disponía de energía eléctrica, agua potable o teléfono público. Los problemas educativos, sanitarios, de nutrición y vivienda, así como los recreativos y culturales eran los típicos de las zonas pobres del campo uruguayo, agravados por la práctica del contrabando fronterizo. En general no existían organizaciones representativas de la población, salvo la Comisión de Fomento Escolar de cada una de las escuelas. El sentimiento de pertenencia de los habitantes a su comunidad era prácticamente inexistente. De hecho, no había comunidades sino, como se ha dicho, vecindarios más bien dispersos.⁴⁶ (SOLER, 2009, p. 111 y 112)

A criação deste tipo de *Agrupamento* Escolar emergiu após o diagnóstico feito sobre os problemas que afetaram os habitantes rurais da primeira metade do século vinte. A aplicação deste modelo tentou reduzir as restrições educacionais, locativas e outras externas que afetaram negativamente o processo educacional nesse ambiente.

As atividades curriculares realizadas pelos professores de La Mina consistiram em planejar conjuntamente eventos que promovem o intercâmbio entre os vizinhos das comunidades. Incentivar a rede de trabalho e desenvolver projetos de interesse local com a participação das instituições do Estado, incluindo a dimensão pedagógico-didática, com a participação das famílias das crianças que frequentaram o centro escolar. Este projeto foi considerado um avanço em termos de inclusão e promoção da igualdade de direitos de todos os habitantes do país.

Neste contexto, o magistério nacional criou tendências em sua formação básica

http://dinem.mides.gub.uy/innovaportal/file/61796/1/pobreza-inclusion-social-y-desigualdad-en-uruguay_avances-y-desafios-pendientes.-2015.pdf

⁴⁶-As comunicações eram geralmente difíceis. Eletricidade, água potável ou telefone público não estavam disponíveis em nenhum dos povoados. Os problemas educacionais, sanitários, nutricionais e habitacionais, bem como os problemas recreativos e culturais eram típicos das áreas pobres do campo uruguaio, agravados pela prática de contrabando da fronteira. Em geral, não havia organizações representativas da população, exceto a Comissão de Promoção Escolar de cada uma das escolas. O sentimento de pertença dos habitantes à sua comunidade era praticamente inexistente. De fato, não havia comunidades senão, como já foi dito, bairros bastante dispersos. (tradução nossa)

e aplicou esses conhecimentos a essas estruturas sociais, ativando processos criativos que surgiram uma vez que os Grupos Escolares foram consolidados.

La organización nuclear [en Agrupamiento] aspiraba a superar uno de los problemas fundamentales de la escuela rural: su aislamiento. Se esperaba que las relaciones entre las escuelas, su personal y los vecindarios establecieran una red que produjera en el área una dinámica integradora con efectos cívicos y culturales significativos.⁴⁷ (SOLER, 2009, p. 114)

Atualmente, os *Agrupamentos* continuam a cumprir tarefas de educação integral com contribuições para a inclusão, (in) formação dos professores, famílias, alunos e vizinhos da escola. O Estado mantém projetos interinstitucionais e multidisciplinares que promovem a inclusão social através do *Agrupamento* Escolar. A escola pública continua a orientar a promoção do desenvolvimento local, promovendo processos criativos coletivos.

2.3-Os Bons Vizinhos

O território ocupado pelo grupo Escolar onde eu compartilhei esta pesquisa, é uma área de gado, silvicultura e agricultura ao nordeste do departamento de Durazno; na fronteira com outros dois departamentos (Tacuarembó ao norte e Cerro Largo a leste).

A Escola Pública - preserva o modelo descrito acima - sendo a única instituição estatal que reúne e organiza as comunidades. O formato escolar do *Agrupamento* continua a criar atividades culturais e educacionais em reuniões e eventos festivos, com a aspiração de divulgar o conhecimento e promover o intercâmbio entre ambientes rurais e urbanos.

Continuando com a prática do trabalho de campo etnográfico, em várias ocasiões (durante os últimos quatro anos), tentei fazer uma entrevista filmada com cada uma das professoras das escolas que faziam parte do *Agrupamento*. Eu queria

⁴⁷-A organização nuclear [em *Agrupamento*] aspirava a superar um dos problemas fundamentais da escola rural: seu isolamento. Os relacionamentos entre as escolas, seus funcionários e bairros deveriam estabelecer uma rede que produziria uma dinâmica integradora na área com importantes efeitos cívicos e culturais. (tradução nossa)

saber mais sobre os motivos para criar este grupo, desejos, aspirações, consequências ou qualquer outro detalhe que me permitiria abordar de forma abrangente o fenômeno e seus resultados. Das três professoras - Norma, Belen e Silvana - apenas uma delas concordou em realizar a entrevista. As outras dois recusaram essa responsabilidade, argumentando que não saberiam o que dizer sobre esse momento e também não queriam ser filmadas. Uma vez que a entrevista foi concluída, compartilhei o conteúdo e concordaram que a importância e a ênfase nessas declarações estavam claras na conversa; houve acordo das três professoras em relação ao conteúdo da entrevista e foi aprovada sua divulgação. Utilizei a estratégia de dar participação na revisão dos materiais obtidos no campo, no sentido em que adverte Luis Reygadas (2014), já que todos nós possuímos habilidades etnográficas, todos somos capazes de dizer algo sobre nossa própria sociedade e nossa cultura.

Pelo mesmo motivo, descreverei a criação da Associação dos Bom Vizinhos, e quando me referir a esse processo criativo, usarei as palavras dos próprios protagonistas. Entre eles e eu vamos expor as realizações, projetos, intenções e consolidação realizadas entre 2011 e 2015.

Em agosto de 2010, começaram as atividades para implementar um projeto sócio educacional no departamento de Durazno, na cidade de Sarandí del Yí. Organizou-se um encontro com professores e professores rurais que moravam nas áreas mais próximas; na mesma reunião, formou-se uma rede para participar do projeto. Tendo consultado sobre as prioridades no uso da tecnologia na sala de aula e conhecendo a demanda, criamos estratégias metodológicas aplicadas para usar computadores, televisão, aparelhos de DVD, celulares ou outros equipamentos que tiveram acesso.

A criação de atividades para promover a apropriação dessas tecnologias foi o primeiro passo que facilitou a entrada nos territórios mais distantes da capital departamental. A ideia principal era compartilhar experiências de apropriação tecnológica com as crianças das escolas e suas famílias. No ano seguinte, organizamos uma equipe interdisciplinar específica, composta por professores e estudantes da Universidade da República (UDELAR), para desenvolver o projeto no

Nordeste desse departamento.

Poucos meses depois de nossas primeiras reuniões, na área de Cerro Juan Jorge, Las Palmas, La Alegría e Paso del Gordo, quatro professoras criaram um *Agrupamento Escolar*.

El Agrupamiento surgió en el 2011 cuando te conocimos a vos y empezamos con E. ducate, que vimos que juntándonos podíamos hacer varias cosas mucho mejor de lo que lo hacemos solas. Nos animábamos más a hacer otras cosas, entonces... empezamos a juntarnos las tres escuelas, las 66, la 79 y la 64 de la Alegría. Pero nos pusimos algunas cositas, algunos requisitos, para poder dar cabida a que ese Agrupamiento era por afinidad y no era impuesto por Primaria como pasa en otros Agrupamientos. Entonces, también se sumó la 27 que en aquel entonces estaba Susana Rodríguez que era la directora antes de jubilarse. Lo principal era que las 4 maestras vivíamos en la zona de la escuela, nos quedábamos en la escuela, no viajábamos a Durazno o Sarandí del Yí.⁴⁸ (informação verbal)

Evidências mostram, neste caso, a influência de agentes externos; a equipe de trabalho da universidade cumpriu os objetivos do Programa Estadual Ceibal com a finalidade de promover a justiça social, o acesso à informação, diminuir a brecha digital e melhorar a apropriação tecnológica das ferramentas de comunicação. As propostas foram divulgadas e produziram gerenciamento criativo motivado pelo desejo de avançar trabalhando coletivamente. O contexto dos trabalhos realizados em outras áreas do departamento⁴⁹ permitiu colaborar na organização das reuniões do Grupo, consolidando assim os links criados nos anos anteriores. Olhando para as reclamações dos vizinhos algumas diferenças foram atenuadas ao integrá-los em atividades coletivas melhorou autoestima dos participantes. Integrar as famílias para dentro da escola e fortalecer os laços de amizade e reciprocidade entre comunidades vizinhas consolidou o desejo e os planos para as professoras para

⁴⁸- O *Agrupamento* surgiu em 2011 quando nos conhecemos e começamos com E. ducate, pensamos que, juntas, poderíamos fazer várias coisas muito melhor do que fazemos sozinhas. Fomos encorajadas a fazer outras coisas, então [...] começamos a se reunir as três escolas, as 66, 79 e 64 la Alegria. Mas nós colocamos algumas pequenas coisas, alguns requisitos, para poder acomodar esse *agrupamento* por afinidade e não foi imposto pela Primária como acontece em outros grupos. Então, também se adicionou a 27 que naquela época era Susana Rodríguez, que era a diretora antes de se aposentar. O principal era que as 4 professoras morávamos na área da escola, ficamos na escola, não viajamos para Durazno ou Sarandí del Yí. (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

⁴⁹- Proyecto Etnografía y Arte en una escuela rural, escuela Nº 19 Rosendo Buchelli e Quartel Paso del Rey, Museu da Batalha do Río de la Plata, Chacras de Sarandí del Yí, Durazno.
<http://www.flordeceibo.edu.uy/files/Informe%20Flor%20de%20Ceibo%202011.pdf>

criar o *Agrupamento*.

A criação do *Agrupamento* exigiu alguns acordos, não só para definir as formas de organização e ação de seus membros, mas também para especificar os requisitos básicos de infraestrutura que deveriam ter e, portanto, ser capazes de funcionar da melhor maneira possível.

El otro requisito era que teníamos vehículo para poder movernos y reunirnos en una escuela o en la otra, en cualquiera de las escuelas del agrupamiento y tá, y luego tratar de que todo funcionara en equipo, que todo funcionara bien para todas. El trabajo colaborativo propiamente dicho [...] Que cada una trabajara para el bien del grupo de las cuatro escuelas, y no para el bien solamente de una escuela o de un maestro. Y así surgieron varias cosas dentro de eso. Un periódico que este año no lo pudimos editar en ningún momento porque hubo problemas de salud con una maestra, la otra maestra con licencia por maternidad, como que este año nos costó un poquito y bueno, este año no se editó ese periódico, pero hasta el año pasado sí, generalmente era mensual. Y tá, han surgido un montón de cosas, en el Agrupamiento después de eso han surgido muchas cosas.⁵⁰ (informação verbal)

Durante os primeiros meses, as professoras concentraram-se em tarefas de planejamento para resolver os problemas de difusão e promoção de atividades, depois criaram uma publicação impressa chamada “Jornal”. O jornal circulava em torno da comunidade e os vizinhos e as famílias dos alunos tinham informações sobre os eventos organizados pelas escolas, as visitas que recebiam e as atividades educativas que as crianças faziam. Desta forma, difundiram os conhecimentos adquiridos nesses encontros e encorajaram a participação das comunidades nas próximas reuniões agendadas para o ano. A publicação teve frequência mensal e cada professor escreveu a informação da sua área de influência e compartilhou-a por E-mail para a pessoa responsável pelo trabalho desse mês; uma vez que os dados foram organizados, o “Jornal” impresso era distribuído de casa em casa com

⁵⁰- O outro requisito era que tivéssemos um veículo para que pudéssemos nos mover e nos reunir em uma escola ou outra, em qualquer uma das escolas do *agrupamento*, e depois tentar fazer tudo funcionar como equipe, tudo estava bem para todos. O trabalho colaborativo adequado [...] Que cada um trabalhe para o bem do grupo de quatro escolas, e não para o bem de apenas uma escola ou uma professora. E assim surgiram várias coisas dentro disso. Um jornal que este ano não pudemos editar porque havia problemas de saúde com uma professora, outra professora com licença de maternidade, este ano nos custou um pouco e bem, este ano não editamos esse jornal, mas até no ano passado geralmente era mensal. E tem havido muitas coisas no *Agrupamento* depois que surgiram muitas coisas. (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

a colaboração dos pais dos alunos.

Ao longo dos meses trabalhando juntos, eles começaram a desenvolver outras estratégias que definitivamente mudariam a estética dos encontros festivos dessas pessoas. As reuniões do *agrupamento* colaboraram gerando ideias e processos criativos em que cada um dos membros -crianças, adolescentes ou adultos- desempenharam um papel fundamental neste processo de transformação. Cada evento significou um desafio e novos hábitos e interesses nos membros da comunidade, essas ações contribuíram para elevar a autoestima desses vizinhos, sentindo-se útil e capaz de responder de ação coletiva. Eu mesma experimentei durante esses anos de trabalho algumas transformações, percebi que o conhecimento é reproduzido criativamente e a criação e a difusão passam por um processo de aprendizagem contínuo; neste campo de tensões os processos de aprendizagem e comunicação colaborativa de ensino são promovidos. (CISNEROS, 2017)

Os relacionamentos criados nessa rede melhoraram à medida que o projeto progrediu e funcionou coletivamente com igual compromisso e responsabilidade cívica. A professora Norma comenta o processo:

Empezamos como algo de planificar juntas, de realizar jornadas para que los chiquilines se enriquecieran socialmente en cuanto a los juegos, a la parte académica también, la parte curricular [...] Muchos subieron la autoestima, fue fructífera esa parte. Después se hicieron otras cosas dentro del Agrupamiento, una de las cosas más lindas que surgió fue la idea de realizar la fiesta cultural de fin de cursos en Agrupamiento. Ahí se sorteó para que fuera más democrático, se sorteó en qué escuela iba a ser la primera fiesta y se hizo en la 66 la primera fiesta, luego siguió la 79 y luego la 64 en La Alegría. Luego volvimos la misma ronda, si dios quiere. No sé qué otra cosa te puedo contar [...].⁵¹ (informação verbal)

As transformações realizadas na comunidade foram geradas no *Agrupamento*, a visão transmitida pelas professoras é de harmonia e aceitação das diferenças,

⁵¹ - Começamos como algo para planejar juntos, para que as crianças se tornem socialmente enriquecidas em termos de jogos, também para a parte acadêmica, a parte curricular [...] muitos aumentaram a autoestima, essa parte foi frutífera. Posteriormente, outras coisas foram feitas dentro do *agrupamento*, uma das coisas mais bonitas que surgiu foi a ideia de realizar a festa cultural do fim dos cursos no *agrupamento*. Logo fizemos um sorteio para torná-lo mais democrático, sorteamos em que escola seria a primeira festa e foi feita na primeira festa na 66, depois foi na 79 e na 64. Então retornamos a mesma rodada, se Deus quiser. Não sei o que mais posso lhe dizer [...]. (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

cuidando cada criança e cada momento. Elas sempre consideraram que tinham habilidades cognitivas muito semelhantes e, dessa forma, poderiam produzir melhor quando trabalhavam em equipe e essa era a única maneira de se fortalecer, bem como as comunidades que elas representam.

O sea, pienso que esas cosas también son buenas que surgieron a través del Agrupamiento, ¿no?. Y en realidad cuando se trabaja en Agrupamiento son tres escuelas y parece que fuera una: una sola escuela con varios maestros. Porque cuando estamos todos juntos, los niños son de todas, y hay buena respuesta de la gente y hay buen relacionamiento con las tres comunidades y los docentes y los niños y entre comunidades, han surgido cosas lindas. No voy a decir que no han surgido de repente algunos inconvenientes, que sí que han surgido y hemos tenido que resolverlos entre todos [...].⁵²
(Informação verbal)

A condição mais importante para manter o modelo funcionando sem afetar a organização do trabalho familiar e garantir a participação de todos os membros, foi que todos os vizinhos realizaram as atividades do *Agrupamento*. Ao contrário dos *Agrupamentos* do século vinte, onde as famílias receberam ajuda de agentes externos, agora elas também decidem e participam ativamente e dão sua opinião em cada atividade proposta. Carro e Fernández (2012) enfatizam a importância de promover a participação como uma estratégia transformadora, isto inclui a ideia de poder. Poder em relação ao gerenciamento de recursos, informações, distribuição de poder para que todos possam exercê-lo enquanto participam das reuniões. Cada indivíduo tem um micro poder que afeta os objetivos e desejos dos outros e que promove a interação, troca e gestão coletiva.

[...] al principio, mirá Mariel, al principio fue como El Quijote, hicimos, tratamos, soñamos que íbamos a hacer tal cosa, tal otra y tal otra. Pero teníamos el miedo de que no nos acompañara la gente, porque nosotras solas las tres por más que tengamos un vehículo cada una y por más que nos juntemos y planifiquemos actividades juntas y que hagamos un montón de planificaciones para trabajar a diario con los chiquilines[...] Pero después lo que teníamos miedo era que no nos

⁵²- Quero dizer, eu acho que essas coisas também são boas que vem através do *agrupamento*, certo?. E na verdade, quando você trabalha em *Agrupamento*, existem três escolas e parece ser uma: uma única escola com várias professoras. Porque quando estamos todos juntos, as crianças são de todas, e há uma boa resposta das pessoas e há um bom relacionamento com as três comunidades, professoras e crianças e pais, coisas bonitas surgiram. Não vou dizer que não houve alguns inconvenientes, se eles surgiram e tivemos de resolver entre todos. (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

acompañara la comunidad, y fuimos de a poquito, dando a conocer la forma de trabajar el Agrupamiento y todo eso y encontramos buena respuesta de toda la gente y hasta hoy en día nos acompañan. Hoy vos sos participe de que [...] los padres acompañan, hay gente que nos ayuda a llevar los chiquilines, para poder realizar los ensayos en las otras escuelas, nos ayudan [...] Y eso a veces la misma gente te ayuda, te ayuda a encontrar esas cosas, son pequeñas cositas, pero que hacen la diferencia.⁵³ (informação verbal)

Para entender as funções dos centros escolares nas áreas rurais, passei a maior parte do tempo no campo compartilhando a organização de festas ou encontros festivos do Grupo. De acordo com o orientador desta tese, decidimos que a categoria “encontros festivos” inclui o conceito de festa, que é tratado academicamente em uma vasta literatura e aplica muitas e variadas definições e classificações. Todas as decisões tomadas sobre este assunto serão justificadas no próximo capítulo e os resultados finais são parte da experiência deixada pela própria pesquisa.

Desde os primeiros anos trabalhando com essas comunidades, notei que os encontros festivos tinham uma importância peculiar. As pessoas que não pertencem as comunidades não percebem a magnitude destas reuniões, as autoridades da educação, até mesmo os colegas pesquisadores nem os técnicos ou profissionais que trabalham com eles em reuniões dos *Agrupamentos*. Às vezes, a palavra “festa” é interpretada fora do *Agrupamento* como um desperdício de tempo, um evento descontrolado, sem regras que não deveria ser organizada por um centro escolar. Algumas autoridades não justificam o desperdício de energia e o tempo envolvidos nos vários meses de reuniões e esforços para cumprir as obrigações e ordenanças que envolvem a organização de uma festa. Eles consideram que é um tempo desperdiçado disponível para esses casos. É comum na área da Inspeção Primária Departamental, argumentar contra a festa de benefício da escola (ver descrição no próximo capítulo). Na festa do benefício da escola No. 79, em 2016, a professora

⁵³- Em primeiro lugar, olha Mariel, no começo foi como Dom Quixote, fizemos, tentamos, sonhamos que faria tal coisa, como outra e outra. Mas temíamos que as pessoas não estivessem conosco, porque teríamos apenas três veículos, mesmo se juntas e planejássemos atividades e tivéssemos planejado muito para trabalhar diariamente com os alunos [...] mas, então, o que temíamos era que a comunidade não nos acompanhasse, e fomos lentamente, difundindo o Grupo e tudo isso e encontrou uma boa resposta de todas as pessoas e ainda hoje acompanham. Hoje você está vendo [...] os pais nos acompanham, há pessoas que nos ajudam a levar as crianças, para que possamos realizar os ensaios nas outras escolas, eles nos ajudam [...] E, às vezes, as mesmas pessoas o ajudam, ajudam você para encontrar essas coisas, são coisas pequenas, mas isso faz a diferença. (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

recebeu um aviso do Coordenador Provincial sobre os distúrbios que causaram a organização de tal festa no calendário escolar. O assunto foi levado em consideração com a *Comissão Fomento* e a celebração foi realizada sem modificar nada do que foi planejado; os mais antigos moradores da área criticaram fortemente a insensibilidade da funcionária, dizendo que alguém que vive na cidade seria incapaz de compreender o significado que tinha para eles. O legado dos primeiros organizadores de festas da escola é a herança de todos nessa área e é responsabilidade para mantê-la vivo a cada ano.

Para as professoras e suas comunidades, o encontro festivo tem um significado e um propósito coletivo; Mariza Peirano (2006) o interpreta como uma formação de aprendizagem analítica com uma eficácia *sui generis*. No campo, as pessoas se reúnem por várias razões e muitas vezes todos esses motivos estão resumidos no sentido de pertença, nas trocas e transformações que são alcançadas lá. A apropriação de um ato criativo gerado por eles tem uma marca peculiar que precisa ser reforçada continuamente.

[...] porque en realidad en ningún lado se hace, en ningún lado se ve que se junten tres escuelas a realizar una fiesta, un fin de curso o algo así. Y ellos lo esperan, ahora ya llega mitad de año, la mitad del año y ya te están preguntando. ¿Este año se hace la fiesta en tal lado? Ya lo tienen, ya lo asumieron, ya la gente lo espera y creo que cada año se va mejorando [...] Y sí... es algo lindo, lo esperan como algo de la zona, como algo ahora particular de la zona, porque la gente ahora ya se apropió de eso. Ya no es nuestro, ya la gente, la gente de la zona se apropió.⁵⁴ (informação verbal)

O *Agrupamento* é um fenômeno complexo que contém mecanismos específicos e mostra a percepção que os vizinhos têm do lugar onde moram, o seu nome contempla os atributos da vida diária. É uma janela que se abre para o resto das comunidades, exhibe sua intimidade e expressa a necessidade de reunião, intercâmbio e aproximação entre eles.

[...] Belén le puso el nombre porque como en realidad esta zona el

⁵⁴- Na realidade, em nenhum lugar você vê três escolas juntas realizar uma festa, um fim de curso ou algo assim. E eles aguardam, agora chega a meio do ano, e eles estão pedindo. Este ano é a festa onde? Eles já o aceitaram, as pessoas esperam e acho que todos os anos melhora. E sim, é fofo, eles esperam como uma coisa da área, agora particular para a área, porque as pessoas agora eles se apropriaram disso. Já não é nosso, as pessoas da área se apropriaram. (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

nombre es *Unión de Vecinos* y ella era alejada, no nos conocíamos. Belén era muy jovencita, hacía poquito que era recibida y se encontraba a veces con muchas cosas, muchas dudas. A veces llamaba por teléfono, a veces se venía hasta acá en moto, a veces venía en lo que fuere, entonces, ella decía que éramos *buenos vecinos*, entonces le quedó el nombre después el Agrupamiento '*Los Buenos Vecinos*'.⁵⁵ (informação verbal)

A abordagem colaborativa, dialógica e participativa tem estado presente desde a criação do *Agrupamento*. Diferentes níveis de complementaridade e abordagens são aplicados de acordo com as reuniões ou atividades projetadas.

Bueno, ahí está el trabajo colaborativo, uno de los principios del trabajo colaborativo es que cada participante trabaje en el bien del grupo, no por el bien propio suyo, por el bien del grupo. Entonces no tiramos cada una para su lado, avanzamos las tres juntas, tratando de que si a Silvana le falta un pañuelo yo se lo trato de conseguir porque así sale mejor el baile. A mí me falta una pollera y ella me la presta porque así sale mejor otra cosa, y a mí me falta una máscara para hacer otra cosa y viste que es así, es todo una [...] hoy viste que la mamá aquella hizo una máscara para tres hormiguitas, de sus hijos. Cuando vio que a mí me faltaban siete más, fue a la casa e hizo los otros siete restantes que faltaban para que todos los niños las tuvieran [...] también los padres trabajan en forma colaborativamente. Y eso es lo bueno que vaya transmitiéndose con el ejemplo, no diciéndole tienen que hacer esto, aquello, sino que sigan el ejemplo porque ven que se hace de tal manera. Y se hacen algunas cosas y no otras, sin decir nada ellos colaboran.⁵⁶ (informação verbal)

Poderíamos dizer que o *Agrupamento* é um modelo que propõe maneiras de criar conhecimento e construir metodologias participativas para esse propósito. É um modelo de referência que se replica e está configurado como uma função social

⁵⁵-Belen sugeriu esse nome, na realidade esta área leva o nome União de Vizinhos e ela estava longe daqui, nos ainda não nos conhecíamos. Belém era muito jovem, recentemente que ele tinha se formado e às vezes tinha muitas dúvidas. Às vezes, ela ligava para o telefone, às vezes ela veio aqui em uma motocicleta, então ela disse que éramos bons vizinhos, então ela deu o nome ao *agrupamento* "Os Bons Vizinhos". (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

⁵⁶- Bom lá você tem um trabalho colaborativo, um dos princípios do trabalho colaborativo é que cada participante trabalhe para o bem do grupo, não para seu próprio bem, para o bem do grupo. Então, não jogamos cada um por seu lado, vamos todos juntos, tentando garantir que, se Silvana não tiver um lenço, eu tentei obtê-lo, porque assim a dança vai melhor. Estou precisando uma saia e ela me empresta porquê dessa forma é melhor, e estou precisando uma máscara para fazer outra coisa e você viu que é assim, é tudo assim [...] hoje uma mãe fez uma máscara para três pequenas formigas, de seus filhos. Quando viu que eu estava faltando mais sete, ele foi à casa e fez os sete restantes para que todas as crianças tivessem [...] também os pais trabalham em colaboração. E isso é o bom que é transmitido pelo exemplo, não dizendo que você tem que fazer isso e aquilo, mas com o exemplo, porque eles vêm que isso é feito dessa maneira. (tradução nossa) Entrevista Professora Norma, 2015, ANEXO I.

dependente da escola pública (do Estado) em interação com as comunidades em seus arredores.

Hace poco tratamos de ayudar y de trabajar en Agrupamiento con otra escuela, bastante alejada y bastante venida a menos en cuanto a la comunidad, con muchos problemas en la comunidad [...] aprovechamos que era la semana del corazón, armamos una caminata fuimos con Silvana hasta las costas del Río Negro, a la escuela de Paso Ramírez y allí compartimos con otra escuela que los chiquilines no conocían, no conocían la zona y ahí trabajamos. Se trabajó en cuanto a geografía, en cuanto a la flora, la fauna, la utilidad, el río mismo, la actividad. Un montón de cosas y las madres de esos niños se sumaron y nos enseñaron un montón de cosas del río, y del monte ribereño que ellos tienen, ¡espectaculares las mujeres! eso también se valora [...] y nos vinimos enriquecidas las dos maestras del Agrupamiento con una maestra jovencita que estaba en esa escuela y ella misma no conocía todo lo que ella tenía y todo lo que podía hacer dentro de su escuela, con los padres y con los niños. Entonces eso, como la gente está acostumbrada a escuchar mucha cosa de este Agrupamiento, viste, fueron a recibirnos fueron las madres a recibirnos [...].⁵⁷ (informação verbal)

Neste contexto, no estado de Durazno, o *agrupamento* dos Bons Vizinhos tornou-se um exemplo a seguir para a sua eficácia nos procedimentos de integração das famílias que ampliam o processo educacional para o interior dos lares rurais. As autoridades do Ensino Fundamental, em reuniões de professores rurais, legitimaram esta situação sugerindo a criação de mais *Agrupamentos* Escolares no estado. Desde Montevideu o Departamento de Educação Rural (DER) colaborou para apoiar esses encontros frequentados por dentistas, advogados, arquitetos, membros do Ministério do Interior⁵⁸ e outros profissionais que as professoras pediram para aconselhar sobre a resolução de alguns problemas que as comunidades

⁵⁷- Recentemente, tentamos ajudar e trabalhar em *Agrupamento* com outra escola, que está muito longe daqui e tem uma comunidade muito carente, com muitos problemas [...] então, aproveitamos a semana do coração, fizemos uma caminhada e fomos com Silvana às margens do Rio Negro, perto da escola de Paso Ramírez e lá compartilhamos com os garotos, eles não conheciam a área e lá trabalhamos muitas coisas. Trabalhamos na geografia, em termos de flora, fauna, utilidade do próprio rio. Muitas coisas e as mães dessas crianças se juntaram e nos ensinaram muitas coisas sobre o rio, a floresta do rio, mulheres espetaculares! Então, isso também foi apreciado [...] e fomos enriquecidas as duas professoras do grupo com uma professora mais novinha que estava naquela escola e ela mesma não sabia tudo o que tinha e tudo o que podia fazer na escola, com os pais e com as crianças. Então, como as pessoas estão acostumadas a ouvir muitos desse *agrupamento*, viu, eles se sentiram muito bem, eles foram nos dar as boas-vindas à escola, elas eram as mães para nos receber (tradução nossa) Entrevista pessoal Profa Norma, 2015, anexo I.

⁵⁸- O Ministério do Interior integra uma das áreas do governo do país e seus funcionários são policiais e bombeiros. Nas reuniões escolares, eles fornecem informações sobre novas leis e regulamentos para melhorar a convivência cidadã. <https://www.minterior.gub.uy/>

necessitavam.

[...] nosotros sabemos que en esta zona está dando resultados porque se trabaja bien. Trabajás cómoda [...] de repente Silvana, ella dice que es un poco desordenada en la planificación, bueno, pero cuando planificamos, planificamos las tres juntas una misma planificación [...] Entonces ahí se está beneficiando ella verdad, le estamos dando una mano a ella que dice que tiene carencias en ese sentido. Y después [...] yo tengo carencias en otras áreas y ellas me están dando un mando a mí. Y así está bueno, y Belén que [...] es maestra de Inicial, nos da una mano en cuanto a eso porque [...] te cuento que no son solamente las tres escuelas que participan del Agrupamiento cuando hacen la fiesta. Sino que tuvimos la visita de comunidades de escuelas vecinas, el año pasado tuvimos la visita de gente de las escuelas de Ramírez que nos vinieron a visitar en algunos momentos. La escuela de Las Palmas, gente de la escuela de Cerrezuelo [...] Entonces es como que se corre la voz y cada vez se va agrandando más el vínculo con las personas de las demás zonas que son cercanas a esta; pero que no trabajan en Agrupamiento, no han podido hacerlo.⁵⁹ (informação verbal)

Dietz e Álvarez (2014) no trabalho relacionado à reflexão e colaboração em processos educacionais, recomendam que, para entender os processos colaborativos, não se deve interpretar como uma dinâmica para alcançar o consenso instrumental. É necessário considerar as formas em que os processos coletivos são construídos, como as decisões são tomadas e “quais estratégias o grupo gerencia e regula os conflitos e cenários de desentendimentos que surgem”. (Ibid., p. 80)

Cada grupo cria um procedimento específico, dependendo das experiências individuais de seus componentes e das especificidades do local onde atuam. O que pode ser visto, neste caso, é a vontade de reconhecer seus conflitos e tentar entender a vulnerabilidade da situação.

[...] puede haber muchísimos roces porque somos seres humanos y

⁵⁹-Nós sabemos que nesta área está funcionando porque trabalhamos bem. Você está confortável, Silvana, diz que ela é um pouco confusa no planejamento, mas quando planejamos, planejamos as três juntas, o mesmo planejamento [...] Então, é onde ela está se beneficiando, nós estamos dando uma mão para ela que diz que tem deficiências a esse respeito. E então eu [...] tenho deficiências em outras áreas e elas estão me fazendo um favor. E isso é bom, e Belen[...] que é uma professora de Educação infantil, ajuda com isso [...] Eu te falei que não são apenas as três escolas que participam do *Agrupamento* quando fazem a festa. Embora tivemos a visita de comunidades de escolas vizinhas, no ano passado tivemos a visita de pessoas das escolas de Ramírez que vieram nos visitar. A escola de Las Palmas, pessoas da escola de Cerrezuelo. Então é como se a voz estivesse espalhada e cada vez mais o vínculo com as pessoas das outras zonas próximas é ampliada mais; assim que não trabalham em *Agrupamento*, ainda não conseguiram fazê-lo. (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

cada uno es totalmente diferente, porque de eso se trata la diversidad. Pero eso hay que tratar de limarlo de la mejor manera posible para que todo salga bien, para que funcionen las cosas, sino no funcionan las cosas. Roces han habido montones, y te puedo decir que hasta las mismas maestras estamos re cansadas y de repente nos surge... y después nos damos cuenta y tá, y ya está. Y nos reímos y decimos, bueno, hoy ando con los pájaros volados [...] es parte de la convivencia y como ya estamos acostumbradas, ya nos conocemos.⁶⁰ (informação verbal)

Durante cinco anos, o *Agrupamento* Bons Vizinhos trabalhou com as três escolas fundadoras integradas. No início de 2015, foram incorporadas mais duas escolas com novas diretoras: a escola Nº 57 Cuchilla Ramírez e a Nº 76 Paso Ramírez. A última não materializou sua afiliação ao grupo, apenas participou de algum evento esporadicamente durante esse ano e depois se retirou mantendo-se fora de todo *Agrupamento*. No entanto, a Nº 57 permaneceu e sua diretora apresentou algumas modificações nas formas de pensar e organizar as reuniões.

Durante esse ano, realizaram-se três reuniões com as quatro escolas, e no início de 2016, a diretora da escola Nº 66 abandonou o grupo. As outras três professoras decidiram continuar com as reuniões festivas como faziam desde 2011. Ao chegar no território em 2016, encontrei essa nova estrutura funcionando como aconteceu nos anos anteriores, com comunidades altamente integradas. Observei algumas mudanças na organização dos eventos e me disseram dos novos projetos para 2017. No final de 2016, na celebração cultural do fechamento de atividades anuais, o evento passou a ser chamado de Escolas em *Agrupamento*.

Os bons vizinhos foram transformados e esta nova etapa, de acordo com as professoras, era mais democrática, participativa e criativa. Todos enfatizaram que a solidariedade comunitária foi fortalecida e que a integração das famílias de

⁶⁰- Podemos ter muita fricção porque somos seres humanos e cada um de nós é totalmente diferente, porque isso é diversidade. Mas isso deve ser resolvido da melhor maneira possível para que tudo seja para o bem, para que as coisas funcionem, mas as coisas não funcionam. Roces tem sido muitos, e posso dizer-lhe que mesmo as próprias professoras as vezes estamos cansadas e uma resposta errada aparece, e então percebemos e é, e é isso. E nós rimos e dizemos, bem, hoje eu estou com os pássaros voados, é parte da convivência e, como já estamos acostumados, já sabemos. (tradução nossa) Entrevista pessoal Professora Norma, 2015, ANEXO I.

Ramírez⁶¹ (como o local é conhecido) foi bem-sucedido para as três comunidades.

Sobre os motivos da separação e as transformações que levaram à partida de uma escola das fundadoras, ninguém queria falar em público. Os conflitos foram resolvidos sem expor as razões que causaram a ruptura do grupo anterior. Nas reuniões de 2016, observou-se maior exibição artística e o festival cultural no final dos cursos teve grande destaque na programação e muita audiência acompanhou o evento. Os alunos mostraram suas habilidades artísticas, as avós projetaram e costuraram o guarda-roupa e vários jovens formaram as crianças para estrelar suas performances. Os discursos das professoras marcaram o sucesso do trabalho das Escolas do *Agrupamento* agradecendo a toda a comunidade (discursos de encerramento 2016 em Anexos IV, V e VI).

Ao fechar meu trabalho no campo, a professora que se separou do grupo inaugurou outro *Agrupamento* com duas escolas localizadas no sudeste do estado; não temos notícias sobre o nome desse novo *Agrupamento*.

⁶¹Cuchilla Ramírez é uma aldeia rural com menos de 500 habitantes.

Mas as festas não significam tão somente música, dança e celebração. São também um território marcado por disputas e tensões de várias ordens. São sempre uma arena de conflitos.

Paulo Miguez (2012, p. 209)

Capítulo 3 – ENCONTROS FESTIVOS

3.1-A festa como espaço de fundamentação empírica

Para descrever os tipos de encontros festivos organizados nas comunidades rurais do nordeste do Uruguai, foi essencial pensar em várias lógicas. Galeffi (2014) considera que esta visão é necessária para obter acesso a uma percepção mais abrangente do lugar que as reuniões nos *Agrupamentos Escolares* ocupam.

Nesta tese os chamaremos de “encontro festivo”, mas também podem ser chamados de “dia” e nem sempre se referem a esses encontros como uma “festa”. Essas considerações respeitam as categorias que as professoras aplicam a esses eventos. As reflexões aqui são parte da experiência de campo onde me apropriei da rotina desses espaços de produção e socialização do conhecimento.

Ao criar as categorias referentes aos encontros festivos organizados do *Agrupamento*, foram aplicadas as interpretações coletivas que surgiram em convivência com as pessoas da comunidade, como já foi justificado em outras páginas acima. Esses momentos foram definidos levando em consideração as opiniões, o conhecimento e o ponto de vista das comunidades respeitando a metodologia etnográfica o mais próximo possível e incluindo as classificações teóricas de outros autores.

Las fiestas tradicionales tienen una dimensión recreativa y de diversión [...] la celebración en la escuela ha de contemplar su carácter formativo e instructivo. [...] las colectividades instituyen celebraciones de carácter identitario para solemnizar momentos fundacionales o hitos históricos del país [...] Son múltiples las posibilidades de celebración que se presentan. Además de las fiestas tradicionales, cabe destacar los eventos identitarios de carácter local o autonómico, la celebración de efemérides conmemorativas de avances sociales relevantes (los DDHH, las revoluciones, la paz) o bien de concienciación colectiva (el medio ambiente, el consumo) y, también, los eventos locales vinculados a la vida cotidiana (fiestas de

la vendimia, de la ganadería) A todo ello puede añadirse iniciativas y proyectos de diversa índole que incorporen la organización y el desarrollo de actos colectivos que implican una variación en la dinámica habitual de la escuela.⁶² (TEIXIDÓ, 2012, pp. 10 y 11)

A questão inicial sobre o conceito de encontro festivo, festa, dia ou encontro do *Agrupamento* ocorreu depois de trabalhar e participar nesses eventos coletivos. Foi durante a primavera de 2009 em uma reunião grupal de encerramento das atividades de um projeto. Observamos (com surpresa) como as crianças e os adultos criaram com naturalidade e criatividade, redes solidárias com uma estética peculiar de intercâmbios de conhecimentos.

A convivência no campo foi esclarecendo as dúvidas e consegui projetar -no meu Diário de Campo- a arquitetura das reuniões do *Agrupamento* fazendo parte da engrenagem que as sustenta. Posso dizer que essa construção de conhecimento foi apreendida e experimentada durante esses anos como resultado da pesquisa etnográfica realizada lá. No tempo que fiz a etnografia dessas reuniões, observei a redistribuição de tarefas no mundo do trabalho, escola, família e comunidade. Apreendi os modos assumidos pela transferência de valores produtivos, organizacionais e recreativos.

Esses repertórios festivos formam um tecido cultural rural específico que mostra um modo de vida que transforma e transmite valores cada vez que é organizado. Miguez (2012) propõe que a festa como manifestação do campo da cultura é observada historicamente em todas as sociedades, pois essa mesma

⁶²- As festas tradicionais têm uma dimensão recreativa, de diversão [...] a celebração na escola deve contemplar seu caráter formativo e instrutivo. [...] as coletividades instituem celebrações de identidade para solenizar momentos fundamentais ou marcos históricos do país [...] há muitas possibilidades de celebração que são apresentadas na escola. Além das festas tradicionais, é importante destacar os eventos de identidade locais ou regionais, a celebração de comemorações de avanços sociais relevantes (direitos humanos, revoluções, paz) ou consciência coletiva (meio ambiente, consumo) e bem como eventos locais ligados à vida cotidiana (colheita, criação de gado, etc.). Além disso, podem ser adicionadas iniciativas e projetos de vários tipos que incorporam a organização e desenvolvimento de atos coletivos envolvendo uma variação na dinâmica da escola. (tradução nossa)

situação deve ser considerada como um fenômeno trans-histórico e transcultural. Tomando essa perspectiva e aceitando como um bem cultural, distingue-se uma natureza dupla, simbólica, por um lado, e econômica, por outro (ibid., 2012). Simbólico porque possui um registro de identidades e valores específicos para cada comunidade onde o *ethos* do grupo organizador é expresso; econômico porque permite e expande as possibilidades de comercialização entre os participantes.

As observações sobre o caráter mimético e estético das reuniões deste *Agrupamento* Escolar foram feitas com a intenção de encontrar as formas como os valores culturais são transmitidos. Naquele momento festivo, a produção de bens compartilhados é mobilizada e a vida social das pessoas está ligada ao seu desenvolvimento cognitivo. Por esta razão, a tese adota uma perspectiva conceitual centrada na ideia de que a estética dos valores nas novas ruralidades, organiza a trama que sustenta o espetáculo e reproduz esses eventos. É neste momento que o ato criativo surge como resultado do intercâmbio de forças internas do sujeito ligado à sua história pessoal e associado às demandas externas. (GIGLIO e outros, 2009)

A experiência vivida individual e coletivamente provoca outras vivências que transformam a vida cotidiana, a partir desse ato criativo começa a transformação cultural. Nessas ocasiões, a originalidade de cada pessoa se manifesta livremente. À medida que a identidade se fortalece, o grupo fica cada vez mais atento às suas habilidades criativas. (GIGLIO e outros, 2009)

Nestas reuniões territorializadas dos habitantes das comunidades rurais, um sistema de troca de conhecimento e costumes e outras cadeias encadernadas em múltiplas dimensões sobrevive. Essa mesma estrutura o define como um movimento cultural pragmático, regional e específico. De acordo com os vizinhos, as atividades realizadas mobilizam os componentes básicos do trabalho colaborativo, como a interdependência; a interação; o desenvolvimento de habilidades interpessoais e

grupais; a responsabilidade individual e da equipe que acompanha na organização da festa. A gestão cultural do evento gera conhecimento e deixa processos cognitivos expostos que então produzem e argumentam a difusão desses conhecimentos. Hoje em dia, devido à forma como se configuram as festas, exigem visões multidisciplinares e interdisciplinares e, neste caso, a Antropologia e a Arte são convidadas a tecer uma trama que explica esta geração e difusão de conhecimento.

O que prevalece no território multifacetado dos encontros festivos é o valor das redes solidárias e do conhecimento pessoal de cada um dos vizinhos das comunidades. Sem tramas tão complexas, a organização e a produção não teriam êxito e a esfera simbólica, bem como produtiva e de consumo não teria significado. Uma festa organizada por pessoas de fora da rede, não teria reconhecimento popular e não conseguiria um grande sucesso, porque o trabalho colaborativo promove valores locais e favorece vínculos de amizade e família na comunidade e isso garante o sucesso dele. Essa dimensão comunitária legitima e consolida as relações sociais; através dessa sequência, um fundamento hermenêutico abrangente e não explicativo desse sistema pode ser postulado.

3.2-Festa e escola no mesmo ritual performático

As festas fazem parte das reuniões do *Agrupamento*, nelas ocorre o encontro social e a difusão dos conhecimentos, também une várias dimensões no mesmo evento. As trocas financeiras, além de cumprir a tarefa de gerenciar o crescimento econômico para o grupo, significam a prática e o exercício da solidariedade. Todos comem, bebem e divertem-se sempre encontrando uma forma de pagamento que não é apenas com dinheiro. Competições, música, compra e venda de produtos,

alimentos e outras expressões performáticas se manifestam sem restrições, os participantes participam ativamente da reunião e a festa acontece durante os dias combinados para escapar da rotina de trabalho.

Organizar os encontros festivos do *Agrupamento* é uma obrigação coletiva e ano a ano são respeitadas as datas e os motivos de cada uma delas. A relevância do evento está determinada não só pelo seu caráter social, mas também produtivo, político, econômico e organizacional. Por trás do desejo manifesto de se encontrar, os eventos são organizados, cumprindo alguns requisitos institucionais das escolas. Ao compartilhar espaços diferentes e com a colaboração dos vizinhos, reconheci várias categorias que me permitiram definir os tipos de encontro e as responsabilidades pessoais e coletivas assumidas pelos organizadores em cada um deles. A comunidade planeja o trabalho, logo é dividido de acordo com as habilidades de cada indivíduo, as crianças também participam das tarefas, sendo o jogo e a diversão o eixo central para os menores.

O calendário festivo deste grupo começa em março e termina na primeira metade de dezembro, quando o ano letivo se fecha. Os Bons Vizinhos incluíram uma modalidade que implica menos esforço e maiores benefícios. Eles aproveitam a sinergia do grupo e cada um dos membros do *Agrupamento* colabora todos os anos com a capital cultural ou material que possui, de modo a materializar o planejado e a obter a infraestrutura necessária com pouco esforço e uma boa organização auto organizada. Cada indivíduo encontra um setor para participar de acordo com seus conhecimentos, práticas, força de trabalho, qualquer outra habilidade ou material possui, e essas singularidades definem um local de ação específico no caso de dar importância e proeminência à frente do resto da comunidade.

Ninguém fica fora da pirâmide de notoriedade que confere sua contribuição para a festa. Esse gerenciamento torna-se único e requer estratégias e ideias

específicas para sua definição. A participação requer compromisso e cargos de responsabilidade designados pelos organizadores que historicamente participaram dessa tarefa. Alguns sobrenomes são reconhecidos por essa ou aquela característica e quando alguém naquela família morre, seus herdeiros têm o compromisso ético de continuar com o serviço, melhorar as doações e realizar o mesmo ou melhor trabalho colaborativo do que seu antecessor. Com esse padrão de valores compartilhados, a comunidade continua a assegurar a permanência de seus ritos.

Com base nas observações de cada evento e fazendo comparação com as festas em outras escolas rurais, assumi três categorias para definir os encontros festivos organizados pelo *Agrupamento* a cada ano. Eles podem ser nomeados da seguinte forma:

- Dia da Integração
- Festival cultural do final dos cursos
- Festa do Benefício

3.2.1-Dia da Integração

Esta categoria inclui várias atividades destinadas a divulgar boas práticas educacionais para os alunos e suas famílias. A participação do *Agrupamento* depende das necessidades específicas das professoras nessas disciplinas, os diferentes dias podem ser organizados como: Feiras Tecnológicas, Inaugurações, Aniversários, Reuniões do *Agrupamento* organizadas pelo Departamento de Educação Rural (DER) do Conselho de Educação Inicial e Primária (CEIP).

As Feiras de tecnologia começaram a organizar a partir da chegada do computador do Programa Ceibal nas salas de aula. As escolas rurais e urbanas

faziam encontros e competições anuais e as professoras e as famílias rurais argumentaram sobre o imperativo de criar seus próprios eventos num ambiente de ruralidade e não em círculos educação urbana. A partir dessa constatação, espalharam-se as feiras rurais entre os *Agrupamentos* nesse departamento do país.

Os eventos chamados Inaugurações dependem de situações concretas que acontecem na dimensão espacial e geográfica de cada escola. O acontecimento pode acompanhar a inauguração de uma nova ponte; o asfalto de um trecho de uma estrada (os caminhos nessa região são estradas de chão); a criação de uma pracinha de jogos infantis num canto do pátio escolar; a construção e acesso ao um galpão multifunção destinado ao usufruto coletivo, dentre outros, podem ser os motivos para marcar o encontro. Um convite espalha-se entre os vizinhos através de programas de rádio, e a palavra é transmitida boca a boca para alcançar os cantos mais distantes do *Agrupamento*. Tecnologia Whatsapp colabora atualmente na difusão e alcance da novidade. O encontro acontece no lugar destinado à inauguração o em alguma fazenda próxima; um fazendeiro oferece um consumo, um animal destinado a ser consumido entre as famílias do campo, como parte das dietas diárias; geralmente é uma ovelha, um carneiro ou um porco, apenas nas Festas de Benefício animais maiores (vaca, carneiro, touro, etc.) são oferecidos. Nestas condições, o churrasco, a música e a camaradaria estão dirigidos para conectar-se à vida social da vizinhança.

Os Aniversários convocam as comemorações da data de fundação do local escolar ou de nascimento de alguns vizinhos notáveis que fizeram ações de importância para as escolas. Tem relatos de alguns ancestrais dos alunos ou ex-alunos que doaram parte de sua terra para construção do edifício escolar e até que as aulas foram dadas na sua casa por uma avó com espírito criativo e alma de

professora. Os membros da família De Freitas são dos principais fazendeiros na área de Paso del Gordo e La Alegria, onde estão localizadas as escolas Nº 79 e Nº 64; eles têm histórias comuns a respeito do processo fundacional da criação de essas escolas e das primeiras práticas organizacionais da Festa de Benefício Escolar. As professoras diretoras das duas escolas são familiares diretas dessas famílias e são casadas com descendentes dos principais líderes da zona de fronteira com Brasil, que foram povoadores da colônia portuguesa.

Reuniões do *Agrupamento* são organizadas pelo Departamento de Educação Rural (DER) do CEIP. A professora Coordenadora de Apoio Pedagógico e Didático para Educação Rural (CAPDER), organiza encontros anuais e reúne vários *Agrupamentos* de escolas para reuniões técnico-administrativas; de promoção educacional; formação para as professoras rurais, e de participação na gestão institucional com os Governos locais, Ministérios e outras Agências estatais. Acontecem uma ou duas vezes no ano, marcada uma data com bastante antecedência, o horário escolar é disponibilizado para os encontros.

3.2.2-Festival cultural do final dos cursos

Para o final do ano de 2011 as professoras dos Bons Vizinhos decidiram criar uma festa coletiva organizada entre as três escolas que seria realizada cada ano nos diferentes locais escolares do *Agrupamento*. A partir de então, todos os anos, este tipo de reunião é mantido, esses encontros fecham o calendário anual de aulas e festas.

As famílias aguardam esse momento com a expectativa de conhecer os avanços educativos de seus filhos e os alunos querem mostrar as inovações e as destrezas adquiridas no ano; essas novidades estarão prestes a serem adaptadas e

assimiladas pelos outros vizinhos do *Agrupamento*.

Todos os planos são aprimorados graças à integração das famílias ao trabalho na escola e ao fortalecimento dos laços de amizade e reciprocidade entre as pessoas das diferentes comunidades sociais. A socialização, o compartilhamento, capacidade de associação, solidariedade e trabalho em equipe são os valores que a Escola Rural ensina aos futuros cidadãos. (CARRO e outro, 2012)

Sempre que for possível, decisões são tomadas coletivamente com o aval de todos os participantes, mas as professoras são sempre as vozes representantes do coletivo. As ideias são o produto das interações no dia a dia entre elas, os alunos e as famílias deles. A organização trabalha com o mesmo esquema que tem todos os encontros do *Agrupamento*, mas neste caso os protagonistas são os alunos das escolas. A reunião é realizada em uma tarde de sábado, no final da semana, para o encerramento dos cursos. As crianças atuam em danças, poesias, músicas, ginástica rítmica e peças para suas famílias lá.

A festa começa com a entrada das bandeiras nacionais para o palco do evento; continua com o Hino Nacional uruguaio que todos os presentes cantam de pé e a música para Minha Bandeira em homenagem aos heróis patrióticos; segue o Hino da Escola Rural (uma canção criada na década de 1950 por um professor rural) e depois começam os discursos das professoras com os agradecimentos e a conta do saldo anual.

Os números artísticos que se seguem mostram coreografias ensaiadas durante as quatro semanas anteriores a essa data com diferentes ritmos. A música contemporânea nacional e internacional é tocada e o evento é fechado com danças tradicionais do país, um gato, uma chacareira e o pericón nacional, é a dança folclórica por excelência que, acompanhado da bandeira, o hino e o escudo representam símbolos de identidade uruguaio.

Toda essa dinâmica cultural contém uma linguagem específica com informações sobre esses processos cognitivos. Pensando nas aulas e as leituras da obra de Dante Galeffi (2009), fiquei lembrando quando ele reflete sobre a condição humana e suas ações:

Em chave fenomenológica própria e apropriada, é preciso pensar o humano em sua condição existencial individual, social e ecológica simultaneamente. É preciso investigar o humano em sua sabedoria e em sua demência como partes da mesma unidade-diversa [...] o ser humano é o ente que pôr primeiro há de ser interrogado quando se trata de investigar a natureza do próprio conhecimento aí disponível e construído historicamente por indivíduos humanos agrupados socialmente. (GALEFFI, 2009, p. 21)

3.2.3-Festa de Benefício

Este encontro é um dos mais notáveis e esperados por todos os vizinhos da área. De manhã no dia e na hora do convite, as visitas chegam dos lugares mais distantes até dos departamentos de fronteira (Florida, Tacuarembó e Cerro Largo). Os vizinhos das comunidades, mas perto da escola chegam devagar durante a manhã e todos ficam sem voltar para suas casas até o fechamento do evento no terceiro dia.

A reputação desta festa é muito boa entre os habitantes da área nordestina do país. No *Agrupamento*, a escola N° 64 La Alegría, comemora a festa no final do mês de setembro; na escola N° 79, Paso del Gordo acontece a primeira semana de dezembro; a escola N° 66 Cerro Juan Jorge não organiza esse tipo de evento e na escola N° 57 Cuchilla Ramírez se faz no mês de novembro.

Do ponto de vista organizacional, um trabalho constante é necessário com anterioridade por vários meses; cada escola se prepara uma vez por ano para este evento; de preferência no verão, quando o clima é mais benigno e a temperatura um pouco maior. Embora todos os membros do *Agrupamento* colaborem, a estrutura e a

logística dependem da *Comissão Fomento* e da Direção da escola. O objetivo mais óbvio é levantar dinheiro para a construção de melhorias, compra de eletrodomésticos, móveis, novas tecnologias para salas de aula, salários para o assistente de serviço e outros subsídios que a escola precisa; tudo depende dos planos que são projetados para o ano seguinte. Mas outro propósito escondido inspira esse evento e é o desejo do encontro, a comunicação, o abraço, o riso, o amor, a dança, a experiência humana que entra em contato com o outro.

Este movimento contínuo do contexto da Festa de Benefício, se estende entre quatro ou cinco dias, a depender das tarefas de enfeite e limpeza da escola e nesses momentos todo tipo de notícia é transmitido e cada uma delas é um evento em si mesmo. Receitas; fofocas; compra de animais ou veículos; experiências; serviços; favores e amores abrangem a atmosfera festiva naqueles dias.

Os vizinhos inauguram as atividades com o abatimento dos animais, que são comprados ou doados pelos vizinhos mais ricos da região (vacas, ovelhas e porcos). Depois são cortados em fatias, temperadas e transformadas em salsichas ou chouriço de sangue vendidas durante o evento. Um dos manjares da grelha crioula é o churrasco com couro (menu que requer uma técnica de cozimento especial e um tempo mais prolongado que o de um churrasco comum). Este alimento serve não só para alimentar, mas também para competir entre os responsáveis pelo abate e outros grupos que se formam dentro do espaço festivo. Os cálculos matemáticos, a organização espacial, a previsão de custos e outros requisitos colaboram no aprendizado e desenvolvimento de habilidades de peões rurais, capatazes de campo, pais, avós, filhos, netos e parceiros, que, ao exhibir seus conhecimentos, são supervisionados pelas Diretoras.

No espaço preparado para a festa, geralmente o pátio da escola, há uma feira de exposições e vendas de roupas, botas e outros objetos, uma loja ambulante que pertence a um casal de vendedores, do total vendido, uma porcentagem é dada à

escola. As mães dos alunos da escola organizadora preparam bolos, empanadas e outras iguarias da gastronomia local para vender e aumentar a renda do dinheiro.

Em algum canto, longe dos olhares críticos das pessoas mais conservadoras, uma mesa é colocada com jogos de azar; apostar é parte da diversão. O jogo de 'la taba' é muito popular nas áreas de gado rural, foi introduzido pelos espanhóis neste território e desde então é parte dos encontros no campo; mas apenas os homens mais velhos participam lá. Mulheres e homens mais jovens preferem mostrar seus cavalos e suas habilidades em relação a eles. Naquela volta de conquista, eles mostram seus modelos de roupas - entre o tradicional e o contemporâneo - muitas vezes recentemente comprados para se exibir no evento, para todos os que se aproximam da reunião.

Senhoras mais velhas e mulheres casadas estão em todos os cantos da festa, recebendo e entretendo aqueles que chegam, na administração do bar ou da cozinha, no cuidado das crianças, participando das preparações dos cavalos para as competições, bebendo ou falando com o resto das famílias.

Um dos momentos mais importantes dessa Festa é a competição na corrida de cavalos, este esporte envolve atividade lúdica e inclui apostas; começa com o leilão dos cavalos para ajustar o jogo nas corridas e em suas diferentes modalidades (raide⁶³ carreteiro, circuito e pencas). As ocupações equestres não só significam competições esportivas, mas também outras habilidades, como conhecimento sobre cavalos competitivos e o conjunto de qualidades de animais e cavaleiros. O raide é um esporte exclusivamente rural, teve sua origem no ano de 1913 em Sarandí Grande, uma pequena cidade do departamento do estado de Florida⁶⁴, desde o ano 1944 foi criada uma organização sem fins lucrativos que toma o nome de Federação

⁶³ - Competição contrarrelógio pra testar velocidade e resistência de um cavalo.

⁶⁴ -- <http://www.raidistas.com/index.php/raid/origenes-e-historia>

Equestre Uruguaya, organiza a prática deste esporte, com a finalidade de despertar no cavaleiro o amor e o respeito pelo cavalo; desenvolver condições físicas e mentais do cavaleiro; aumentar a capacidade funcional do cavalo e contribuir para a seleção e reprodução de raças⁶⁵. As competições organizadas nos eventos de *Agrupamento* não dependem dos estatutos desta instituição, o que significa que são criticados por vizinhos de outras zonas que se consideram criadores da legislação e organização desse esporte.

Conhecer esses detalhes significou um processo de aprendizagem da minha parte ao interagir com os membros das comunidades até entender o que falavam. Eu fiz um exercício permanente para aprender a perguntar e questionar os detalhes das atividades que são organizadas nos eventos.

A festa não é suspensa por causa nenhuma, cada dia inclui uma atividade que é cumprida rigorosamente, até mesmo com chuva ou mau tempo a reunião continua. A estética coletiva da festa se manifesta nos jogos e na diversão. A última noite começa um sarau animado por uma orquestra local; seu sucesso tem a ver com a popularidade da música prometida. Os mais novos fazem seus primeiros avanços amorosos; os mais velhos, comem, bebem e se divertem com seu próprio estilo.

No final do sarau na madrugada no dia seguinte, é feita a última corrida, vários cavalos e cavaleiros percorrem os caminhos (uns 40 o 60 km) em um raide de resistência demonstrando suas capacidades físicas. No final, com a chegada da última competição começa a cerimônia de premiação para os vencedores, que recebem medalhas, troféus e outros presentes. Nesse momento, depois da premiação, também são lembrados os falecidos, vizinhos que não estão presentes e fizeram trabalhos em prol do bem-estar da comunidade.

⁶⁵ - <http://www.federacionequestreuruguay.com.uy/>

Então vem a hora do descanso, sem se retirar da festa, sob as árvores, fugindo do calor, todos revisam sucessos ou falhas e apazíguam a ressaca que o álcool, a compulsão e a agitação produziram em seus corpos habituados à rotina rural. As refeições são compartilhadas entre aqueles que trabalharam intensamente na preparação do evento. A limpeza e o condicionamento do salão e da área circundante são distribuídos e os ganhos são registrados com os membros da *Comissão Fomento*.

Nos dias seguintes, os comentários sobre a festa continuam, são os detalhes dos eventos que aumentam o prestígio e determinam o sucesso ou fracasso do encontro.

Trabalhando nesta pesquisa, criei definições, categorias e concepções das celebrações junto com os vizinhos das comunidades. Ao definir o significado do encontro festivo, entendi o que significa esse momento e como organiza suas vidas.

La fiesta en la escuela es especial, no te sabría decir bien...pero no te la podés perder, es única. Aquí todo el mundo se divierte, hay confianza, no hay peligro, se disfruta mucho y es una cosa que nos reúne cada año. Aprendemos muchas cosas con la maestra y los vecinos y todos somos iguales, metemos pa'delante sin aflojar. Hace más de 20 años que se hacen estas fiestas aquí y vienen de lejos, no sé qué decirte, tenés que estar aquí y vas a ver lo que se siente.⁶⁶
(informação verbal)

⁶⁶ - Vizinho da escola Num. 79 Paso del Gordo, entrevista dezembro 2014

3.3-Notas etnográficas contemporâneas do Diário de Campo⁶⁷

Descrição, atividades e programação da Festa de Benefício em El Paso del Gordo:

Dia 1-

5h AM:

Abate de animais começa com três novilhas, duas ovelhas e um porco, as tarefas são feitas na fazenda de Pirruco (Adalberto de Freitas Orgambide, 71 anos), bisneto do primeiro organizador da festa de benefício naquela comunidade. Acompanhá-lo, seu filho Javier (45 anos) marido de Silvana a diretora da Escola N 79; El Correntino um especialista em churrasco vizinho da vila La Paloma, distante 50 km da escola; Santiago de Freitas, seu neto (18 anos) casula, filho de Javier e Silvana; o presidente e o secretário da *Comissão Fomento* e algum menino que corre ao redor da pequena festa organizada enquanto o trabalho se desenrola.

9h AM:

Enquanto alguns cortam a carne e a temperam para ensacar na tripa natural dos animais e fazer chouriço e chouriço mouro, outros trazem lenha e acendem o fogo para fazer a brasa crescer. No decorrer do dia, outros vizinhos chegam para colaborar, e quando o sol se aquece, algumas vizinhas adicionam saladas, frutas e bebidas para acompanhar a primeira carne que sai do fogo. A festa começa aqui.

6h PM:

Os animais são colocados no fogo, a carne é cozida com o couro, está é umedecida para mantê-la hidratada disposta de modo que apenas a carne seja exposta ao calor.

12h AM:

À meia-noite começam a cozinhar as salsichas e os chouriços mouros nas brasas.

Dia 2-

6h AM:

O churrasco fica pronto, carne e chouriços estão prontos para serem consumidos.

11h AM:

É o momento em que a escola recebe os convidados, alguns trazem seus cavalos para competir. Todos os animais são bem cuidados, estilosos e viajam longas distâncias em transportes confortáveis. Aqui começa o segundo encontro da festa,

⁶⁷- esta descrição se justifica pensando nas imagens que foram obtidas no transcurso do trabalho de campo na festas de benefício escolar. Todas elas podem-se organizar num roteiro e assim desenhar um trabalho visual, resultado do exercício de observação e análise das estéticas contemporâneas rurais.

cumprimentos, abraços, risos e circulação das primeiras novidades dos arredores. As mães mostram seus filhos pequenos e todas as suas conquistas, os primeiros dentes, as primeiras palavras e todas as habilidades que os pequenos estão desenvolvendo. Os pais falam sobre os animais, as empresas e os sucessos obtidos com esta ou aquela feira de venda de gado. Os jovens se misturam entre os maiores e as turmas de sua idade até encontrar um grupo onde eles se organizam para começar a beber, há muitas risadas, esse é o canto mais barulhento da festa. Os alunos da escola como anfitriões vão de lugar para outro, convidando os colegas a jogar futebol, brincar de esconde-esconde ou mostrar-lhes alguma novidade da escola, onde eles têm suas aventuras divertidas durante o ano. A cantina abre com as refeições e o bar com as bebidas... começa a festa.

12h 30min PM:

O registro para corridas de cavalos começa, os animais que participam são marcados. Javier de Freitas Santana e dois membros da *Comissão Fomento* são responsáveis por marcar os quadris dos cavalos em branco, o número que lhe corresponderá na corrida. Nesta fase, uma amostra dos animais é realizada e os vizinhos se aproximam do lugar onde os cavalos são mostrados na passarela da moda como si fossem modelos da Chanel. O primeiro momento serve de abordagem, observação e atualização das notícias referentes à história dos concorrentes. Por um alto-falante, o nome do animal e o nome do proprietário são informados, os outros dados são responsáveis pelo olho que os examina.

14h PM:

Leilão de cavalos para as competições, é uma forma de organizar um jogo de apostas que deixa um lucro para a escola, que recebe 20% da aposta total. Santiago de Freitas Nobre é responsável, estudou em Montevideu e é leiloeiro público profissional.

17h PM:

Eles começam as competições curtas e as pencas acontecem em um campo vizinho, o ingresso custa 100 pesos por pessoa; lá tem outra cantina onde os alimentos e bebidas são vendidos.

20h PM:

Fim das competições, retorno à sala de festas; janta; promoção dos alimentos vendidos: churrasco, chouriço, bolos doces e salgados, bolos fritos, empanadas, fainá, pizza, cachorro quente e água quente para o cimarrão; as bebidas são vendidas no bar dentro do salão onde será realizado o sarau

21h PM:

Leilão dos cavalos para a competição do dia seguinte.

Leilão de uma mesa com comida doada pela Sra. Carmelina Santana de Freitas, esposa de Pirruco, inclui: vinho, refrigerantes, língua de vaca e porco ao vinagrete, saladas, frango recheado, churrasco, salsichas e sobremesa. Esta doação da "avó" da escola faz parte de um rito que as esposas dos fazendeiros fazem há muitos anos. Nesta tabela são mostradas as habilidades culinárias da doadora, os produtos

são selecionados de sua própria horta e cozidos por suas próprias mãos em memória de seus predecessores.

23h 30min PM:

Chegada da orquestra para o sarau

Dia 3-

12h AM:

Meia-noite, início do sarau

5h AM:

Encerramento da atividade do sarau

6h AM:

Café da manhã

7h AM:

Começa a competição de cavalos no caminho, (cada ano a distância varia entre 40 e 60 km), a participação nesta corrida tem como protagonistas os cavalos e os cavaleiros, cada par é acompanhado por um grupo de pessoas que o abastecem de água fria e irá atendê-los em caso de acidente. O furgão do rádio local segue a corrida de perto e a transmite ao vivo para o público que ficou na escola. Lá, o resto da audiência aguarda a chegada ouvindo os detalhes em seus dispositivos portáteis; alguns deitados em algum canto descansam do movimento do sarau com o receptor de fone de ouvido de seu smartphone na orelha.

10h AM:

Chegada dos vencedores à linha final, alegria por alguns, desapontamento para os outros, a festa está diminuindo sua euforia.

11h 30min AM:

Entrega de prêmios e sorteio de um potro que foi doado por um vizinho.

15h PM:

Encerramento da venda de bebidas alcoólicas, final do encontro festivo, despedidas, abraços, reclamações e parabéns com vapores da bebida e alegria da celebração coletiva.

Dia 4-

Retorno dos objetos que foram solicitados em empréstimo (freezer, recipientes vazios, mesas e cadeiras); pagamento de bebidas consumidas; limpeza das instalações e arredores; resumo das contas com presença da *Comissão Fomento* e os pais dos alunos da escola.

Dia 5-

Depósito de dinheiro obtido na conta bancária da escola com assinatura da

professora e do presidente da Comissão em exercício.

Dia 6-

Reunião da *Comissão Fomento*, que fornece informações sobre as questões recolhidas e do encerramento da festa, são submetidas à discussão as ideias para a organização da festa no próximo ano.

3.4-Fim da Festa

No final desta jornada e repensando esses fenômenos, integrei o significado dado por Mariza Peirano (2006) à noção de ritual e performance. Peirano declara que cada pesquisador/a desenvolve uma certa maneira de analisar os eventos ou assuntos de seu interesse, até que possamos organizar uma certa arquitetura teórica; é nesse sentido que tentei realizar este trabalho/obra de arte científica. Esta arquitetura projetada com traços multirreferenciais cores e texturas interdisciplinares, tomara possa continuar na consolidação destas concepções, e compartilhar com os colegas que desejem trabalhar desde esta encruzilhada.

[...] as imagens elas têm poder de agência. Torna visível o que não era, subvertem o senso comum, denunciam com sensibilidade única, e por isso mesmo, agem.

Novaes (2015, p. 214)

Capítulo 4-EFICÁCIA do REGISTRO VISUAL e SONORO

4.1-Contribuições do uso de imagens e sons

Antes de expor as perspectivas e a lógica do uso de imagens nesta tese, quero argumentar e justificar por que razão não há imagens no texto escrito aqui apresentado; elas se encontram no arquivo virtual que acompanha o texto no CD ao final, e nos links da página 110.

O principal motivo para tomar essa decisão é que, considero que estas devem ser valorizadas como parte da cultura visual das comunidades. Portanto seguindo minha intuição depois de várias leituras e abordagens filosóficas, artísticos, sócias até educacionais, elas não têm lugar neste formato. O texto tem sua própria visualidade e contempla minha matriz de pensamento com uma estética particular. O leitor poderá olhar -de perto e de longe- as imagens que desenhei com as próprias palavras, parágrafos, notas, e a formatação toda. Os espaços brancos, os pequenos pontos pretos que ocupam as letras e as manchas de cor vermelho que perturba o olhar, só com a intenção de fazer pensar em outros movimentos multirreferenciais da construção estética da tese.

Após de estudar sobre a cultura visual, nesta tentativa de criar pontes entre Arte e Antropologia com o propósito de dar um valor heurístico às competências interdisciplinares da investigação, configurei algumas propostas avaliadas pelos pesquisadores que me antecederam, mas sempre com um olhar interdisciplinar.

Com a perspectiva de fazer uma troca, que não seja impossível, no sentido baudrillardiano, Fernando Miranda (2010) ao refletir sobre educação e cultura visual diz:

El campo cultural y artístico es también un campo de regulación de intereses e intenciones, que buscan, con frecuencia, la conservación de la estructura social, sin dejar de ser, al mismo tiempo, un importante espacio de lucha para la transformación.⁶⁸ (MIRANDA,

⁶⁸- O campo cultural e artístico também é um campo de regulação de interesses e intenções, que

2010, p.7)

Fazer uma análise crítica das imagens (fotos e vídeos) implica conhecer os espaços de visibilidade em que emergem e os significados atribuídos a esses materiais. Elas pertencem à vida privada das pessoas, e de acordo com Mirzoeff (2003, p. 18) “a visualização da vida cotidiana não significa que necessariamente sabemos o que observamos”. O desejo de trabalhar com as fotografias dos encontros festivos do *Agrupamento* trouxe uma contribuição para esta tese, que foi para experimentar essas narrativas visuais criando um intercâmbio entre contextos (RICHARDS, 1936, apud SUTZ, 2015, p.13) ou áreas disciplinares e caracterizar o trabalho de campo, também com uma perspectiva artística.

Portanto as imagens que registrei e me acompanharam nesta pesquisa tornaram-se válidas (para o trabalho) somente quando as compartilhei com os protagonistas desta aventura etnográfica. Uma vez impressas (as fotografias) ou difundidas pelas redes internas de comunicação (os vídeos), fizeram visíveis alguns detalhes que permitiram reconstruir momentos e formar conceitos sobre questões que se reconheceram na evidência visual que apareceu. A observação desses registros mudou as vezes o pensamento do grupo referido a algumas situações dos encontros festivos, depois de conversar e discutir sobre tal o qual benefícios para a coletividade de fazer ou não alguma transformação ou mudança.

Essas fotografias que tirei e os vídeos que filmei, fazem parte da memória do trabalho a mesma coisa aconteceu com os sons gravados. Estas ferramentas permitiram-nos assistir e ouvir os materiais sem fadiga e compreender particularidades, palavras ou sentidos daquele acontecimento que foi resgatado. Essa memória visual e sonora substituiu muitas vezes as notas do diário de campo, e podemos acessar a ela quando quiser e puder, tanto as pessoas das comunidades rurais, autoridades da Educação, quanto vocês que estão analisando este texto. (ver links de acesso no Apêndice, pág. 110)

muitas vezes procuram a preservação da estrutura social, ao mesmo tempo em que é um espaço importante para a luta pela transformação. (tradução nossa)

O conteúdo das fotografias e dos vídeos tem relação com o desenvolvimento da pesquisa e com a Análise Cognitiva que realizei nesse contexto de trabalho. Nos primeiros anos a visão etnográfica foi global, observando as imagens de planos amplos, lugares, paisagens, caminhos e momentos distantes das pessoas, só acumulando fatos sobre o ambiente procurando encontrar as particularidades dessas culturas. Conhecer os caminhos, arroios, pontes, plantações e nomes específicos aprimorou meus conhecimentos para ordenar os planos futuros. Na fase seguinte, quando minha permanência nos lares das comunidades foi mais calma, e a confiança estava instalada entre nós, essa visão geral foi colocada em segundo plano. Nesse período, o ouvido estava melhor treinado para as entrevistas, para as gravações dos sons externos e para escolher imagens nos seguintes eventos.

Nos dois últimos anos, localizada no lugar de responsabilidade que me foi atribuído, as evidências fotográficas e os vídeos deram conta de uma maior proximidade com as pessoas e lugares. O conteúdo dos registros amostra o interior das casas, quartos, salas, cozinhas, horta, jardim, rostos, comidas, bebidas que descrevem pormenores e complexas descrições dos encontros festivos. Nenhum pé de foto poderia descrever as situações, não tem ninguém que possa dizer que precisamos das imagens para a compreensão de este o aquele fenômeno. Algum desorientado nas práticas do estudo das imagens pode desejar olhar e incluir suas percepções no discurso acadêmico sobre a validade do registro visual. Mas é preciso um trabalho profundo e específico para definir o uso das imagens num texto como este.

Minha posição é radical, este texto apresenta suas imagens num contexto diferente, utilizando as ferramentas contemporâneas da tecnologia as coloca num lugar privilegiado, sem que o leitor esteja distraído em outras observações que não sejam da leitura. É necessário que o leitor amador ou alguém com pouca experiência na leitura conceitual das imagens, possa realizar o exercício de Análise Cognitiva com as ferramentas metodológicas bem diferenciadas. Desse jeito provavelmente aproveite melhor todo o conjunto do material científico para a compreensão da proposta.

A máquina fotográfica, o smartphone, o gravador e qualquer outro aparelho

tecnológico que eu usei para registrar os eventos e as pessoas nesta pesquisa, eles mesmos foram observadores participantes tanto quanto eu era neste caso. Não só à artista - cientista se destaca em público quando participa dos eventos das comunidades, os objetos de trabalho que carregava têm uma grande visibilidade no contexto do trabalho de campo. É por isso que o *feedback* é necessário e os vizinhos agradeceram quando as imagens foram compartilhadas com eles. As vezes precisei fotografar o que mais orgulhava as pessoas da comunidade (horta, animais de estimação, carros, brinquedos, móveis, gado) e assim identificar os lugares e fatos que tem importante significado na vida social e comunitária em tal o qual território.

As imagens das interações sociais que aconteceram nos encontros festivos do *Agrupamento*, facilitaram o exercício de observação posterior da festa e definiram situações da pesquisa não verbal. Nesses materiais, pudemos ver pessoas ao redor de um cavalo; outras que acompanham na competição com seus carros e vans; aquelas que oferecem dinheiro no leilão; que bebem deitadas no chão; que dançam de cara colada e olhos fechados; crianças que choram; homens que discutem; mulheres que riem; jovens e crianças que brincam de esconde-esconde e outros jovens que namoram, me ajudaram nas definições da estrutura social, das formas de fazer trocas e também a integrar o grupo. A utilidade das evidências fotográficas foi examinada em duas etapas, a primeira sozinha ou com colegas da área artística, a segunda com as pessoas das comunidades. Depois veio a reflexão estética dos conteúdos dessas imagens e as discussões dos conceitos que desejava trabalhar.

A tecnologia usada para gravar em áudio era meu smartphone. Nem sempre o Diário de Campo foi eficaz nas notas que escrevi nele, às vezes eu transcrevi nomes de pessoas ou lugares errados. A prática de gravar sons externos, ruídos, gritos, música, conversas em reuniões e entrevistas foi um suporte fundamental para a redação deste texto. Gravar um evento é tão complicado como tirar uma fotografia, especialmente no que se refere à ética profissional do trabalho. Esses sons representam também a experimentação no campo criado entre Arte e Antropologia.

As imagens produzidas durante os anos de trabalho no campo, exigiu-me extrema sensibilidade não somente ao olhar, mas também na consideração e cuidado dos participantes dos encontros festivos. Eles colaboraram com a pesquisa e por essa mesma razão, além do significado que tem conceitualmente, também são apresentadas como uma obra coletiva e (in)formativa de uma expressão estética particular.

4.2-Arte e cultura visual na multirreferencialidade

Feitas as considerações acima, e apesar de ter desenvolvido pessoalmente experiências na Antropologia e na Arte refletindo sobre as imagens, as tendências dos últimos dez anos nos alertam sobre as diferentes percepções das realidades que pesquisamos. O advento de novas tecnologias, tendências científicas de experimentação e discussões sobre a cultura visual, nos obrigam a refletir sobre novos campos de estudo que colaboram neste caso particular, na abordagem interdisciplinar e multireferencial.

O conceito cultura visual é um campo de estudo segundo Mirzoeff (2003) além de uma prática que tem a ver com as formas de olhar. Também estão envolvidos os sentidos do público; no sentido de população geral, todas as pessoas interessadas na matéria que olha e ao mesmo tempo cria objetos para serem olhados. Com essas orientações alinhavi e costurei as ideias que me levaram a compreender como as comunidades rurais produzem sua arte. Compreendendo a estética para além da construção kantiana e localizando-a no ponto de vista da vida cotidiana das pessoas e suas relações vitais atuais (MIRANDA, 2010), percebi que esse é um recurso multirreferencial de discussão científica que envolve a Arte como produtora de sentido do ethos particular de cada comunidade.

Para aprender a olhar através da imagem, devemos rastrear o contexto em que ocorre, diz Elisenda Ardèvol (1998) não só precisa estudar o mundo físico, mas também suas representações e a atividade simbólica, mental e criativa dos seres humanos. Assim, o criador vai gerar seu momento artístico em todos os assuntos

que ele olha, enquanto observa, pensa, sente, sofre, desfruta e compete. Portanto as relações entre conhecimento e estética deveriam considerar-se a distintos níveis simultâneos de análise e pensar as imagens visuais como ferramentas de pesquisa e meios de comunicação. Elisenda Ardévol (2006) propõe levar em consideração que a imagem é um objeto teórico de estudo da Antropologia, ao mesmo tempo um produto da atividade antropológica; por esta e outras razões, não só estudamos imagens do mundo, mas as produzimos e esta situação significa que a pesquisa também é um processo cultural a ser pensado e analisado.

Considerar as práticas, discursos, representações e imaginários da Antropologia associados à Arte, levou-me a observar as maneiras pelas quais alguns conceitos antropológicos têm sido utilizados na produção científica. (CISNEROS, 2014) A representação audiovisual permite analisar aspectos da comunicação humana, significados e sentidos. Neste ponto, a fusão entre Arte e Antropologia criou um campo de tensões onde cada disciplina contribuiu com conceitos diferentes e, foi assim que transitei por novos caminhos nesta tese. Esta transgressão foi implementada no departamento de Durazno, no Uruguai, graças à capacidade de criação das professoras responsáveis pelo *Agrupamento* Escolar e a disposição e os conhecimentos dos vizinhos das comunidades para desenvolver minhas propostas e misturá-las com suas ideias.

Eu gosto de incorporar a imagem em todos meus trabalhos, mas para compartilhar isso devemos concordar que Arte é uma representação de forças e significados que reivindicam um sentido como tem sido sempre na História da Ciência. Aprender com outras práticas e fazer Arte com esses aprendizados vai permitir-nos confundir nossas certezas, processo desejável para criar um produto. Esta tese interdisciplinar tentou discutir os avanços e resultados da observação e aplicação da experiência estética para escapar de alguns conceitos hegemônicos -e quase anacrônicos- das abordagens nas ciências sociais.

Experimentar el arte supone expresarse, conectarse con la sensibilidad y la racionalidad de uno mismo y del otro, sumergirse en un universo infinito de significados que varían, de sujeto en sujeto y

de contexto cultural en contexto cultura; además de involucrar tal cantidad de sentidos [y abordajes] que el proceso materializa un ideal de eficacia cuasi mágica.⁶⁹ (Moya, 2008, p. 16).

A Antropologia neste caso colaborou na abordagem de um universo específico observando suas lógicas, constitutivas de realidades e problemas contemporâneos.

A Arte da sentido à proposta e permite sensibilizar-nos para entender que é mais do que um talento; é um processo e pode ser uma estratégia para a criação de conhecimento em outras áreas. É uma ferramenta de aprendizagem que promove criatividade, inovação e estimula habilidades intelectuais; uma forma de comunicação que provoca transformações. As experiências compartilhadas neste praxis sócio-estética abrangem várias dimensões

⁶⁹Experimentar com a arte envolve expressar-se, conectar-se com a sensibilidade e racionalidade de si mesmo e o outro, imergindo-se em um universo infinito de significados que variam, sujeito a sujeito e de contexto cultural em contexto cultural, além de envolver tais sentidos e abordagens que, finalmente, o processo materializa um ideal de eficácia quase-mágica. (tradução nossa)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FECHAR

Arte e Antropologia em transcurso interdisciplinar

Considerar a lógica das transformações culturais sob uma perspectiva antropológica, atravessadas por uma fase criativa de interpretação artística me conduziu a revisar aspectos da vida das comunidades e a processar o saber desses vizinhos como parte dos princípios estéticos comunitários. Gradualmente fui me incorporando a suas experiências cognitivas e compreendendo como os sujeitos integrantes dessas comunidades produzem conhecimento; um conhecimento específico, não abstrato, resultado de um saber ancestral que é produto de experiências reais e não de ideias criadas em um gabinete. (OLIVEIRA, 2016)

A minha sensibilidade estética esteve em jogo, com as formas que eles tinham de resolver e criar modelos de interpretação dos assuntos que enfrentavam. Logo depois corroborei que isso ocorre por conta de “este artificialismo metodológico que coloca dificuldades mais ou menos graves no plano das interações [...] a chegada de uma pesquisadora sempre introduz ruídos na dinâmica das relações preexistentes”. (MONTERO, 2013, p. 8)

Foi assim, nessa interação particular da observação etnográfica, que eu aprendi sobre as habilidades e estratégias dos moradores desse lugar, na sua singularidade e na sua condição de integrantes do *Agrupamento* Escolar da 7ª seção do departamento de Durazno, Uruguai. Uma singularidade complexa já que segundo Montero:

[...] o que se pode ver e compreender depende em grande parte de como nos veem e compreendem. Desse modo, pode-se afirmar que uma das mais importantes dimensões da vida social que o artificialismo do trabalho de campo põe em evidência é o artificialismo das categorizações sucessivas e múltiplas que orientam toda forma de interação social: jovem, mulher, estrangeiro, branco, periférico, inimigo, etc. (MONTERO, 2013, p. 10)

Ao entrar ... melhor dito ao abrir a porteira e ingressar ao campo da criatividade para entrelaçar componentes da ciência com conceitos próprios do campo artístico, encontraram-se trabalhos focados nos fenômenos da criatividade associada a outras atividades disciplinares que propõem:

A criatividade é um fenômeno multidimensional, que envolve motivações, dimensões internas cognitivas, como conhecimento e habilidades técnicas, e externas, como acasos e aspectos culturais do processo criativo. Teorias atuais da criatividade aproximam o artista da pessoa comum, com a ressalva de que o artista é mais criativo no campo das artes, assim como outras pessoas são mais criativas em outros domínios. (MELLO, 2009, p. 101)

Os recursos teóricos considerados neste estudo acompanham a criação, tradução e divulgação do caminho percorrido exercitando a AnCo. A criatividade do grupo estudado e as transformações resultantes compartilham um status horizontal no quadro multirreferencial e polilógico aqui exposto. Assim foi que incluímos, para entender e ampliar esses fundamentos um modelo criado por Wechsler que contém o seguinte:

Conceituamos, portanto, a criatividade em uma abordagem mais ampla, onde são necessários diversos tipos de interações para que seja completada de forma harmônica não só para o indivíduo como também para a sociedade. Neste sentido, devem ser consideradas todas as possíveis combinações entre os seguintes elementos: a) habilidades cognitivas; b) características de personalidade; c) elementos ambientais [...] Diversos são os enfoques que podem ser tomados no estudo da criatividade, considerando cada um dos aspectos mencionados. Assim sendo, da mesma maneira que, no enfoque atual, sobre a inteligência podemos situar e discorrer sobre as múltiplas inteligências (Gardner, 1993), também podemos nos referir às múltiplas criatividades ou múltiplas formas de ser e atuar criativamente. É, portanto, mais adequado e correto pensar em um modelo multidimensional para se avaliar a criatividade, que busque explicar vários dos seus componentes do que se preocupar em encontrar uma medida única de criatividade válida para todas as ocasiões e que possa explicar todas as criatividades. (Wechsler, 1998, p. 3)

A exploração realizada durante todo esse tempo focou-se na busca de perspectivas múltiplas. A soma dos efeitos individuais de cada campo de estudo agiu de forma sinérgica na tentativa de responder a questões complexas da contemporaneidade. A Linha de Pesquisa (03), onde eu pertenço, permitiu-me levar em consideração as mediações epistemológicas das outras duas linhas do Programa e fazer articulação com as áreas interdisciplinares de Análise Cognitiva e modelagem de conhecimento⁷⁰. Por esse mesmo motivo, esta tese visibiliza também as vozes dos vizinhos das comunidades rurais do *Agrupamento* Escolar 'Bons Vizinhos'. Eu coloquei essas vozes nos capítulos descritivos onde a tensão entre a experiência da responsável e os depoimentos deles fazem parte da construção do trabalho.

Não alcança com a interpretação pessoal da doutoranda, nem a justificação teórica dos especialistas nas áreas disciplinares escolhidas para enfiar a Interdisciplina. Também integram o texto -e, portanto, são componentes do modelo- as implicações da pesquisadora nas atividades de campo; sua estreita relação entre teoria e prática no exercício profissional da pesquisa; as contribuições de outros atores próximos ao universo social do *Agrupamento* Escolar; as orientações dos/as professores/as; e os resultados da articulação entre pesquisadores com diferentes formações que trabalharam colaborativa e criativamente na construção dos aspectos teóricos da tese.

Juntamente com as comunidades produzimos o trabalho, e o material científico e artístico foi criado com ajuda do método etnográfico. Com esta técnica de participação, associamos conhecimento em interação e esta ferramenta nos autorizou a definir os sentidos que levam os encontros festivos na vida desses atores. Definir coletivamente as etapas do processo de troca de conhecimento entre professoras (instituições), crianças, famílias e vizinhos (comunidades), adquiriu a função de instrumento de análise. Nesse cenário de fotossíntese cultural, manifesto minhas convicções epistemológicas ao falar da festa como uma concretização da episteme comunal que exhibe a construção e difusão dos conhecimentos locais. (CISNEROS,

⁷⁰- Segundo a proposta do DMMDC <http://www.difusao.dmmdc.ufba.br/proposta>

2017)

Nesta abordagem colaborativa e dialógica o conceito sobre as transformações culturais vem sendo fundamentado como objeto central dos estudos antropológicos.

Preocupa a antropologia o estudo das adaptações humanas e transformações tanto da sua cultura como do seu ambiente natural. Dentro deste campo, é muito difícil refletir sobre toda a riqueza de ferramentas metodológicas teóricas utilizadas para definir esse tipo de atividade. A seleção de alguns autores considerados clássicos tem a ver com a responsabilidade desta tese de colaborar na compreensão dos processos de pesquisa antropológica e seu desenvolvimento como disciplina e ciência da cultura, com base nesse reconhecimento foi possível associar para conceitos artísticos.

As teorias sobre as transformações e mudanças culturais têm a ver com os processos históricos do estudo da cultura, isso foi o que esta tese trabalhou intensamente para definir especificamente como as transformações fazem parte da compreensão do universo rural contemporâneo.

Da mesma forma que as transformações culturais são configuradas, a manifestação da experiência estética baseada na contemporaneidade foi incluída entre os conceitos que apoiam esta tese. Este contato entre duas disciplinas contribuiu para melhorar a qualidade dos intercâmbios entre academia, comunidades rurais e suas atividades culturais.

O contato com as comunidades foi um aprendizado com uma estética particular que definiu a família do campo contemporâneo. Nas conversas eu aprendi sobre a produção agrícola desse departamento, enquanto eu falei sobre minha experiência no doutorado e nas coisas que conheci das áreas rurais brasileiras. Falávamos dos diferentes tipos de cavalos de raça, de trabalho, de passeio e de competição. Eu contei para eles sobre as discussões que tínhamos nas aulas referido à complexidade, à Análise Cognitiva e o que isso tinha a ver com esta tese e com a vida deles.

As crianças nas escolas, enquanto ensaiamos as atividades para o festival cultural do final dos cursos, me contaram seus jogos e aventuras com vacas, ovelhas, porcos, cobras, passarinhos e outros animais, eu mostrei na internet imagens de papagaios e outros animais que moram na floresta brasileira. Agricultura

familiar e horticultura orgânica foram aulas que recebi das avós; vantagens, dificuldades, custo e preparação da terra. Os avôs preferiam falar comigo dos modos como eu ia falar sobre eles, da escola, das comunidades, e das histórias que nem sempre são importantes para o resto do mundo fora desses lugares.

Eu sempre pensei que aprendi muito nas interações com as comunidades. No entanto, eles apreciaram o tempo que eu lhes dediquei e a importância da divulgação do meu trabalho.

Participar de um acontecimento e ao mesmo tempo estar por fora de ele, foi a condição necessária para trabalhar nesta experiência. Entrar na vida de outras pessoas, recuperar da sua memória acontecimentos coletivos e individuais, pensamentos e ações; anotar o que ocorria enquanto compartilhei os encontros do grupo, gravar vídeos, tirar fotografias; suportar o cansaço, o tédio, o sono e a confusão, complicou muitos dias a minha tarefa como pesquisadora. Em cada comunidade tentei conhecer a maioria das pessoas e visitei todos os lugares que foi possível. Nessas localidades percorri 1200 km quadrados visitando as famílias dos alunos das quatro escolas que formaram o *Agrupamento*, entre o mês e setembro do ano de 2013 até março de 2017.

Essa transferência interdisciplinar e humana derrubou -pelo menos por alguns meses- as barreiras da verticalidade nas relações interpessoais, para ter um relacionamento horizontal onde cada um tinha um conhecimento que o outro estava precisando saber. Nesta pesquisa este doutorado me deu outras 'dicas' para trabalhar (mais uma vez) na colaboração entre comunidades e pesquisadores.

Lo importante es ser capaces de narrar y compartir el proceso, para comprender qué ha pasado, cómo se ha llegado a dicha situación, qué caminos han surgido para salir de esos escenarios y bifurcaciones y qué sendas se han ido construyendo [...]; nombrar y hacer visibles las vulnerabilidades, los miedos y las tensiones, sin dejar de reconocer que las dinámicas grupales siempre están situadas en espacios y tiempos concretos, inscritas en privilegios y relaciones de poder encarnadas. [...] insistir no sólo presentando el producto, sino el proceso (camino) que ha permitido llegar hasta el lugar desde el cual se está enunciando, para comprender, rastrear y compartir las múltiples coordenadas con otras experiencias que se

estén articulando y gestando.⁷¹(DIETZ, 2014, p. 80)

A experiência nos encontros do *Agrupamento* contribui para consolidar a metodologia do trabalho na pesquisa colaborativa, sem discutir sobre a exclusividade dela e sua aplicação. Mas resultou boa na hora de analisar as questões que interessavam desenvolver nesta tese, eliminando o monólogo unidirecional historicamente produzido, interpretado e narrado só com o olhar da pesquisadora. (DIETZ, et al., 2014)

Finalmente a delimitação do problema tem a ver com a particularidades da cultura rural local, sem tentar explicar a cultura rural toda. Os movimentos específicos que as comunidades constroem tem significado como um fato cultural concreto, eles não estão sujeitos a nenhuma explicação universal. Uma fórmula que explica o comportamento de toda a humanidade não pode explicar a cultura. (STEWART, 2014, p. 30)

Por fim, e fechando este capítulo posso dizer: se a mudança cultural é um processo criativo das comunidades rurais, é a capacidade organizacional, a mediação dos conflitos e o poder de resiliência dos grupos sociais o que induzem ideias criativas.

As pessoas se reorganizam em todas as ações coletivas e nesse jogo se reconhecem, dando sentido à sua vida social e simbólica. A transformação começa aprendendo e divulgando conhecimentos entre os participantes dos encontros do *Agrupamento*.

⁷¹O importante é poder narrar e compartilhar o processo, entender o que aconteceu, como chegou a essa situação, quais caminhos surgiram para sair desses cenários e bifurcações e quais caminhos foram construídos [...]; nomeando e tornando visíveis vulnerabilidades, medos e tensões, ao mesmo tempo que reconhece que a dinâmica de grupo está sempre localizada em espaços e tempos concretos, inscritos em privilégios e relacionamentos de poder incorporados. [...] insistir não só na apresentação do produto, mas também no processo (caminho) que nos permitiu alcançar o local a partir do qual está sendo enunciado, entender, rastrear e compartilhar as múltiplas coordenadas com outras experiências que estão sendo articuladas e gestadas. (tradução nossa)

REFERÊNCIAS⁷²

ARDEVOL, Elisenda. *Por una antropología de la mirada: etnografía, representación y construcción de datos audiovisuales*. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares de CSIC, V. LIII, N. 2, 1998. Disponível em: <http://rdtp.revistas.csic.es/index.php/rdtp/article/viewFile/396/400>. Acesso em abril 2015.

_____. *La búsqueda de una mirada: Antropología visual y cine etnográfico*. Barcelona: Editorial UOC, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Edition de Minuit, 1980.

CAPEL, Horacio. *Las ciencias sociales y el estudio del territorio*. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, V. 21 N. 1149, 2016.

CEIP, Reglamento de Comisiones de Fomento Escolar, Montevideo, 2004. Disponível em: http://www.ceip.edu.uy/documentos/2015/ceip/reglamento_ComisionFomento.pdf. Acesso em março 2017.

CARRO, Sandra; FERNÁNDEZ, Alberto. *Tejiendo Redes. La relación Escuela, Familia y Comunidad en el medio rural*. Montevideo: Psico Libros Universitario, 2012.

CASNATI, Ana. *Encrucijadas y líneas de fuga de la interactividad*. Montevideo: Espaço Interdisciplinar da Udelar, 2015.

CISNEROS, Mariel. *Factor tiempo*. Anuario Flor de Ceibo, pp. 113 a 125, Montevideo: Udelar, 2011.

_____. *Mariposas y caballos. Encuentro de la Educación Artística y el uso de las TIC en escuelas rurales*. Atas do Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia, Inovação y Educación, Art. N. 882, 2014. Disponível em: <http://www.oei.es/congreso2014/memorias2014.php>

_____. *Provocaciones de la cultura digital: La Educación Artística como escape de la didáctica hegemónica*. Iberoamérica social. Revista-red de estudios sociales, Diálogos iberoamericanos I. Análisis y propuestas desde las Ciencias Sociales para repensar Iberoamérica. Sevilla, 2017. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/dialogos-iberoamericanos-i-analisis-y-propuestas-desde-las-ciencias-sociales-para-repensar-iberoamerica/>

⁷²Visando à adequação e atualização das normas ABNT, seguindo a recomendação do uso do Sistema autor-data de citação adota-se a ordenção alfabética das referências. "Segundo este Sistema, pode-se incluir na lista não só as obras citadas no texto, como também aquelas lidas pelo autor e consideradas fundamentais para o tema". (LUBISCO, et al, 2013)

COUTO, Mia. Conferência de abertura curso UNSAM, *Epistemologias e literaturas do Sul*. Cátedra Coetzee, Buenos Aires, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sublevaciones*. Buenos Aires: Muntref, 2017.

_____. *Imágenes pese a todo. Memoria visual del Holocausto*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2004.

DIETZ, Gunther; ÁLVAREZ, Aurora Veinguer. Reflexividad, interpretación y colaboración em etnografía: un ejemplo desde la antropología de la educación. In: Oecmichen Bazán, Cristina (editora) *La Etnografía y el trabajo de campo en las ciencias sociales*. p. 91 a 119. México: Instituto de Investigações Antropológicas, UNAM, 2014.

DUSSEL, Inés. *Entrevista con Nicholas Mirzoeff. La cultura visual contemporánea: política y pedagogía para este tiempo*, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403041703007>>. Acesso em março 2017.

ERREA, Eduardo; SOUTO, Gonzalo. *El agro*. Montevideu: Impo, 2013. Coleção Nuestro Tiempo, Libro de los bicentenarios, Num. 21.

FEITO, María Carolina. *Antropología y Desarrollo. Contribuciones del abordaje etnográfico a las políticas sociales rurales. El caso de la producción hortícola bonaerense*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA): Colmena, 2005.

FERREIRO, Agustín, *La enseñanza Primaria en el medio rural*. Montevideu: Ceip-Cetp, 2010.

FRÔES BURNHAM, Teresinha, et. al. *Análise Cognitiva e espaços multireferenciais de aprendizagem. Currículo, Educação a Distância e Gestão/Difusão de Conhecimento*. Salvador: Edufba, 2012.

GALEFFI, Dante. *Um rigor outro. Sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Educação e ciências Antropossociais*. Salvador: Eufba, 2009.

_____. *Didática filosófica mínima. Ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar*. Salvador: Quarteto Editora, 2017.

GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, J. G. *Criação e devir em formação: mais-vida na educação*. Salvador: Eufba, 2014.

GHASARIAN, Christian. *De la Etnografía a la Antropología reflexiva. Nuevos campos, nuevas prácticas, nuevas apuestas*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 2008.

GEERTZ, Clifford. *La interpretación de las culturas*. México, Gedisa, 1987.
GIGLIO, Zula Garcia; WECHSLER, Solange Muglia; BRAGOTTO Denisse. (orgs.) *Da criatividade à inovação*. Campinas: Papyrus, 2009.

GIMENEZ, Gilberto. *Teoría y análisis de la cultura*. Vol.1. México: Conaculta, 2006.

GOLDAM, Marcio. *O fim da antropologia*. Crítica á: A invenção da cultura de Roy Wagner. São Paulo: Cosac Naify. In: Novos estudos CEBRAP no.89, São Paulo: março, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002011000100012>. Acesso em: maio 2017.

GODOI, Emilia Pietrafesa de. *O Trabalho da Memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

GRAMMONT, Hubert Carton de. *La nueva ruralidad en América Latina*. En: Revista Mexicana de Sociología. Año 66. Núm. Especial. Instituto de Investigaciones Sociales-UNA. México: 2004. pág. 279-300.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LAPLANTINE, Francois; NOUSS, Alexis. *Mestizaje. De Arcimboldo a zombi*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

LUBISCO, Nídia M. Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de Estilo Acadêmico*. Trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 5ª edição revisada e ampliada. Salvador: Edufba 2013.

MARTÍNEZ, Juan B. Rodríguez; BUSTOS, Antonio Jiménez. *Globalización, nuevas ruralidades y escuelas*. Profesorado, Revista de Currículum y Formación del Profesorado, Vol 15, num. 2. Granada, 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=56719129001> Acesso em: março 2017.

MELLO, Regina Lara Silveira. O fluir de ideias: o transe criativo em arte. In: GIGLIO, Zula Garcia, et al (Orgs.) *Da criatividade à inovação*. Campinas: Papirus, 2009.

MIGUEZ, Paulo. A festa: inflexões e desafios contemporâneos. In: RUBIM, Linda e MIRANDA, Nadja. (org.). *Estudos da festa*. Salvador: Edufba, 2012. pag. 205 a 216.

MIGNOLO, Walter. Aesthesis descolonial. In: GÓMEZ Pedro Pablo.; et.al. *Arte y Estética en la Encrucijada descolonial II*. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003.

MIRANDA, Fernando Somma. *Educación y cultura visual: aportaciones y relaciones necesarias*. Revista Digital do LAV - Revis LAV, v.: 5, p.: 1 - 15, 2010.<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/issue/view/138>

MOMBRÚ, Álvaro e VIENNI, Bianca. Concluyendo y proyectando. In: Vienni, Biana et al. *Encuentros sobre interdisciplina*. Cap. 21, pág 369. Montevidéo: Espaço Interdisciplinar Udelar, Trilce, 2015.p

MONTERO, Paula. Prefácio a la primeira edição de: Antropologia em Trânsito. Reflexões sobre deslocamentos e comparação. In: Dulley, Iracema e JARDIM, Marta, *Antropologia em Trânsito. Reflexões sobre deslocamentos e comparação*, pág 7. São Paulo: Annablume, 2013.

MOYA, Marian. *Miradas Profundas. Registros de una experiencia socioestética*. Buenos Aires: Antropofagia, 2008.

NEIRA, Luis. La escuela rural en el Uruguay. In: CARRO et. al. *Tejiendo Redes. La relación Escuela, Familia y Comunidad en el medio rural*. Pág 21, Montevidéo: PsicoLibros Universitario, 2012.

NOVAES, Silvia Caiuby (org) *Entre arte e ciência. A fotografia na Antropologia*. São Paulo: Edusp, 2017.

OLIVEIRA, Eduardo. *Estética da libertação*. Palestra na UNICAMP, São Paulo 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZWzosOEiUil>. Acesso em: fevereiro 2017.

PEIRANO, Mariza. *Temas ou teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance*. Atas de 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia, 13 de junho, 2006.

PI HUGARTE, Renzo. *Los indios de Uruguay*. Madrid: Mapfre, 1993.

REYGADAS, Luis. Todos somos etnógrafos. Igualdad y poder en la construcción del conocimiento antropológico. In: Oecmichen Bazán, C (editora) *La Etnografía y el trabajo de campo en las ciencias sociales*. p. 91 a 119. México: Instituto de Investigaciones Antropológicas, UNAM, 2014

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, Colección Nociones Comunes, 2015.

SÁNCHEZ Gamboa, Silvio. *Pesquisa em educação. Métodos e epistemologias*. 2 ed. Chapecó: Argos, 2012.

SANTOS, Limber. *Políticas educativas y formatos escolares*. Revista Políticas Educativas, V. 4, n. 1, p. 18-34, Porto Alegre, 2010.

_____. Prefácio à quinta edição de *La Enseñanza Primaria en el medio rural*. Agustín Ferrerio. Montevidéo: Ceip, pág. 9 a 24, 2010.

SOLER, Miguel. *Lecciones de un maestro*. Montevidéo: Codicen, 2009.

STEWART, Julian. Teoría del cambio cultural. La metodología de la evolución unilineal. Cidade de México: Universidad Iberoamericana, 2014.

_____ Clásicos y Contemporáneos en Antropología. CIESAS-UAM-UIA
Cap. 2, In *Theory of Culture Changes*, Urbana: University of Illinois Press, 1955.

SUTZ, Judith. Prólogo a la primera edición de Encuentros sobre interdisciplina. In: Vienni, B.; et al (Coords). *Encuentros sobre interdisciplina*, pág 11. Montevidéo: Espaço Interdisciplinar Udelar, Trilce; 2015.

TEIXIDÓ, Joan Saballs et. al. *Celebración de fiestas populares en la escuela*. Girona: Universitat, Grupo GROC, 2012.

URUGUAI. Assembleia Geral do Senado e da Câmara de Representantes da República Oriental do Uruguai. *Ley Nº 18.437 Ley General de Educación*, Anexo XIV. Montevidéo, 30 p.

VARELA, D.; De LEÓN, R. e BUZZETTI, Irupé. *Breve análisis histórico de la educación en el Uruguay*. Montevidéo: ANEP/CEIP, 2007. pp.1 a 36. Disponível em: www.ceip.edu.uy/documentos/normativa/.../analis_historico.pdf Acesso em: abril 2016.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evans; ROSCH, Eleanor. *A mente Incorporada. Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. São Paulo: Artmed, 2003.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEINGART, Peter. Interdisciplinariedad: El discurso paradójico. In: Vienni, B.; et. al (Coords). *Encuentros sobre interdisciplina*. Cap. 8, pág. 135. Montevidéo: Espaço Interdisciplinar, Udelar, Trilce; 2015.

WECHSLER, Solange Muglia. Avaliação multidimensional da criatividade: uma realidade necessária. In: *Psicologia escolar e educacional*. V2, N 2, Campinas: PUC,1998.

ZAMORA, Fernando García. *Filosofía de la imagen: Lenguaje, imagen y representación*. México: Unam, 2007.

APÊNDICE

⁷³Repertório de imagens e sons

Link para acessar aos registros sonoros:

Pássaros:

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/0B8HJLmnVu7OCLWtZS0pIbWJaRDA>⁷⁴

Link para acessar aos registros fotográficos:

<https://photos.app.goo.gl/Q3Wfbz97TLWmlgz13>

<https://drive.google.com/drive/my-drive>

Links para acessar aos registros de imagens em movimento:

Primeiro Dia de Integração da tecnologia na Escola Rural envolvendo a equipe de pesquisa UDELAR, 2012

<https://www.youtube.com/watch?v=3p13atd6W9U>

Festival cultural do final dos cursos do *Agrupamento* Bons vizinhos, 2014

<https://www.dropbox.com/sh/sl87099qf19ihsl/AAB82Wk5uJ8BsuQ4EL1I1eMqa?dl=0>

Ensaio para o festival cultural, escola Nº 66, 2015

<https://www.dropbox.com/sh/it2iolu4duh3vwq/AADeOIGS3kxwVZMs60PwwU9ya?dl=0>

Benefício em Arévalo, 2015

<https://www.dropbox.com/sh/b96pgj4a1mznj0g/AABYfB-6AZy5u9-gAUvvOTTqa?dl=0>

Raide em Paso del Gordo, 2016

https://www.dropbox.com/sh/r0xifo16vc25ap2/AADMHArqMbDwDMw1v_8JAn3Aa?dl=0

Diversas atividades da festa

<https://drive.google.com/drive/folders/0B8HJLmnVu7OCX0FXdm9XdFdObHM>

‘**Hornero migratorio**’, um exemplo de interdisciplina (Arte e Antropologia) no Uruguai.

Laboratório / oficina de exploração e criação musical sonora com crianças da Escola Rural No. 37 na cidade de Rincón de los Francos, estado: Treinta y Tres, Uruguai.

Junho de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=kfuSGBp49vI>

O poder criativo: <https://www.youtube.com/watch?v=T76wWmwIz0Y&t=9s>

Hornero migratorio em São Paulo, 2016

<https://www.youtube.com/watch?v=eyHBIh6Nm1c>

⁷³Os arquivos estão sendo selecionados e carregados desde julho de 2017, o repertório de imagens que os integra excede a capacidade da nuvem para mantê-los em forma livre. O acesso é gratuito clicando no link correspondente.

⁷⁴ Arquivo organizado com a colaboração de Magui Goyeche e seus colegas do grupo AVES DEL URUGUAY

ANEXOS⁷⁵

ANEXO I

Entrevista com a Professora Norma

Lugar: pátio da escola Nº 66 Cerro Juan Jorge, Durazno, Uruguai.

Data: dezembro de 2013, uma semana antes do último encontro do *Agrupamento* desse ano

MARIEL: quiero que me cuentes como es que ustedes crearon el Agrupamiento de las escuelas, en qué año, cómo decidieron y porqué decidieron... bueno todo lo que me quieras decir del agrupamiento.

NORMA: el Agrupamiento surgió en el 2011 cuando te conocimos a vos y empezamos con E. ducate, que vimos que juntándonos podíamos hacer varias cosas mucho mejor de lo que lo hacemos solas. Nos animábamos más a hacer otras cosas, entonces... empezamos a juntarnos las tres escuelas, las 66, la 79 y la 64 de la Alegría. Pero nos pusimos algunas cositas, algunos requisitos, para poder dar cabida a que ese agrupamiento era por afinidad y no era impuesto por Primaria como pasa en otros agrupamientos. Entonces, también se sumó la 27 que aquel entonces estaba Susana Rodríguez que era la directora antes de jubilarse. Lo principal era que las 4 maestras vivíamos en la zona de la escuela, nos quedábamos en la escuela, no viajábamos a Durazno o Sarandí del Yí. El otro requisito era que teníamos vehículo para poder movernos y reunirnos en una escuela o en la otra, en cualquiera de las escuelas del agrupamiento y tá, y luego tratar de que todo funcionara en equipo, que todo funcionara bien para todas. El trabajo colaborativo propiamente dicho, no. Que cada una trabajara para el bien del grupo de las cuatro escuelas, y no para el bien solamente de una escuela o de un maestro. Y así surgieron varias cosas dentro de eso. Un periódico que este año no lo pudimos editar en ningún momento porque hubo problemas de salud con una maestra, la otra maestra con licencia por maternidad, como que este año nos costó un poquito y bueno, este año no se editó ese periódico, pero hasta el año pasado sí, generalmente era mensual. Y tá, han surgido un montón de cosas, el Agrupamiento después de eso han surgido muchas cosas. Empezamos como algo de planificar juntas, de realizar jornadas para que los chiquilines se enriquecieran socialmente en cuanto a los juegos, a la parte académica también, la parte curricular, no. Muchos subieron la autoestima, fue fructífera esa parte. Después se hicieron otras cosas dentro del agrupamiento, una de las cosas más lindas que surgió fue la idea de realizar la fiesta cultural de fin de cursos en Agrupamiento. Ahí se sorteó para que fuera más democrático, se sorteó en que escuela iba a ser la primera fiesta y se hizo en la 66 la primera fiesta, luego siguió la 79 y luego la 64 en La Alegría. Luego volvimos la misma ronda, no, la 66, ahora este año va a ser en la 79 y el año venidero será en La Alegría, si dios quiere. No sé qué otra cosa te puedo contar.

⁷⁵Os anexos contêm a transcrição de uma entrevista e os três discursos de abertura de um festival cultural do final dos cursos das professoras do *Agrupamento*. Se apresentam na língua original, respeitando a fala tal como foi dita.

MARIEL: y ustedes... vos por qué decís 'surgieron otras cosas mejores'

NORMA: No, al principio, mirá Mariel, al principio fue como El Quijote, hicimos, tratamos, soñamos que íbamos a hacer tal cosa, tal otra y tal otra. Pero teníamos el miedo de que no nos acompañara la gente, porque nosotras solas las tres por más que tengamos un vehículo cada una y por más que nos juntemos y planifiquemos actividades juntas y que hagamos un montón de planificaciones para trabajar a diario con los chiquilines, que después, aunque la planificación sea igual, este... luego nosotras en la clase desglosamos de acuerdo a los niños que tenemos, no. Todos los niños no son iguales, cada escuela tiene sus particularidades, eso era lo que nosotros teníamos ahí más cercano. Pero después lo que teníamos miedo era que no nos acompañara la comunidad, y fuimos de a poquito, dando a conocer la forma de trabajar el Agrupamiento y todo eso y encontramos buena respuesta de toda la gente y hasta hoy en día nos acompañan. Hoy vos sos partícipe de que cuando se hacen los ensayos los padres acompañan, hay gente que nos ayuda a llevar los chiquilines, para poder realizar los ensayos en las otras escuelas, nos ayudan con algo para compartir, para que en el descanso los chiquilines tengan algo fresco para tomar, para comer algo. O sea, pienso que esas cosas también son buenas que surgieron a través del Agrupamiento, no. Y en realidad cuando se trabaja en agrupamiento son tres escuelas y parece que fuera una, una sola escuela con varios maestros. Porque cuando estamos todos juntos, los niños son de todas, y hay buena respuesta de la gente y hay buen relacionamiento con las tres comunidades y los docentes y los niños y entre comunidades, han surgido cosas lindas. No voy a decir que no han surgido de repente algunos inconvenientes, que sí que han surgido y hemos tenido que resolverlos entre todos, pero... pero

MARIEL: y vos por qué pensás que la fiesta, hiciste, así como que te da mucha emoción. Por qué pensás que la fiesta es una de las cosas más lindas que les pasó

NORMA: porque en realidad en ningún lado se hace, en ningún lado se ve que se junten tres escuelas a realizar una fiesta, un fin de curso o algo así. Y ellos lo esperan, ahora ya no, no, llega mitad de año, la mitad del año y ya te están preguntando. ¿Este año se hace la fiesta en tal lado? Ya lo tienen, ya lo asumieron, ya la gente lo espera y creo que cada año se va mejorando. Algunas cosas se van mejorando, algunas cosas que se vieron el año anterior que no fueron buenas se trata de mejorar al año siguiente. Bueno y de repente se trata de mejorar, si pasa alguna cosita que se nos escapó y de repente eso se mejora al año siguiente. Y eso a veces la misma gente te ayuda, te ayuda a encontrar esas cosas, son pequeñas cositas, pero que hacen la diferencia, no. Y sí... es algo lindo, lo esperan como algo de la zona, como algo ahora particular de la zona, porque la gente ahora ya se apropió de eso. Ya no es nuestro, ya la gente, la gente de la zona se apropió, Y ahora no somos, te cuento que no son solamente las tres escuelas que participan del Agrupamiento cuando hacen la fiesta. Sino que tuvimos la visita de comunidades de escuelas vecinas, el año pasado tuvimos la visita de gente de las escuelas de Ramírez que nos vinieron a visitar en algunos momentos. La escuela de Las Palmas, gente de la escuela de Cerrezuelo, teníamos gente allegada también con quienes tenemos buen relacionamiento. Entonces es como que se corre la voz y cada vez se va agrandando más el vínculo con las personas de las demás zonas

que son cercanas a esta; pero que no trabajan en Agrupamiento, no han podido hacerlo.

MARIEL: y por qué le pusieron Buenos Vecinos

NORMA: (se ríe) ... porque en realidad surgió, Belén, Belén le puso el nombre porque como en realidad esta zona el nombre es Unión de Vecinos y ella era alejada, no nos conocíamos. Belén era muy jovencita, hacia poquito que era recibida y se encontraba a veces con muchas cosas, muchas dudas. A veces llamaba por teléfono, a veces se venía hasta acá en moto, a veces venía en lo que fuere, entonces, ella decía que éramos buenos vecinos, entonces le quedó el nombre después el Agrupamiento Los Buenos Vecinos. A veces uno sólo le cuesta resolver algunas cosas, pero cuando hay tres cabecitas o cuatro pensando tratando de resolver algo, se resuelve mucho mejor, no.

MARIEL: es que en realidad cada una de las cabezas de ustedes son muchas más cabezas pensando, lo digo por la comunidad

NORMA: (ríe otra vez), si, si, si vos lo ves así

MARIEL: Pienso, te veo a vos y veo toda la gente que te apoya y las veo a ustedes tres y todas tienen un montón de gente que las apoya. No son ustedes solas. Y ahora, por ejemplo, ayer escuchándote hablar con tu nuera, yo creo que es como una escuela que se va organizando, armando. A partir del ejemplo de ustedes otros van buscando la forma de juntarse y hacer cosas en grupo. Tal vez es eso mismo que hace que los vecinos colaboren con las fiestas

NORMA: si, si claro...

MARIEL: Los vecinos de otras áreas, de otros parajes

NORMA: si creo que es un poco así

MARIEL: vos tenés 10 niños en la escuela, y eso representa a cuantas familias

NORMA: si son 10 niños, y son 7 familias. Si... es algo así como vos decís, y un poco en el principio del Agrupamiento la fiesta de fin de curso, me olvidé de contarte, surgió porque en aquel entonces yo tenía cuatro niños, una en sexto y tres en inicial. Silvana creo que tenía cinco, y Belén creo que también tenía cinco en aquel momento. Y nos poníamos a pensar, qué hacemos, qué actividad cultural hacemos. Porque podés hacer un montón de cosas, pero cuando querés mostrar algo diferente, se te complicaba... y ahí fue que surgió lo de la fiesta. Pero después cuando cada una vio que en la escuela se le iba incrementando la matrícula y hoy en día estamos trabajando con diez, once y doce en la otra escuela y son un montón de nenes para trasladar, para ensayar. ¡Pero tá, queda claro que el trabajo que se hace y los chiquilines ya también lo han asumido y los padres también... el trabajo se hace perfectamente, se puede hacer, se puede hacer!

MARIEL: yo conversé con Silvana en estos días, me falta conversar con Belén, ella señala eso que vos decís como lo 'colaborativo'. Ella no le llama colaborativo, pero dice: Norma que tiene estas aptitudes, estas habilidades, hace esto, fulana que tiene estas otras, hace esto otro, mengana, hace esto otro...

NORMA: Ahí está, es así, sí

MARIEL: pero es un ejercicio que no se realiza solo ni desde afuera que te mandan a hacer

NORMA: no, no es. Bueno, ahí está el trabajo colaborativo, uno de los principios del trabajo colaborativo es que cada participante trabaje en el bien del grupo, no por el bien propio suyo, por el bien del grupo. Entonces no tiramos cada una para su lado, avanzamos las tres juntas, tratando de que si a Silvana le falta un pañuelo yo se lo trato de conseguir porque así sale mejor el baile. A mí me falta una pollera y ella me la presta porque así sale mejor otra cosa, y a mí me falta una máscara para hacer otra cosa y viste que es así, es todo una ... hoy viste que la mamá aquella hizo una máscara para tres hormiguitas, de sus hijos. Cuando vio que a mí me faltaban siete más, fue a la casa e hizo las otras siete restantes que faltaban para que todos los niños las tuvieran. O sea que también los padres trabajan en forma colaborativamente. Y eso es lo bueno que vaya trasmitiéndose con el ejemplo, no diciéndole tienen que hacer esto, aquello, sino que sigan el ejemplo porque ven que se hace de tal manera. Y se hacen algunas cosas y no otras, sin decir nada ellos colaboran.

MARIEL: y eso... va más allá de los problemas que puedan tener entre las personas

NORMA: claro, es humano no, puede haber muchísimos roces porque somos seres humanos y cada uno es totalmente diferente, porque de eso se trata la diversidad. Pero eso hay que tratar de limarlo de la mejor manera posible para que todo salga bien, para que funcionen las cosas, sino no funcionan las cosas. Roces han habido montones, y te puedo decir que hasta las mismas maestras estamos re cansadas y de repente nos surge... y después nos damos cuenta y tá , y ya está. Y nos reímos y decimos, bueno, hoy ando con los pájaros volados (ríe)

MARIEL: pero nadie da explicaciones, ni pide explicaciones

NORMA: no, no, no es parte de la convivencia y como ya estamos acostumbradas, ya nos conocemos, no

MARIEL: igual eso fue en el 2011, pasaron cuatro años

NORMA: este es el quinto

MARIEL: es un esfuerzo colectivo

NORMA: Si, si, si

MARIEL: si te pones a pensar son apenas cuatro años y hay mucha cosa construida en lo cotidiano. A mí me pasa que, mirándolo de afuera, sin perder el contacto con uds ya sea por mail o wsp, me da la impresión que hay una cuestión ética también en todo este proceso. Vos lo dijiste cuando hablaste de las diferencias, de la diversidad, me parece que es muy profundo. No sé si eso responde al hecho de que sean escuelas rurales, de estar aisladas

NORMA: se trata de valorar a cada uno, dentro del Agrupamiento cada uno tiene su valor. Valoramos mucho el apoyo de cada uno. Valoramos mucho el respeto, sobre todo, y ahí entran en juego los valores, porque es una convivencia. Una convivencia de tres escuelas con tres comunidades. Pero hoy día, yo siempre digo, ahora ya se acostumbraron tanto, tanto, el tipo de actividades en Agrupamiento que un día les decimos: vamos a tomar mate abajo de un espinillo y se suman y van. Nada más porque vamos en Agrupamiento. Hace poco tratamos de ayudar y de trabajar en Agrupamiento con otra escuela, que está bastante alejada y bastante venida a menos en cuanto a la comunidad, no, con muchos problemas en la comunidad. Y armamos algo porque estábamos trabajando con un proyecto, dentro de un proyecto con la maestra CAPDER, era de Educación Física. Entonces armamos un tipo de caminata, aprovechamos que era la semana del corazón, armamos una caminata nos fuimos con Silvana hasta las costas del Río Negro, hasta la escuela de Paso Ramírez y allí compartimos con otra escuela que los chiquilines no conocían, no conocían la zona y ahí trabajamos un montón de cosas. Se trabajó en cuanto a geografía, en cuanto a la flora, la fauna, la utilidad, el río mismo, la actividad. Un montón de cosas y las madres de esos niños se sumaron y nos enseñaron un montón de cosas del río, y del monte ribereño que ellos tienen, espectaculares las mujeres. Entonces eso también se valora, y después Educación Física propiamente dicha, que estuvo muy bueno, y nos vinimos enriquecidas las dos maestras del Agrupamiento con una maestra jovencita que estaba en esa escuela y ella misma no conocía todo lo que ella tenía y todo lo que podía hacer dentro de su escuela, con los padres y con los niños. Entonces eso, como la gente está acostumbrada a escuchar mucha cosa de este Agrupamiento, viste, se sentían muy bien, fueron a recibirnos a la escuela, fueron las madres a recibirnos. Entonces hay varias cosas lindas, se logran cosas muy lindas trabajando en Agrupamiento y una de las cosas más lindas es que el maestro no está solo. Sos maestra unidocente, pero en el Agrupamiento no estamos solas, vos ves que a cada rato estamos mandándonos mensaje, o estamos llamándonos por alguna cosa siempre. Entonces no estás solo, y se usan todos los medios de comunicación, teléfono, celular, e-mail, bueno ahora con el whatsapp, yo estoy entrando recién... (se ríe), pero tá. Todo sirve y en todo momento se trabaja.

MARIEL: vos pensás por ejemplo, pensando colaborativamente como decís, que eso tiene como varias facetas. Uno que es lo comunitario, lo colaborativo, bueno

NORMA: lo curricular

MARIEL: lo curricular

NORMA: lo didáctico, lo pedagógico

MARIEL: por ejemplo, en el caso vos como profesional, vos y Silvana, Maestras, Gladys, Belén, toda la gente que se suma a esta onda del Agrupamiento

NORMA: si mucha gente se suma

MARIEL: vos no lo ves como una metodología, como una cosa que pueda ser escrita para ser replicada

NORMA: y en realidad nosotras lo trabajamos así porque fue por afinidad el Agrupamiento que hicimos. Pero hoy día, por ejemplo, cuando en la inspección hacen algunas reuniones con maestros rurales, piden y solicitan que se trabaje por afinidad, un Agrupamiento por afinidad, porque está dando buenos resultados en una zona

MARIEL: es en ésta

NORMA: no la nombran, pero nosotros sabemos que es esta zona donde está dando resultados porque se trabaja bien. Trabajas cómoda, además, se trabaja cómodo. Porque de repente Silvana, ella dice que es un poco desordenada en la planificación, bueno, pero cuando planificamos, planificamos las tres juntas una misma planificación y después vamos y la desglosamos en la clase. Entonces ahí se está beneficiando ella verdad, le estamos dando una mano a ella que dice que tiene carencias en ese sentido. Y después de repente yo tengo carencias en otras áreas y ellas me están dando un mando a mí. Y así está bueno, y Belén que es maestra, además de maestra de Educación Común es maestra de Inicial, nos da una mano en cuanto a eso porque hoy día tenemos una cantidad de chiquitos. Las escuelas están teniendo muchos de Inicial y Belén es de los dos, es de Inicial y es de Común.

MARIEL: y vos en qué te sentiste más fortalecida, en esta experiencia así, porque vos siempre fuiste unidocente

NORMA: yo siempre fui unidocente, si. Yo que sé... qué querés que te diga

MARIEL: cualquier cosa que vos sientas que haces ahora desde el Agrupamiento mejor de lo que lo hacías antes, o que captaste de las demás, o que te propusiste porque te sentiste más segura en el Agrupamiento para hacer cosas que no habías hecho sola. Porque lo que he visto es que todas te consideran mucho más, no por...

NORMA: más vieja (se ríe) me consideran

MARIEL: no, no ellas consideran que vos tenes otras aptitudes para la tecnología, y para apropiarte de ella, por ejemplo. Cómo que te dedicas más, que sos como la más full time

NORMA: puede ser, me involucro demasiado, tal vez. Me involucro en cada cosa que hago porque lo hago a conciencia, pero además lo hago de alma. Porque me gusta la docencia, me gusta lo rural, me lo gusta lo de colaborar, la solidaridad. Me

gusta todo lo que tiene ese entorno. Entonces, un poco, Belén se ríe porque dice que soy un poco el alma del Agrupamiento, pero no es en sí eso. Ellas lo ven un poco así, pero no, es porque nunca me achico. Me están pisando y yo saco la cabeza por algún lugar (se ríe) ... Me están pisando y yo saco, ahí entonces no me achico, tal vez sea por eso. Porque si fuera a veces por algunas cosas el Agrupamiento hubiera dejado de funcionar, pero no. Si surge un problema, lo resolvemos y seguimos, capaz que con más énfasis para poder darle para adelante. Entonces un poco capaz que por eso ellas lo ven así. No me achico, no, no, no me dejo, nunca me ven ... no me dejo vencer por nada. Saco la cabeza pa'donde sea, ante la adversidad trato siempre de darle para adelante. Capaz que a veces, dentro del grupo, capaz que soy yo la que ando peor, pero no, siempre en el grupo estoy dando para adelante a las chiquilinas y eso también anima. Y tá, un poco por eso de repente

MARIEL: porque de experiencia de docente sos la más vieja

NORMA: ¡soy la más vieja... si, si me lo dijiste nomás!!! (se ríe mucho) soy la más vieja... y tá

MARIEL: pero mirá vos, parece una contradicción, a ver vos decís que sos la más vieja, pero sos la que primero aceptó los cambios, por ejemplo, en la tecnología... parecería que la edad no tiene nada que ver entonces

NORMA: no tiene nada que ver... porque yo no me dejo vencer, no te digo. Porque en un principio, primera cosa que me enfrenté a la computadora, y pobrecito Gonzalo estaba en Florida, haciendo el liceo en Florida. Yo me había acostumbrado a que, si yo precisaba un documento, Gonzalo me lo hacía. Y yo precisaba cualquier cosa, él me lo hacía. Cuando se me fue, hizo hasta cuarto en el liceo de La Paloma y no había más, era hasta ahí y tuvo que trasladarse a Florida. Y ahí dije, ¿qué hago, yo lo llamaba por teléfono y me enfrentaba a la computadora y le preguntaba qué hago? Bueno y él me decía todas las cosas, 'metele los dedos mamá y hacé esto, hacé aquello'. Cuando yo empecé, empecé así, metiendo el dedo. Ya después empezaron algunos cursitos ahí, on line y yo me metía y los hacía. Ya después empecé a investigar y a investigar y nos dieron las XO y ahí empecé a investigar más aún. Era una herramienta y no era que 'si te gusta usar, usala'; era que había que usarla. Vos tenías que decir 'la uso o la uso' (se golpea las manos), ahí me preguntaba, pero cómo la uso, si yo no sé. Entonces ahí arrancamos a buscar información, a ir a charlas, a ir a cuanto cosa hay. Y a causa de esas charlas y nos decían 'hay una charla con las XO, hay una charla con las ceibalitas. Hay una capacitación para hacer tal cosa'. Y así fue que yo me fui de cabeza... y te conocí... (nos reímos juntas). Dijeron que era una charla con la ceibalita que había en Sarandí del Yí y que vamos, vamos y a mí no me invitaron, pero igual porque era para la gente cercana a Sarandí del Yí e igual me dijeron 'venite, venite'. Y yo aproveché y allá tocamos las tres en un auto y llegamos allá y cuando empezaron no era nada que ver, nada que ver. Era de e.ducate y terminamos de coladas y ahora ...

MARIEL: yo de visita en tu casa ahora cinco años después

NORMA: y sí, mirá como terminamos. Pero son esas cosas que vos decís, con tal de

mejorar la calidad de lo que vos estás haciendo dentro del aula. Haces estas cosas, terminar en una reunión que no tenía nada que ver con lo que nosotras pensábamos que era

MARIEL: claro porque era participar en un proyecto de tecnología, pero no era lo que uds pensaban

NORMA: no, no era, además nos dijo 'traigan las ceibalitas que vamos a hacer...'. Nosotros fuimos con el cargador, la ceibalita, y no tenía nada que ver. Por eso yo te dije, levanté la mano y dije que no me habían invitado.

MARIEL: bueno... desde ese momento hasta ahora no nos ha ido tan mal haciendo cosas juntas, gracias Norma por tu tiempo y tus palabras, después seguimos con otros temas si te parece bien.

NORMA: dale, gracias a vos por todo lo que nos has aportado en estos años y vamos a seguir conversando mientras te quedas aquí estos días hasta la fiesta

ANEXO II

Relatório de atividades do AGRUPAMENTO BONS VIZINHOS
Assinado pela professora Norma Acosta Díaz

Creación: abril de 2011, aunque sin estar agrupadas las escuelas ya se realizaban actividades en conjunto desde el año 2009

Son cuatro Escuelas Rurales de zonas cercanas entre sí, que se han agrupado por afinidad de sus docentes y además estas docentes viven en sus escuelas o en la zona de las mismas, no viajan a la ciudad de Durazno frecuentemente, y lo más importante es que hacemos cosas porque lo sentimos como una necesidad para no estar solos en el medio del campo, como una manera de "crecer" en nuestra profesión, pero acompañados.

Estas Escuelas Rurales son: N° 27 de Las Palma, N° 64 de La Alegría, N° 66 de Cerro Juan Jorge, N° 79 de Paso del Gordo.

Se busca poner en práctica la realización de actividades en forma cooperativa, apuntando a los componentes básicos del **trabajo colaborativo**: interdependencia positiva, interacción estimuladora, habilidades interpersonales y grupales, responsabilidad individual y del equipo, evaluación de los resultados y del proceso.

Se cuenta con un Blog: Escuela66durazno.blogspot.com,
O se puede buscar en la blogósfera del **Portal Ceibal**: Agrupamiento Buenos Vecinos.

Proyecto interinstitucional: El periódico “Buenos Vecinos”,

Se comenzó en mayo de 2011, luego de un diagnóstico realizado por las cuatro docentes, donde se constató que las cuatro instituciones tenían dificultades en el área de lenguas.

Nos encontramos inmersos en una zona ganadera, forestal, agrícola y ahora también minera. Dentro de la zona de cada escuela participante del proyecto, ésta es la única institución pública que hay como núcleo para la comunidad.

Las cuatro escuelas trabajan con multigrado de inicial a sexto año.

Los niños y maestras de estas escuelas emplearán el periódico escolar para dar difusión a sus actividades más relevantes y acontecimientos importantes en la zona de cada Escuela Rural.

Este periódico se imprime mensualmente con el aporte de las escuelas del agrupamiento. Esos aportes llegan a la Escuela 66, que es quien lo diagrama e imprime, a través de e-mail, en un pendrive o en la misma XO que trae la docente.

Proyecto Ver Para Aprender:

Las 4 Escuelas de este Agrupamiento, son participantes del Proyecto Ver Para Aprender.

VER PARA APRENDER propone el uso de vídeos educativos para contribuir a mejorar la calidad de la educación en el medio rural. Les ha parecido a todas las docentes, algo muy importante el que se les permitiera participar de este proyecto, ya que todas estas Escuelas Rurales están bastante alejadas de las ciudades de Durazno y de Sarandí del Yi. La coordinadora Mariel Cisneros colabora con sus aportes para nuestra mejor integración al proyecto.

Proyecto Flor De Ceibo:

PROYECTO "FAMILIA, ESCUELA Y TECNOLOGÍA" UDELAR, equipo Flor de Ceibo (Antropóloga Mariel Cisneros y grupo de estudiantes universitarios), Equipo CCTE (Mtras. Cristina Figueredo y Bernadette Pereira).

Estas escuelas del Agrupamiento se presentarán con actividades sobre este proyecto, en la primer Feria de Ceibal Rural a realizarse en Capilla de Farruco en el mes de octubre 2012. Tema: La producción rural y los tics. Para ella elegimos el tema: El caballo; y como subtema: el caballo criollo.

Reuniones de Docentes:

Las docentes se reúnen generalmente una vez a la semana o las cantidades necesarias, para realizar planificaciones de aula (planes de proyectos, unidades, secuencias de contenidos, secuencias de actividades) , de jornadas en agrupamiento: con el odontólogo, festejo del día del niño, del comienzo de la primavera; la presentación y programación de las escuelas en la Feria de Ceibal Rural; el Acto de Clausura de Cursos en Agrupamiento. Generalmente se realizan las reuniones en la Escuela 66 por motivos de ubicación estratégica frente a las demás escuelas. Cuando no se pueden hacer las reuniones, se usan otros medios de comunicación: teléfono, redes sociales o correo electrónico.

Encuentros año 2012

- 1- Primera visita del odontólogo a la Escuela N° 66. Participan escuelas del Agrupamiento y Las Escuelas N° 62 de Ceibal y la N° 54 de Cerrezuelo.
- 2- Festejo del día del niño: en Escuela N° 64 de La Alegría. Participan las Escuelas N° 64 de La Alegría, N° 66 de Cerro Juan Jorge y N° 79 de Paso del Gordo.
- 3- Recibimiento de la Primavera, en Escuela N° 79 de Paso del Gordo con actuación del Coro Voces de La Paloma, del Pueblo La Paloma (Escuelas N° 64, N° 66 y N° 79), octubre o noviembre.
- 4- Presentación en la Primera Feria Ceibal Rural a realizarse en Escuela N° 24 de Capilla de Farruco.
- 5- Acto Cultural de fin de Cursos de las Escuelas N° 64, N° 66 y N° 79, en el local de la escuela N° 64 o la N° 79 (en 2011 se realizó en Escuela N° 66).
- 6- Otras a definir.

Encuentros año 2013

Este año no contamos con la maestra Susana Rodríguez de Escuela N° 27.

- 1- Segunda visita anual del odontólogo a la Escuela N° 66. Participan escuelas del Agrupamiento y la Escuela N° 54 de Cerrezuelo.
- 2- Festejo del día del niño: en Escuela N° 54 de CERREZUELO. Participan las Escuelas N° 64 de La Alegría, N° 66 de Cerro Juan Jorge y N° 79 de Paso del Gordo, N° 57 de Cuchilla de Ramirez, N° 76 de Paso de Ramirez, N° 27 de las Palmas, N° 62 de El Ceibal y TRES Escuelas Rurales de Cerro Largo.
- 3- Participación del Proyecto Zona de Exploración de Edúcate y Proyecto Sensores en la Escuela.
- 4- Realización del curso de cestería en papel de periódico, cada 15 días en escuela n° 66. participan niños, ex alumnos, vecinos y maestras de las Escuelas N° 79 y 66. Apoya Durazno Integra (I.M.D)
- 5- Setiembre- Presentación en la Feria Ceibal a realizarse en Escuela N° 32 de Blanquillo. Tema presentado: ¿Qué podemos hacer en la Escuela con la basura? Actividad Scratch.
- 6- Concurrencia a Campamentos educativos: Kiyú y Raigón.
- 7- 22/10/13 – Festejo del Día del Niño Rural en Sarandí del Yi.
- 8- 18/11/13 – Presentación en la Expo de los Artesanos, en el marco de la Semana de la Paloma.
- 9- 10/12/13 - Acto de Inauguración de la placita de Juegos en Escuela N° 66 y cierre del Curso de Cestería en papel periódico.
- 10- Acto Cultural de fin de Cursos de las Escuelas N° 64, N° 66 y N° 79, en el local de la escuela N° 64 de La Alegría.

Cantidad de niños en cada Escuela año 2013:
N° 64- 9 niños.

Nº 66- 13 niños

Nº 79 – 9 niños

Recursos

Solo se cuenta con el apoyo económico de las cuatro comunidades (vehículos, gastos de los alumnos, alimentación para cada salida, etc.) y de las docentes del Agrupamiento (vehículos y combustible para su funcionamiento).

A handwritten signature in blue ink, reading "Norma Acosta de León", written over a horizontal dotted line.

Maestra Directora Norma Acosta de León
Agrupamiento 'BUENOS VECINOS'

ANEXO III

Depoimento da Professora Belen depois de terminar a festa de benefício escolar na escola en setembro de 2017.

Encontra-se na sua página de Facebook e foi compartilhado no grupo de whatsapp que criamos junto com as outras integrantes do *Agrupamento*.

¿Qué es un beneficio escolar?

Es trabajo, alegría, emoción, esfuerzo, cansancio, esmero, satisfacción, pero por sobre todas las cosas un gran AMOR a lo Rural y a las Escuelitas. Son padres que madrugan para tener el fuego listo para los asados y chorizos; son madres que amasan con toda la dedicación para que sus creaciones sean deliciosas y vistosas. Son personas que ponen a punto la escuela para abrir sus puertas y recibir a todos con el mayor agrado y Amor. Tenemos amor a esas escuelas rurales muchas veces olvidadas por muchos. Pero que siguen existiendo, por el amor incondicional de sus maestros/as que olvidan sus familias y vidas personales. Somos los que corremos y hacemos Kilómetros atrás de la gran burocracia para que todo salga impecable, somos los que damos la cara para pedir ayuda y colaboración. Son vecinos que ayudan, son estancias que donan (aclaro, no por que tengan, tienen la obligación de dar) y lo hacen de corazón. Son padres, madres, abuelos y vecinos que corren, alientan y dan hasta sus suspiros para brindar lo mejor.

¿Lo mejor para quién? Para todas esas familias, corredores, comunidades vecinas que vienen a dejar todo para que la escuela pueda recaudar fondos. Para brindar un servicio de excelente calidad. Somos nosotros los maestros/as y las Comisiones de Fomento los que ponemos el pecho y el hombro por nuestras Escuelitas rurales. Siempre decimos lo mismo: GRACIAS, GRACIAS, GRACIAS. A los presentes, a los que estuvieron de una u otra forma y a los de "arriba" que nos dejaron su ejemplo a seguir. A todos Muchas Gracias por estar en el beneficio de Escuela Rural N 64 La Alegría, Durazno.

Atte. Maestra Ana Belen

ANEXO IV-

Discurso da Professora Belen

Dezembro de 2016 (anfitrião da festa na escola N° 64 La Alegria)

Buenas tardes a todos.

Quiero empezar agradeciendo a los padres de los niños por escucharnos cuando venimos con nuevas propuestas. A la Comisión Fomento y a los vecinos sólo palabras de agradecimiento, en un año que nos ha tocado reponernos a los obstáculos que nos presentó el diario vivir y siempre estuvieron ahí, al pie del cañón. Creemos y confiamos que las acciones valen más que mil palabras y el gesto de estar aquí y acompañarnos vale la pena mencionarlo y valorarlo, porque todos somos responsables de la educación de nuestros niños, no importa a que comunidad o escuela pertenezcan; a todos muchas gracias.

No puedo dejar de agradecerle Padre Cholo y a todos los jóvenes que dejaron por unos días sus actividades para brindarnos alegría y una ayuda desinteresada, a todos ustedes mil gracias.

Al profesor de Educación Física, Oscar Pecci, gracias por acompañarnos todos los lunes y mejorar la calidad de vida del niño rural.

A la profesora de inglés, Carolina, gracias por estar presente, por pertenecer a este equipo docente y por tu hermosa labor de brindar amor y conocimiento, que comenzaste muy tímidamente ya hace tres años. A mis compañeras de trabajo Silvana, Carla, Estefanie, gracias por enriquecer la labor docente.

Por eso me gustaría terminar con una frase anónima que resume el espíritu de nuestro abuelo Neber, que al igual que ustedes un día estuvo entre nosotros y nos dejó su hermoso ejemplo de vida: 'vive cada momento, aprovecha ahora que estás aquí, porque todo pasa y el tiempo no se detiene ni siquiera para decir adiós'.

Muchas gracias (aplausos)

ANEXO V-

Discurso da Professora Silvana

Dezembro de 2016 (festa na escola Nº 64 La Alegría)

Muy buenas tardes para todos.

Lo primero es lo primero, agradecer a la maestra Ana, agradecer a sus padres, a sus vecinos, a los integrantes de la Comisión, a todos los de la comunidad de La Alegría, por el recibimiento tan cordial y por hacernos sentir como en nuestra casa. Eso en primer lugar.

En segundo lugar, me adhiero a las palabras de la maestra Belén, estoy totalmente de acuerdo con lo que ella dice y creo que no queda mucho más por agregar, simplemente lo que siempre hacemos, agradecer y siempre agradecer a todos ustedes por el apoyo, por la compañía, por la presencia, por siempre estar ahí y por darnos siempre para adelante con nuestros trabajos.

Por último, bueno, tal vez una reflexión sobre lo que fue el año de trabajo. Hoy estamos terminando un año más de actividades en Agrupamiento y ese es el motivo de esta fiesta, no es un acto, es una fiesta, para lo que estamos todos reunidos disfrutar y bueno, si hacemos un balance del año podemos ver que hemos tenido muchas cosas buenas y también hemos tenido de las otras. Pero lo positivo es que creo que todos nosotros hemos podido rescatar lo bueno de lo bueno y de lo no tan bueno. De lo que no ha sido tan bueno hemos sacado una enseñanza, un aprendizaje y eso es lo que importa verdad?. Rescatar, rescatar los valores del compañerismo, la solidaridad, la ayuda, el compromiso, la entrega, la amistad, el respeto y la pasión que le ponen todos ustedes y que le ponemos cada una de nosotras a lo que hacemos. Que sin eso, creo que esto no sería posible, la prueba está que año tras año lo venimos haciendo y siempre tenemos una buena respuesta de los padres.

Así que lo único que me queda es agradecer por todo eso y pedir, exhortar que esos valores se sigan manteniendo y que sigamos trabajando por eso, que es lo que en definitiva nos permite encausar a nuestros niños verdad?

Y nosotros sólo con el trabajo como maestros no podríamos hacerlo sino contáramos con ustedes, padres, vecinos, amigos.

Así que ... nada, muchas gracias. (aplausos)

ANEXO VI-

Discurso da Professora Carla

Dezembro de 2016 (festa na escola Nº 64 La Alegría)

Ya me adelantaron camino porque lo dijeron todo.

Bueno, agradecer infinitamente a las tres comunidades. Bueno hoy la maestra Lucía que en alguna oportunidad también trabajó con nosotros, hoy no pudo estar, pero veo por ahí padres de esa zona que también siempre nos abrieron sus puertas cuando anduvimos por ahí haciendo alguna actividad. Así que no me queda más que agradecer a las distintas comunidades que nos han recibido a lo largo del año con las propuestas que nosotros llevamos.

Agradecer infinitamente a mis padres, entre comillas, a los padres de nuestros alumnos, de Estefanie y míos, porque ellos se prendieron a la propuesta nuestra de integrarnos al Agrupamiento, cosa que hacía años que la Cuchilla no participaba de estos encuentros. Y eternamente agradecida porque solo los maestros nada hacemos, entonces fundamental la tarea de los padres, el apoyo, el acompañamiento que tenemos, y a la prueba está, tenemos once niños acá de los diecinueve que tenemos en total.

Entonces, bueno, rescatar eso, rescatar el espíritu de hermandad, de solidaridad, de respeto, de compañerismo, de amistad, rescatar también que el Agrupamiento no es solamente juntarnos a jugar. Es juntarnos a hacer muchas actividades, sobre todo algo cultural, algo que trascienda lo que es la escuela, algo que les sirva para la vida a ellos y también la integración de las comunidades, de los padres. Me encantaba cada vez que íbamos a una actividad de Agrupamiento ver el trato que tenían entre los padres, los niños como se integraban, todos somos iguales, allí no hay diferencia, no se nota.

Simplemente se nota que somos maestras porque teníamos la túnica, pero estábamos todos totalmente integrados y eso está bueno rescatarlo.

Así que bueno, seguir trabajando en esos valores de solidaridad, compañerismo, cultivar la buena persona es lo que más, ya no es tanto lo que sabemos o no sabemos, sino ser buenas personas y tener buenos hábitos con los demás, eso creo que destaca profundamente la persona que somos.

Bueno, nosotros le ponemos todas las ganas, como ustedes lo ven y como dijo la maestra Belén, las palabras sobran cuando las acciones hablan.

Así que bueno, los convoco al año que viene seguir trabajando por este Agrupamiento, que vale la pena! (aplausos)